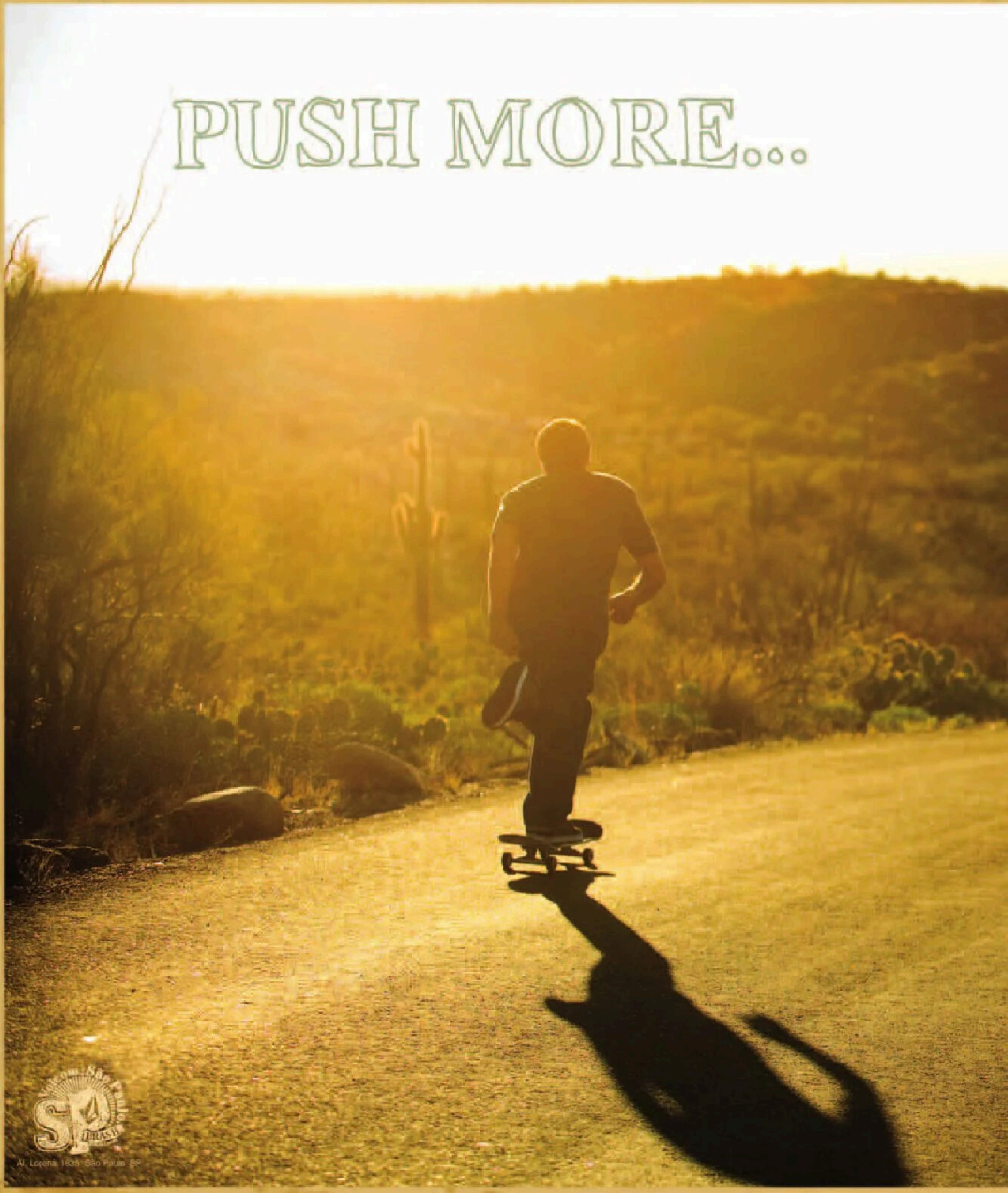
SOMA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

005

PUSH MORE...



Al. Lorena, 1635 São Paulo SP

DRIVE LESS.

volcom
V.Co-logical
series™
Aaron Suski shot by Matt Price
Volcom V.Co-Logical Series incorpora o progressivo estilo Volcom a um trabalho ambiental e consciente.
Acesse volcom.com/vcological para saber mais.
1%
PLANET

Rio de Janeiro | São Paulo | New York | Lisbon | Geneva | Milan | Rome | Tokyo

SURFING
THE CITY
OSKLEN
OSKLEN

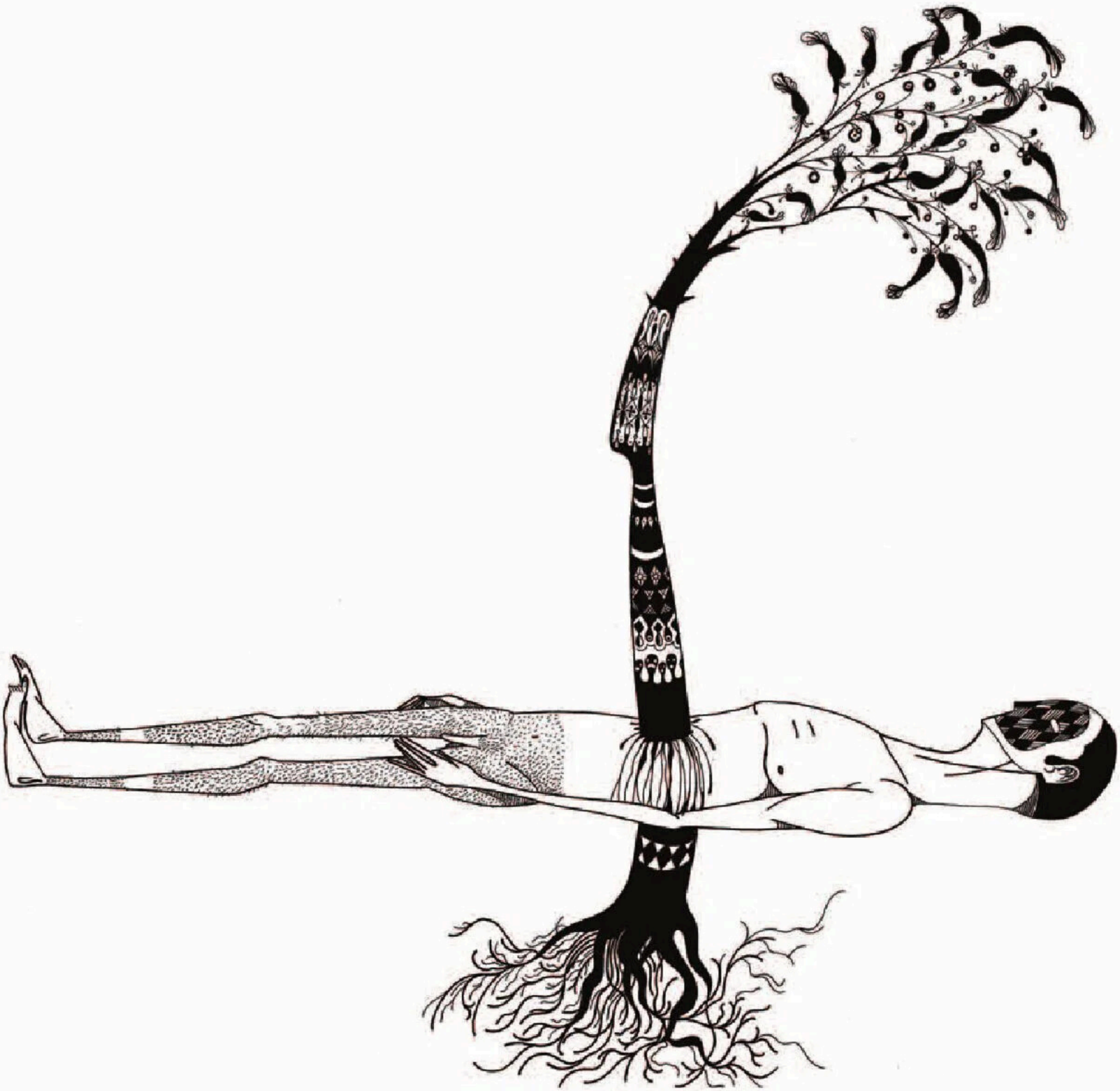
adidas
ORIGINALS

MARK GONZALES

Wallie in the Gonzelie

© 2008 adidas America, Inc. adidas, the trefoil logo and the 3-Stripes mark are registered trademarks of the adidas Group.

adidasskateboarding.com



Buscando Conforto no Desconforto.

Definir conforto é uma tarefa mais que complexa, quase impossível, já que o que para algumas pessoas pode ser uma situação extremamente confortável, para outras é um verdadeiro inferno.

Quando Herbert Baglione diz que gosta do desconforto ou Kiko Dinucci constrói uma carreira pelo "avesso", contrariando as tendências de mercado ou ainda um Rockers Control vai buscar o lado mais obscuro do reggae jamaicano para construir sua música, todos, de um jeito ou de outro, estão colocando para fora seus embates particulares ou seus desconfortos.

A arte independente é um campo frutífero para essas almas que se descobrem diferentes e que resolvem transformar esse incômodo em arte, em estilo de vida, motivados pela esperança de um mundo melhor. Todos os personagens que se acotovelam em nossas páginas tem aquele "sangue no olho" necessário para não se deixar abater pela apatia, por um mercado e uma indústria cultural que preferem produtos anódinos e de alcance certeiro, porém perecíveis. Siba certamente não estava preocupado com as demandas da indústria fonográfica ao encerrar uma história vitoriosa com o Mestre Ambrósio e voltar, literalmente, às suas raízes. O artista norte-americano Don Pendleton por sua vez não deu ouvidos ao que diziam seus professores na escola de arte para moldar um estilo único de desenhar e conduzir com personalidade uma carreira bem sucedida.

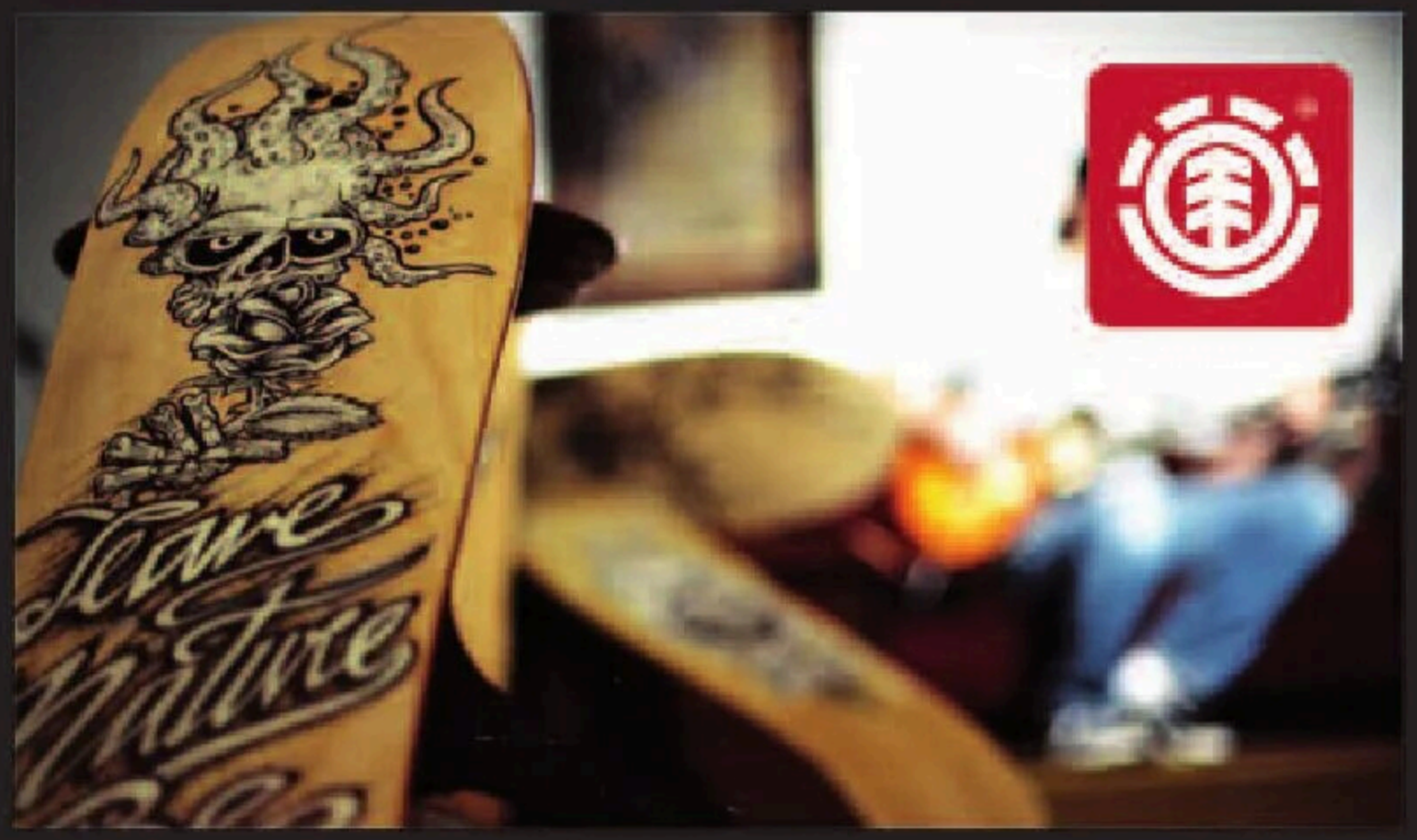
Em comum, são pessoas que não se encaixam no padrão pré-estabelecido e, diferente da maioria, ignoram o que a mídia de massa e o sistema insistem em tentar empurrar goela abaixo. Assim, ao invés de ficar reclamando da vida, contra-atacam com uma das armas mais poderosas que o homem conhece: **a arte.**

Muita gente desacreditou, mas uma revista que nasceu há menos de um ano para dar voz e fortalecer a cultura alternativa, em plena crise do mercado editorial, vive, cresce e chama atenção. E mês sim mês não, eis uma nova edição com o que existe de mais interessante na cena independente para você.
Porque é como o Sérgio Vaz, uma dessas figuras fantásticas que a gente fez questão de apresentar à vocês nessa edição, sugere em um de seus poemas: "Segure a mão de quem está na frente e puxe a mão de quem estiver atrás"

Até a próxima,

+SOMA

ELEMENT ADVOCATES
Element



ELEMENT ADVOCATE BILLY ARGEL

Publicitário e artista plástico, já transitou em diversas formas de arte, como grafitte, fotografia, aerografia, xilo, pintura, serigrafia, entre outras. Skatista da primeira geração do esporte, consagrou-se campeão amador na categoria vertical no primeiro **WAVE CHAMP**. Foi o primeiro skatista longboarder em vertical. Amante das artes, iniciou seu trabalho artístico em serigrafia em 1981. Em 1986, seu personagem de stencil torna-se uma marca e passou a ser vendida em shoppings de São Paulo. Fundador da **HIGH-GRAPH STUDIOS**, pioneira na área de arte direcionada para esportes de ação, criou grande parte dos ícones, logotipos, decks e conceitos para as melhores marcas de skate e surf nas décadas de 80 e 90. **BILLY** também é guitarrista da banda **LOBOTOMIA**, que lançará um novo álbum este ano. Entre as diversas atividades, **BILLY** foi proprietário das lojas **VISTA** e **CASAMARELA**, na década de 90 em Florianópolis, especializadas em arte, moda e decoração, onde possuia seu ateliê de arte e pintura. Atualmente, trabalha na área de desenvolvimento de conceito e reposicionamento de marcas, pintura, ilustração e executando trabalhos para vários países. Nas horas vagas é designer de fontes para **PC** e **MAC**.

BILLY ARGEL

ARTISTA PLÁSTICO | MÚSICO | SKATEBOARDER

elementskateboards.com/advocates

fotos: F. BITÃO • marketing@elementskateboards.com.br

+CONTEÚDO

Na Zona de Desconforto com Herbert Baglione.....20

Low_res nyc bike mobile cam shots.....30

Natureza.....52

Lado B do Reaggae.....82

Passado, Presente e Futuro de P. Druillet.....92

Oficina de Zen-Shiatsu.....100

Reviews.....94

HQ.....102

Versões e Subversões.....99

Contra-Fluxo.....90

A Música Inconformada de Kiko Dinucci.....76

Don Pendleton.....46

Sérgio Vaz, Dragão da Cooperifa contra o Exército da Mediocridade.....32

Siba o Mestre.....62

Trilha Sonora para Livros Infantis.....86

Revolution Mother.....94

Um Bom Encontro.....96

Sobre Tudo.....88

Sketch Books.....68

Shuffle.....40

.....18

F / NAUDA 5465

BONECOS UM POUQUINHO
DIFERENTES DO SEU ÚLTIMO BONECO.

PLASTIK™

www.plastiksp.com.br
Rua Dr. Melo Alves, 459 - São Paulo - Brasil
55 11. 30812056 - 55 11 30811714

O projeto **+Soma** é uma iniciativa da **Kultur**,
estúdio criativo com sede em São Paulo.
Para informações acesse: **www.maissoma.com**

Iniciativa .

Kultur Studio
Rua Sampaio Gois . 70 . Vila Nova Conceição
04511 070 . São Paulo . SP
www.kulturstudio.com

REVISTA SOMA #5
Maio 2008

Fundadores . **Kultur**
Alexandre Charro, Fernanda Masini, Rodrigo Brasil e Tiago Moraes

Conselho Editorial .
Alexandre Vianna, Flavio Samelo, Helena Sasseron,
Marcelo Fusco e Rafael Jacinto

Editor . **Tiago Moraes**

Redação . **Arthur Dantas**

Revisão . **Mateus Potumati**

Projeto gráfico . **Fernanda Masini**

Arte . **Fernanda Masini e Tiago Moraes**

Fotografia . **Cia de Foto**

Conteúdo áudio-visual .
Alexandre Charro e Luciano Valério

Colunistas .
Gustavo Mini, Keke Toledo, Lu Krás, Tiago Nicolas e Breno Tamura

Gostaríamos de agradecer à Família Baglione, Tatiana Ivanovici, bar do Zé Batidao, Prefeitura de Taboão da Serra, Editora Agir, Walter Nomura Tinho, Emerson Pingarilho, Patrícia Pacolli, MZK, Herbert Baglione, Don Pendleton, Marina Buendía (Galeria Vermelho), Auditório do Ibirapuera, Família Dinucci, Bar Ó do Borogodó, Miguel de Castro, Elisa Cardoso, Conrad Editora, Cospe Fogo Gravações, Cosac Naif Editora à todos que enviaram material para resenha, aos anunciantes e aos pontos de distribuição da revista.
Nosso mais sincero muito obrigado!

Agradecimento especial a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que essa revista se tornasse realidade. Ao conselho editorial, a todos os colaboradores de texto, foto, arte, e a todos da **Cia de Foto**.

Todos os artigos assinados e fotografias são de responsabilidade única de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

Publicidade . **Cristiana Namur Moraes**
T. 55 11 3849.2045 . cris@kulturstudio.com

Para anunciar ou enviar material para review, entre em contato através do telefone **11 3842.6717** ou escreva para **info@kulturstudio.com.**

Capa .
Arte de Herbert Baglione

Periodicidade . **Bimestral**
Distribuição . Gratuita em lojas, restaurantes, bares, cafés, galerias de arte, museus, centros culturais, cinemas, shows e casas noturnas.
Veja os endereços em . **www.maissoma.com/info**
Papel . Nova Mercante
Impressão . Prol Gráfica
Tiragem . 10.000 exemplares

EXISTEREO | PAPA G
VONZIPPER

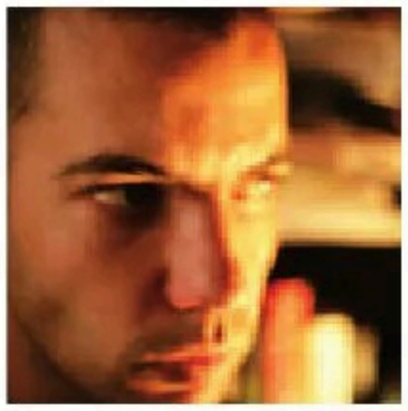
+COLABORADORES

Bruno Nunes

Desde criança já sabia que
queria ser ilustrador...quando
adulto se formou pela Escola de Design
de Minas Gerais e ainda aprendeu
a dedilhar um instrumento musical
e hoje é um dos integrantes da banda
de "Música Livre" Constantina.

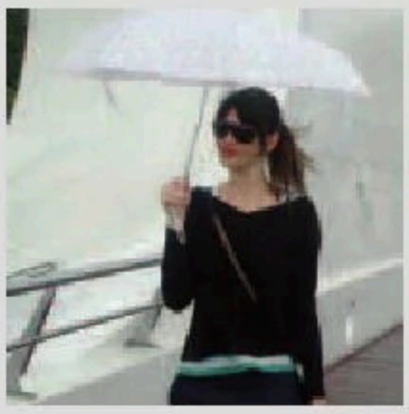
Marcelo Viegas

Marcelo Viegas é skatista,
cientista social, redator da
CemporcentoSKATE e vocalista da banda
ästerdon. Já teve loja na Galeria do Rock,
selo independente e fanzine.
Adora comer peixe Vermelho frito,
fazer caipirinha para os amigos e ler
André Comte-Sponville,
não exatamente nessa ordem.



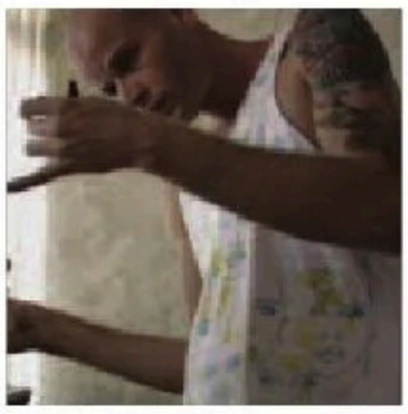
João Wainer

Ex-assistente do fotógrafo Bob Wolfenson,
é fotógrafo da Folha de S.Paulo desde
1996, diretor de fotografia da série de 12
documentários "Chico Buarque". Expôs em
2007 na Bienal de Imagens do Mundo, em
Paris. Publicou os livros *As Últimas Praias*,
Carandiru, Páginas de uma Memória e
Tsss.... Publica regularmente em revistas
como Rolling Stone, Trip, Marie Claire,
e muitas outras. Recentemente foi
agraciado com o prêmio Dom Quixote de
La Perifa, no Capão Redondo.



Helena Sasseron

Produtora e stylist
nascida em SP, acredita no
“cada um com seu cada qual”.
Filmes e arte sempre que
sobra um tempo.
Música o tempo todo.



Jorge Menezes

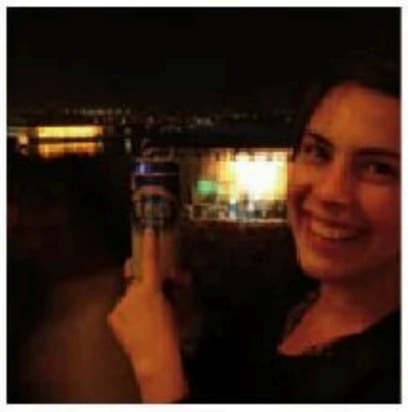
Maquiador baiano,
colaborador do editorial
Sobreposições desta edição.

Alexandre Vianna

Alexandre Vianna é skatista,
jornalista, fotógrafo e
criador/editor da CemporcentoSKATE.
É workaholic, não assiste televisão,
e não desiste de continuar trabalhando
pra que o estilo de vida do skate,
e da cultura ligada a ele,
seja legal no Brasil.

André Sader

André de Toledo Sader
é o fotógrafo que assina o editorial
de moda dessa edição,
e também se joga em outras artes.

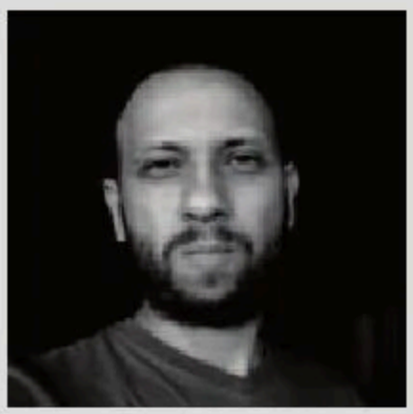


Elisa Cardoso

Mochileira tardia,
punk de boutique, ilustradora
ocasional, designer de férias,
em busca de uma vida menos
digital e mais analógica.

Joaquim Ghirotti

É diabolista, *bon vivant* e
caçador de perigos. Formado em
História e Cinema, fez seu mestrado
em roteiro de cinema. É professor
da Universidade Metodista, SBC.
Escuta bandas da Earache.



Magrão

Ricardo Fernandes, o Magrão,
é paulistano, corinthiano,
diretor de arte e DJ do
Dubversão Sistema de Som.

5HUFFL€

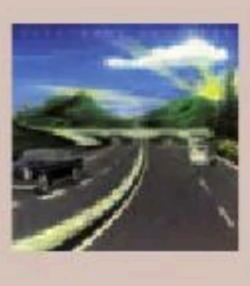
POR TIAGO NICOLAS

Grande Lauro Mesquita! Filho do Mesquitão, mineiro de Pouso Alegre, ex-Space Invaders, hoje trabalha - mas não atua - no ramo da sacanagem [Lauro é editor da revista EleEla]. O Lauro e o seu irmão gêmeo, o crítico de arte Tiago Mesquita, são muito provavelmente as duas pessoas mais cultas e bem informadas que eu conheço - não só de música, mas de política, variededades, esportes, enfim: todos os tópicos do jogo Master e mais um pouco! Resumindo: o cara é INTELIGENTE! Tentei mostrar o Q.I dele através de sua discoteca:

Disco mais religioso:
O mais religioso acho que é o 1956 do **Soul Junk**, mas o mais místico é o Journey in Satchidananda da **Alice Coltrane**.

Um disco que poderia virar filme:
Trout Mask Replica do **Captain Beefheart** e There's A Riot Going On do **Sly and the Family Stone**.

Disco mais ateu:
Acho que a coisa mais atéia na música popular é o **Kraftwerk**. Nada menos espiritual que o Radioactivity ou o Autobahn.

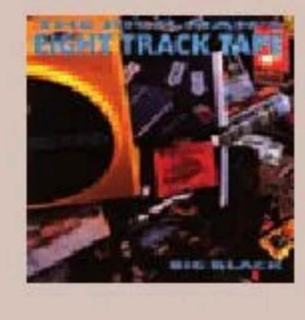


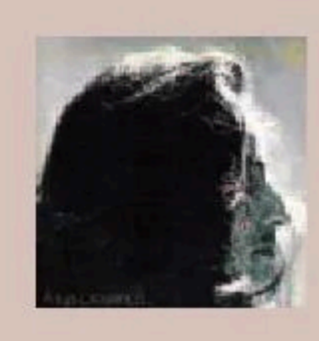
O disco mais extrema-esquerda:
Liberation Music Orchestra do **Charlie Haden**; In Praise of Learning, do **Henry Cow** e Spanish Revolution, do **The Ex**.

Disco mais hermético (tô perguntando para saber também o real significado dessa palavra tão bonita):
No sentido de ser uma coisa muito pouco comunicativa e muito difícil, o disco mais hermético que eu já tive é o Contact High Wit da Godz, do **Goz**. O Violin Music for Restaurants, do **John Doc Rose** e o Metal Machine Music do **Lou Reed** também é foda.

Disco da época que você resolveu colocar o nome de Space Invaders na sua antiga banda:
Nossa, foi a época da minha vida em que eu mais ouvia discos. Mas eu acho que Zen Arcade do **Hüsker Dü**, e Another Music in a Different Kitchen do **Buzzcocks**.

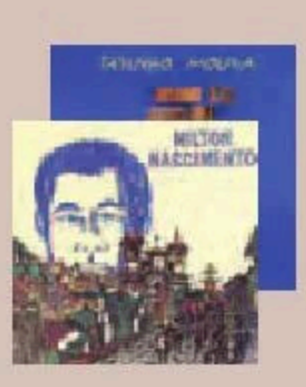
Disco mais prosaico (para saber o significado da palavra também):
Big Black é prosaico em todos sentidos. Conta historinhas e tá bem distante de nobres ideais ou de algum coisa poética. O disco deles que mais gosto é o Rich Man's Eight Track Tape.



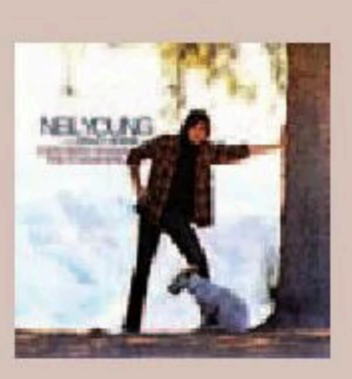


Seu disco mais gay:
Deve ser o A Tua Presença da **Maria Bethânia**. Não tenho tanto conhecimento desse universo gay pra te responder. Mas a Bethânia é "ídola" da rapaziada e é fodona mesmo.

Um disco de uma certa esquina de Minas Gerais:
Daí é difícil sair do óbvio. Mas, pra mim, o primeiro disco do **Milton Nascimento** lançado no Brasil, Milton Nascimento é o disco mais mineiro dele. "Beco do Mota" é a música que mais fala sobre viver no interior de Minas. O Cabaré Mineiro do **Tavinho Moura** também é foda.



Um disco que você me daria de presente de casamento:
Eu preferia te dar um liquidificador ou um George Foreman Grill, mas já que você quer um disco, te daria o Everybody Knows this is Nowhere, do **Neil Young**.



NA ZONA DE DESCONFORTO COM HERBERT

BAGLIONE

Por Tiago Moraes .
Colaborou Lincoln Paiva

Ao contrário da maioria dos mortais, conforto é algo que definitivamente não atrai Herbert Baglione. O artista urbano paulista de trinta anos, que começou a expor seus trabalhos nas ruas da cidade sob o pseudônimo de Cobal ainda no final década de 1980, sabe como ninguém se aproveitar do desconforto e do atrito para crescer e transformar continuamente o seu trabalho.

Sua obra é ao mesmo contemplativa e detalhada, mas também provoca, questiona e incomoda. Herbert trabalha os extremos como ninguém: preto e branco, o obeso e o anoréxico, a imperfeição e a perfeição.

No tempo certo, de forma orgânica, seu trabalho foi ganhando e incomodando o mundo, já tendo sido tema de exposições individuais, coletivas e eventos nos Estados Unidos, Europa e Ásia. Recentemente, Baglione teve seu primeiro livro lançado nos Estados Unidos pela Upper Playground, um misto de marca e galeria (FIFTY24SF) de São Francisco, que cuida de sua carreira no exterior.

Nesta entrevista, realizada no apartamento em Pinheiros onde ele mora (e trabalha) com seu irmão mais velho William - que também é seu agente no Brasil -, você pode conferir um pouco mais do trabalho e da vida do artista que cresceu no Parque São Lucas, zona leste de São Paulo. ⏩

À esquerda a obra “Egotrip”. Acima “8”, “Vai se Fuder” e “Funeral para um Amigo” de 2007.

Fale um pouco de você. Se apresente.
Eu sou o Herbert Baglione, mas gostaria de ser o Odair José.

Como e quando começou a se interessar por arte?
Comecei com uns 3 anos de idade mais ou menos, influenciado pelo meu irmão. Depois peguei gosto e ficava desenhando sozinho. Eu era uma criança hiperativa – estraguei praticamente todas as fotos de família, riscando o rosto das pessoas, fazendo chifres, rabo de capeta; não sobrou nenhuma foto inteira. Meu irmão me ensinou uma técnica de desenhar com compasso, desenhar circunferências e coisas do tipo, e o engraçado é que hoje eu tenho resgatado alguma dessas coisas para o meu trabalho.

Chegou a estudar arte ou é autodidata?
Estudei em uma escola em período integral e na metade do tempo podíamos escolher desenvolver algum tipo de trabalho específico, como marcenaria, serralheria, e uma das aulas que tinha era pintura. Foi aí que comecei a adquirir mais conhecimentos técnicos de pintura e ilustração.

Quais foram suas principais influências quando você começou, e quais são elas hoje?
Tinha um tio que era roqueiro e sempre me pedia para desenhar aqueles logotipos de bandas de rock tipo Van Halen, Black Sabbath, Motorhead, e essas coisas ainda fazem parte de uma bagagem – principalmente a questão das caligrafias. Depois as referências passaram a ser o pessoal do lugar onde eu morava, que pichavam “21”, a crew do Lelo e do Shigueo. Um deles desenhava um tubarão, o outro aquele mascote (urso Misha) das Olimpíadas de Moscou. Depois vieram referências do graffiti da região também...

Além da escola e da educação familiar, o que você considera ter sido importante para moldar sua personalidade e definir quem você é?
Todo mundo que fez e faz parte da minha vida tem influência direta. Por exemplo, ter visto a minha avó com câncer: quando ela ia ao hospital, colocava a roupa mais bonita que tinha, ficava duas horas em frente ao espelho se arrumando – são essas referências que ficam gravadas na memória. *Ontem vi um cara chegando de cadeira de roda, abrindo a porta do passageiro do carro, desmontando a cadeira, indo para o banco do motorista, arrumando a cadeira de roda no banco do passageiro... Porra, vai falar que isso não é referência de vida?*

Você ao lado de OSGEMEOS, Vitché, Tinho, Onesto, entre outros, faz parte de uma geração de artistas de rua de São Paulo, que esbanjam talento, cada um com seu estilo forte e marcante. Todos já passaram dos 30 anos e levaram muito tempo para serem reconhecidos. Também parece que precisaram ser reconhecidos no exterior para que depois reconhecidos aqui. Você acha que isso é uma característica do povo brasileiro - valorizar muito o que vem de fora e não olhar para o que tem de bom no Brasil?
É, eu acho que isso ainda vai acontecer por um bom tempo, o Brasil foi colonizado e continua sendo, né? Todo brasileiro valoriza pouco o que é nosso. Em relação ao tempo que meu trabalho

levou para ser reconhecido, não acho que demorou muito, foi o tempo necessário. Agora, essa geração nova é muito precoce, tá pegando tudo de bandeja, sabe? Estão pegando uma semente que foi plantada pelos caras que realmente trabalham duro até hoje, e para quem começa tá tudo muito mais fácil, né?

O graffiti sempre esteve muito ligado ao movimento hip-hop, e isso acabou refletindo na estética de cores, letras e temas que vêm da época do Wild Style e são uma herança forte até hoje. Já seu trabalho transita por temas mais sombrios, místicos e densos, o que, comparando com a música, são características fortes do rock e do heavy metal. Acha que a música exerce algum tipo de influência no seu trabalho?

Quando eu comecei a pintar na rua, meu trabalho era bem colorido, e eu não ouvia nada de hip-hop - tinha até uma certa bronca, não curtia mesmo. Mas eu queria pintar na rua e enquanto a maioria das pessoas tava escrevendo hip-hop ou break nas paredes eu escrevia surf punk, que eram as coisas que eu curtia. Para se ter uma idéia no início dos anos 90 eu tinha uma banda punk com meu irmão e mais dois amigos.

Esse lado sombrio do meu trabalho começou de 1997 para cá, porque antes disso meu trabalho era exatamente o oposto. Eu pintava escolinha e buffet infantil, e curtia pra caramba fazer aquilo. Mas depois fiz uma viagem com o Vitché e OSGEMEOS e o Fedos para o Chile, e de lá para cá o meu trabalho mudou bastante, de forma brutal. Os últimos trabalhos que fiz no Chile ainda eram bem coloridos, mas quando voltei tudo se transformou, *comecei a abordar temas como velhice e doença, acho que cansei de ir nos lugares e só ver coisas alegres, divertidas, ninguém provocando, ninguém questionando, todo mundo só enfeitando o espaço, aquele lance virtuoso, sabe? Foi aí que meus temas passaram a ser mais introspectivos, mais provocadores.*

Você acha que além do papel da arte de provocar, fazer pensar, ela também deve cumprir o papel de ser bela, contemplativa?

Hoje o foco principal do meu trabalho é a pintura, e o poder da pintura é justamente esse, a contemplação, e quanto maior a pintura mais ela te intimida. Você vai num museu e quando você vê uma trabalho do [pintor expressionista norte-americano Mark] Rothko, um cara que não tinha importância nenhuma para mim, você vê aquilo e toma um baque - a pintura é totalmente abstrata, é provocador pra cacete!

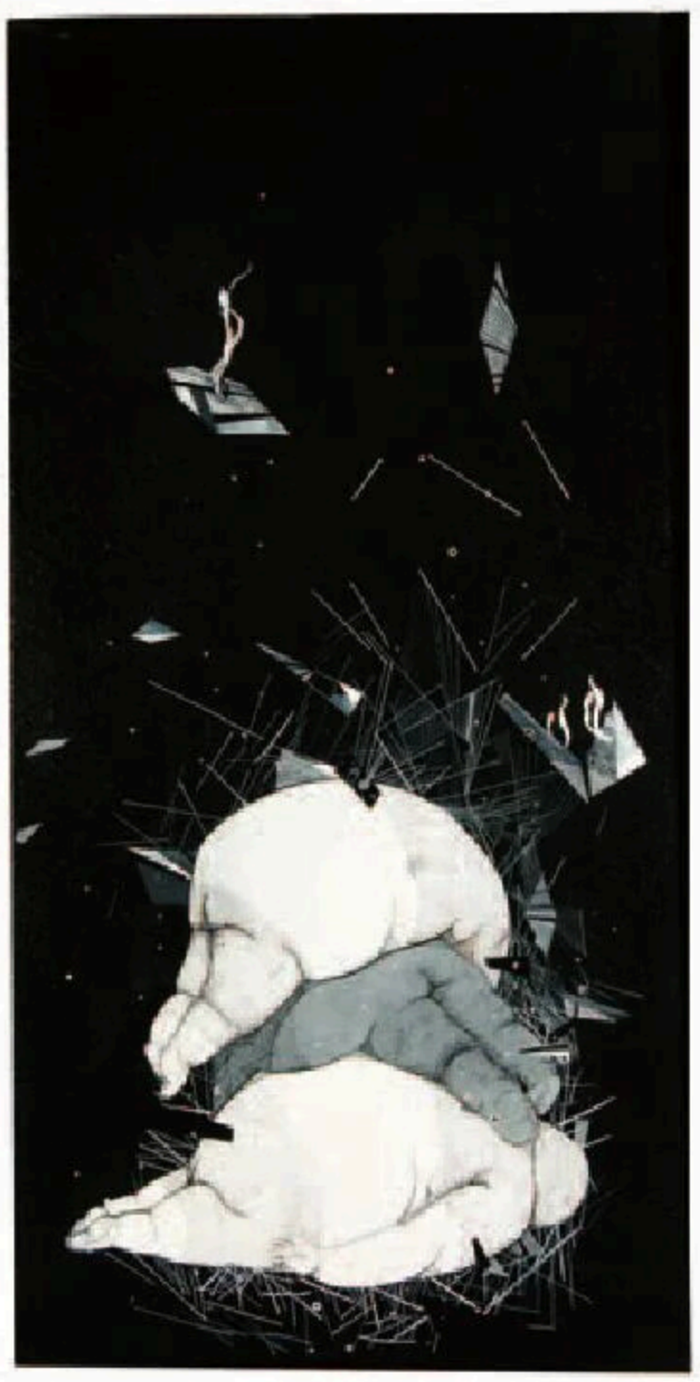
Vários desenhos seus têm personagens obesos. Qual a mensagem por trás disso?

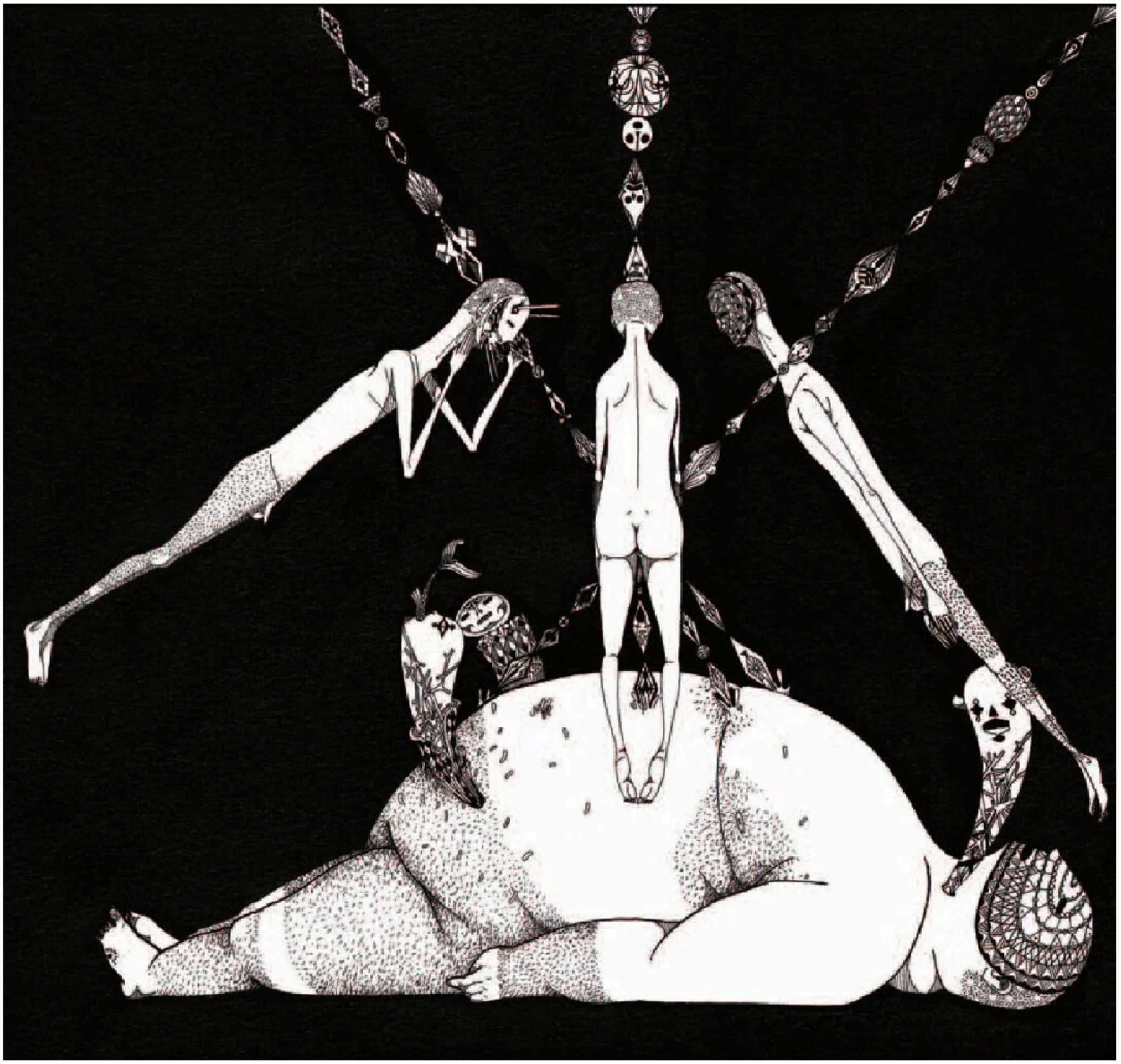
Existem várias mensagens, mas a mais forte é a forma como eu tenho me sentido. O tempo todo a gente é bombardeado por um monte de informação. Entra num site ou num blog e tem milhares de coisas, links, e querendo ou não você acaba absorvendo todo tipo de coisa, incha, absorve mais do que libera. Então essa idéia de desenhar personagens gordos partiu disso.

A arte não faz parte desse processo de acúmulo de informação, já que ela também não resiste ao tempo e às novas mídias? A arte precisa evoluir para acompanhar a rapidez da vida líquida?

É verdade, a arte faz parte deste acúmulo de informação, mas o ruim é quando o HD está cheio e não tem onde fazer o backup. Esse excesso tem que se transformar, virar uma dose extra de estresse, uma briga no trânsito ou uma pintura - depende de como cada um dedica a sua atenção. Por mais estranho que pareça, prefiro estar no meio desse monte de informação, de conteúdo descartável e, a partir daí, construir um caminho.

Quanto ao processo de evolução da arte, não acredito que o que chamamos de arte deva acompanhar o ritmo da cidade. O processo artístico segue seu próprio caminho, entendendo o tempo de forma diferente do tempo que fomos condicionados a aceitar.





⏩ À esquerda, as obras "Esperança em um prato de sal e enxofre" e " S/ Título" de 2007. Acima " Estudo para o abrigo" de 2008.

O papel da arte contemporânea é ser também descartável... virar lixo?
Por que não?! Se pessoas e seus feitos estão se tornando descartáveis, uma coisa puxa a outra.

Você muitas vezes utiliza elementos de tipografia e caligrafia em seus trabalhos. Como surgiu o interesse por esses temas?
Começou em 1999 ou 2000. Eu já fazia muita letra de pichação e tag, gostava do jeito de desenhar, da forma, das letras. Nessa época lia muita coisa de psicologia, observava as coisas e escrevia. Eu namorava uma menina e o relacionamento não tava legal, rolava muita briga e eu escrevia para extravasar. É estranho falar assim, mas esse relacionamento foi meio que um laboratório, parecia que eu tava usando isso para escrever, para analisar. E comecei a prestar atenção na caligrafia árabe, porque como a imagem é proibida na religião islâmica eles começaram a fazer imagens a partir da caligrafia. Comecei a desenvolver a caligrafia a partir dos textos que eu escrevia, comecei a desenhar, a fazer com que a caligrafia tivesse um desenho em si, um corpo. E fui transformando dessa maneira. Até um tempo atrás, minhas caligrafias eram compostas, tinham um formato de corpo etc.

Ultimamente eu não tenho visto mais você usar a caligrafia no seu trabalho.
Fui perdendo o gosto, porque começou a ficar muito fácil, saía muito natural, não me oferecia desafio. Era uma coisa muito ornamental, muita fácil de gostar... Foi uma maneira de perceber que, às vezes, a beleza engana as pessoas e não era isso que eu estava querendo buscar no meu trabalho.

Descreva como funciona o seu processo de criar uma nova tela ou pintura.
Eu ficava pesquisando e lendo muito e esse processo tava me travando. Percebi que minha maneira de trabalhar é totalmente intuitiva. A primeira coisa que eu faço é gastar um monte de papel fa-

Acima “Auto-retrato” de 2005 em Niort, França
e na página da direita “ Oito Amigos no Abismo”, 2007.

zendo esboços, dentro dos meus estilos. As histórias começam a tomar forma, misturam-se com idéias que eu vou tendo ao longo do processo. Geralmente as pinturas funcionam dessa maneira. Com as instalações, como uma parte do processo não é feita por mim, é um processo mais racional.

Se tivesse que explicar o seu trabalho para um estranho, como você faria?
Na verdade a primeira coisa que eu busco é que o meu trabalho não tenha tanta explicação. Uma coisa que eu acho chato pra caralho no meio da arte é que muitas vezes o argumento acaba sendo mais forte que o próprio trabalho. Acho mais interessante que cada um veja um trabalho e analise por si só, tire suas próprias conclusões. Uma pessoa enxerga uma coisa, outra pessoa pode enxergar algo completamente diferente.

Recentemente foi lançado seu primeiro livro - *Vossia* - pela Upper Playground. Fale um pouco sobre ele.
É um livro que eu não queria ter lançando agora, queria ter um registro melhor do meu trabalho, para poder mostrar detalhes. Mas esse livro faz parte de uma série que a Upper tem lançado, foi mais para começar algo nessa área de publicação do que um registro definitivo. Foi mais uma forma de experimento, de explorar uma coisa que eu gosto, que é o minimalismo.

Você tem se envolvido em diversos projetos, emprestando seu traço e arte para marcas e produtos diversos. Não acha um pouco difícil para um artista com um traço tão marcante como o seu dissociar seu trabalho autoral do comercial? Como você lida com isso? Não acha que uma marca, quando se associa com um artista como você, acaba carregando muito mais do que uma simples ilustração para um produto? Sua história, o que você representa como artista, por exemplo?
A ilusão das marcas é que quando te contratam para determinado trabalho elas estão levando você junto, quando na verdade o maior trunfo que o artista tem é a liberdade. Você precisa fazer trabalhos comerciais porque precisa de dinheiro, você tem gastos. A grande questão é o que tem dentro de você, o que você realmente tem a oferecer e de que maneira você quer passar cada coisa que você faz. Produto é só um produto, se resume a isso!

Você faz parte de uma geração de artistas urbanos que cresceram praticamente isolados do que estava sendo feito lá fora. Não existia internet, e a informação praticamente não chegava por aqui. Isso fez com que vocês desenvolvessem técnicas e estilos próprios, totalmente diferentes do que era feito em outros países. Hoje a internet é uma fonte absurda de informação, e um artista croata pode fazer uma arte, postar em um site ou blog, e pessoas do mundo inteiro terão a oportunidade de ver o seu trabalho. Por outro lado, pode-se acompanhar de tudo um pouco, e o estilo de um artista acaba sendo copiado, o que faz com que muita coisa acabe ficando parecida, sem personalidade. Como você tem feito para se manter fiel ao seu estilo e não sofrer influências externas?
Na real eu sofro muita influência até hoje e me permito isso, porque é uma forma de dialogar com tudo que está acontecendo. Durante muito tempo eu me bloqueei para o que vinha de fora, mas acho que ser influenciado não significa negar sua personalidade. Pelo contrário, é igual a uma conversa em que você admite a razão do outro. É uma continuidade de diálogos.
A internet é uma ferramenta super importante hoje em dia, mas não mais importante do que a própria vida. Só que, com a dinâmica que a internet tem, se um artista vai lá e coloca dez trabalhos, as pessoas ficam com a impressão que ele produz muito, cria um efeito de ilusão muito forte. E como essa geração se pega muito pela imagem, acaba esquecendo o conteúdo. Acho importante ver se o trabalho está apresentando alguma coisa de interessante, de relevante, se está questionando ou dialogando, por mais que a arte seja contemplativa. É igual a comer um arroz com feijão, você tá comendo de verdade, é diferente de fast food, né? E na arte, principalmente na street art, você vê muito fast food, essa história de repetição e o escambau. O quanto isso acrescenta para a arte em si? É uma pergunta que todo artista deveria se fazer.

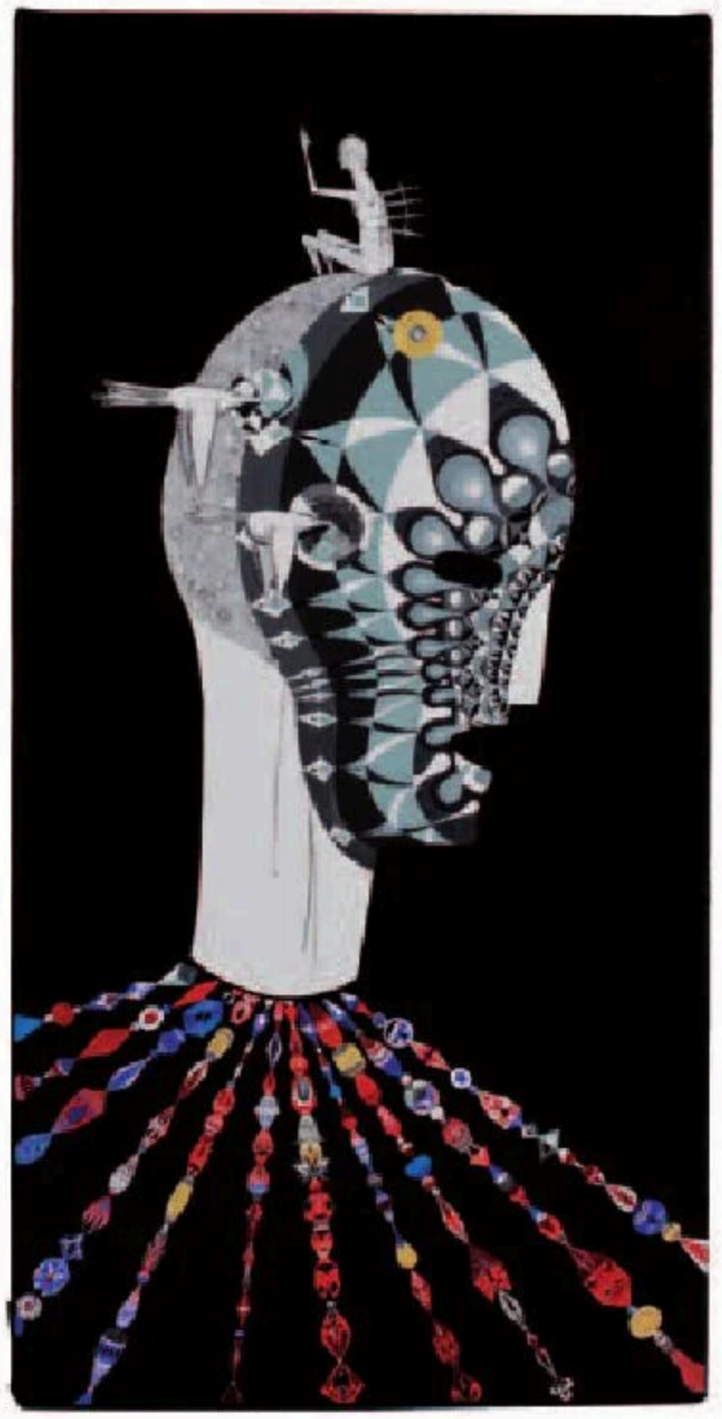
Na sua opinião, a arte segue um propósito? Ela é criada para durar ou tem que mudar conforme a tendência ou comportamento do consumidor?
Acho que o propósito da arte é o de vender o elixir da juventude, pintar de cinza onde tiver cor, ou simplesmente andar enquanto todos estão correndo. E isso pode durar enquanto houver aplausos, dedos no queixo, pessoas bebendo e sorrindo ou enquanto o homem quiser fazer algo simplesmente pela vontade de se expressar e questionar o tempo em que vive.

Seus traços são leves e elegantes, mas os elementos que brotam do interior dos seus personagens são densos e doloridos. Você diz que é um provocador. A leveza é um veículo para provocar a dor nas pessoas?
Eu acho que o balé pode ser mais agressivo que [a música] hardcore. Tudo é questão de ponto de vista. Ter domínio sobre o traço pode ser um processo de tortura também.

O que alivia o peso da vida pra você?
Ir no show do Calcinha Preta.

O que representam os fantasmas que aparecem com freqüência em seus trabalhos? Do que você tem medo? Quais são os seus fantasmas?
O que mais tenho medo hoje é de altura. Além disso, não sei nadar, não sei dirigir, talvez sejam esses os meus maiores fantasmas (risos). Acho que não dirigir tá mais pra preguiça do que pra fantasma (mais risos). Nos trabalhos eu nunca parei para analisar, mas como tenho um trabalho meio que orgânico, comecei a fazer esses fantasmas brotando dos personagens, surgiu meio que de forma espontânea e achei legal, estranho, e fui dando continuidade. A estranheza é mais interessante porque remete a um mundo lúdico.

Você tem tido a oportunidade de expor seu trabalho em diversas partes no mundo, e é indiscutível que o mercado de arte urbana está muito mais desenvolvido no exterior, principalmente em relação a público, oportunidades de trabalho, galerias e acessibilidade. Se no Brasil não faltam artistas talentosos, o que acha que está faltando para que o país se consolide como um dos principais pólos de arte urbana mundial?
O que falta é esperar. O que acontece é que aqui o povo é muito imediatista e se você for ver, muitas vezes falta qualidade, por mais talentoso que seja o artista. Criou-se uma estética que é muito ilustrativa, tem um apelo visual e cores muito fortes, mas a qualidade fica a desejar. A coisa não começou agora nos Estados Unidos ou Europa, é algo que vem desde o início dos anos 1980, entende? Quando os caras começaram a pintar os trens, o Lee, o Futura, o Doze (Green), na mesma época a Agnes B já estava fazendo exposição dos caras, do Dondi, dessa galera, fora que antes disso teve o Basquiat também...
Um outro problema que vejo é a questão de valores, você vê artistas que estão começando agora com preços astronômicos, comparado a com caras que estão aí há muito mais tempo e até com artistas de fora. É absurdo e é tão ruim para o artista quanto para o mercado, porque isso serve de espelho para as futuras gerações - as pessoas vão achar que, se começarem agora, daqui uns dois anos vão estar ganhando milhões. Não faz muito tempo eu estava sem dinheiro nenhum, fazendo ilustração para revista de RPG, ganhando R$ 20 por ilustração, pegando três ônibus pra ir até o lugar lá entregar os desenhos. Hoje vejo neguinho fazendo a mesma coisa quinhentas mil vezes e vendendo pelos olhos da cara. Eu acho ridículo pensar dessa maneira, um trabalho não pode ser vendido dessa maneira!
Todo mundo vive mais de imagem do que de conteúdo. A questão é a seguinte: por que cada uma dessas pessoas está fazendo arte? Pelo que? Qual o sentido? Sabe aquela história da lagarta que está para virar uma borboleta, você tira ela do casulo antes do tempo e ela não voa, cai no chão e morre? É a mesma coisa, cara. Você acha que está ajudando, mas na verdade está fazendo o contrário, dando corda pra se enforcar.



Acima "O Caminho da Cegueira" e ao lado "O Som dos Barriletes da Guatemala", ambos de 2008.

No seu livro fica clara a experimentação de suportes para a sua arte, em telas, paredes, chão, ruas, instalações e até telhados. Qual tipo de suporte você se sente mais confortável e qual é mais desafiador?
Na real em nenhum desses suportes eu me sinto confortável, porque no meu trabalho eu não busco conforto. Acho que por isso eu acabo sempre experimentando novos suportes, cada suporte oferece um confronto, descobrir como você pode dialogar com aquilo, como você pode acrescentar no espaço.

Recentemente vi uma série de desenhos no seu blog desenhados com a mão direita (Herbert é canhoto). Isso é só uma brincadeira ou uma tentativa de recomeçar, se reinventar?
Em 1999 eu fiz um caderno inteiro só com a mão direita. Na época eu estava meio travado, não tava feliz com o que fazia e pensei "porra, eu preciso fazer alguma coisa pra gerar um atrito". Resolvi me trancar no quarto e ficar desenhando com a mão direita. A partir do momento que saí da posição de

conforto, o que me motivava era a concentração a mais que eu precisava ter para que o desenho saísse menos tremido, com mais detalhes. Depois parei de desenhar com a mão direita, quando percebi que os desenhos já estavam saindo quase iguais aos que fazia com a mão esquerda.

A maioria dos artistas plásticos e críticos de arte da escola tradicional fundamentados na questão acadêmica dizem que não consideram artistas urbanos artistas de fato, no máximo assumem alguns deles como bons ilustradores. O que você acha disso?

O preconceito é o que movimenta o mundo. Se os negros não tivessem sofrido o preconceito que sofreram eles não seriam tão bons esportistas ou músicos. Então quando você sofre algum tipo de discriminação, você tem uma motivação a mais para provar que é bom naquilo.

Enquanto algumas pessoas se apóiam em teorias e argumento, outras se apóiam em outras coisas que alteram o rumo das coisas, quebrando o padrão a que todos estão acostumados. O tipo de arte que existe na rua hoje não se aprende numa faculdade, e se arte é uma força de expressão, a rua hoje é o maior exemplo disso. Na verdade o mais complicado é eles entenderem a essência disso tudo, porque é uma coisa sobre a qual eles não têm controle. Eles só observam da janela do carro, entende?

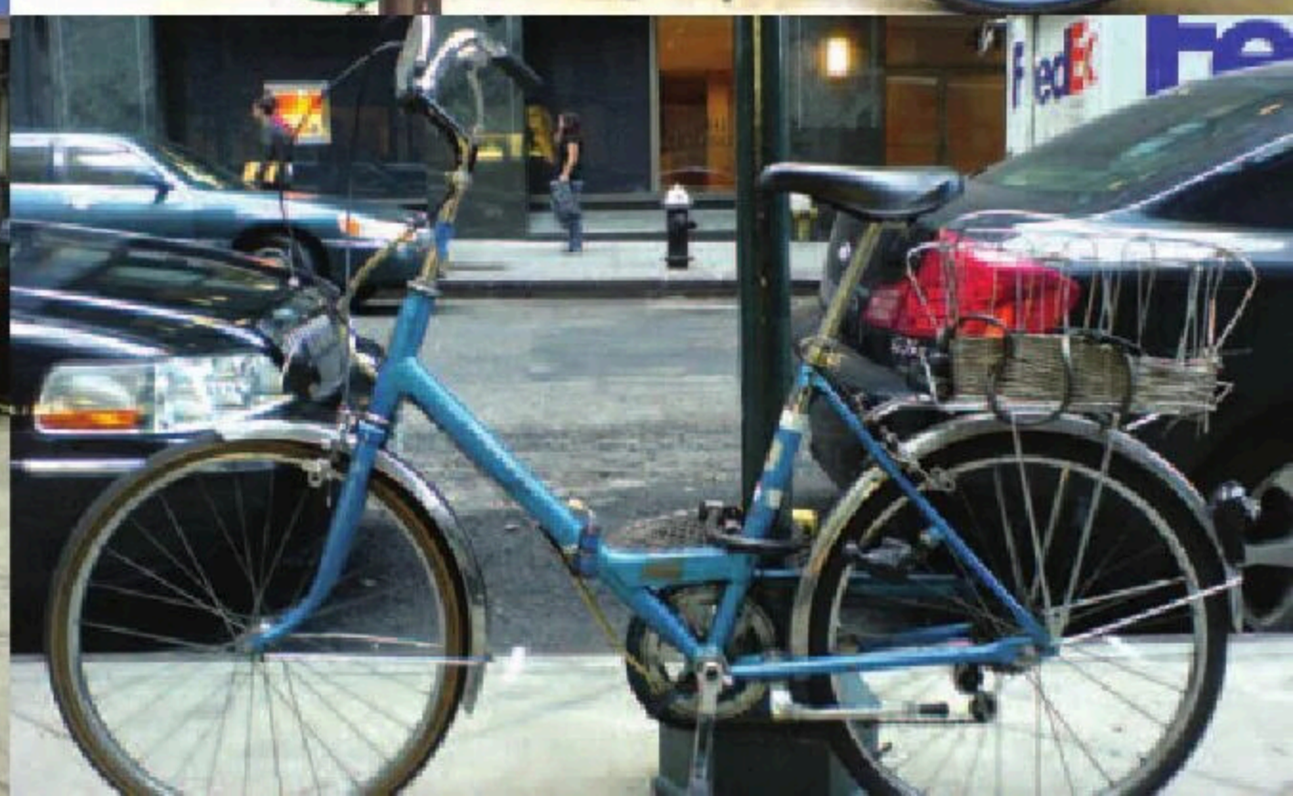
Sobre alguns serem considerados ilustradores, eu não tiro a razão, porque a maioria tem essa base mesmo, mas muitas vezes o discurso dessas pessoas acaba sendo redundante e equivocado. Um exemplo é a street art ter participado da Bienal de Veneza, entre vários outros acontecimentos importantes dentro da dita arte tradicional.

No que tem trabalhado ultimamente? Quais os projetos para 2008?

Estou explorando uma linguagem um pouco mais lisérgica do meu trabalho, explorando um pouco mais de cor, mais empenhado na pintura mesmo, algumas instalações e basicamente é isso. Quero trabalhar com um pouco mais de tranqüilidade neste momento antes de sair falando sobre novos projetos e exposições, entende? ◂

▸▸ Saiba Mais

www.herbert.ind.br
www.herbertbaglione.blogspot.com
www.baglione.blogspot.com



Low_res nyc bikes mobile cam shots por Keke Toledo e Lu Krás

Sérgio Vaz, GUERREIRO DA COOPERIFA CONTRA O DRAGÃO DA MEDIOCRIDADE

Por Arthur Dantas . Fotos Cia de Foto e João Wainer

"Pô, tava precisando conversar, viu? Faz um tempão que não escrevo no meu blog, entreguei 90% do livro ontem - parece que tirei um peso dos ombros. Sensação de missão cumprida."

Essa frase encerrou a entrevista com Sergio Vaz, o poeta periférico criador do Sarau da Cooperifa, evento que acontece todas as quartas-feiras em Piraporinha, periferia na zona Sul da capital paulistana, no Bar do Zé Batidão. O livro do qual ele falou é sua "autobiografia poética", como define, encomendada pela Editora Aeroplano, do Rio de Janeiro.

É sintomática a expressão "missão" na fala de Serjão (como é conhecido): basta alguns minutos de conversa com ele para identificar um verdadeiro guerreiro (expressão que ele usa ao cumprimentar as pessoas), daqueles que poucas vezes encontramos na vida. E essa é uma impressão que compartilho com a maioria das pessoas que já tiveram o prazer de conhecê-lo. O que encontramos ao visitar o Sarau da Cooperifa é um conluio de guerreiros - gente altiva, de todas as regiões de São Paulo, de todas as etnias e classes sociais, convivendo pacificamente, harmoniosamente. A poesia foi o meio pelo qual Sérgio e outras pessoas realizaram uma verdadeira transmutação em torno dos valores e expressões culturais comumente atribuídos à periferia.

A luta desses guerreiros é para disseminar o poder da arte que liberta, que traz felicidade, uma ação entre amigos, terna e amorosa, que vem contagiando e se espalhando por várias periferias paulistanas. Por isso, talvez, Sérgio diz não acreditar no ódio. ***"Quem briga, briga por um tempo. Luta é para a vida inteira. Isso é ter uma ideologia."*** Faz eco ao poema de Bertolt Brecht, que sentencia: homens que lutam por um dia ou por algumas semanas são bons, mas só os que lutam a vida inteira são imprescindíveis.

Quem me levou ao Sarau foi Tatiana Ivanovici, moradora do centro expandido como eu, e grande entusiasta e apoiadora da agitação cultural da periferia. A descrição que havia feito do evento a mim corrobora todas as opiniões que ouvi antes e depois de conhecer o Sarau: são poucos os espaços onde é possível se sentir tão pleno de suas capacidades, tão feliz e entusiasmado por ver realizadas todas as premissas do que seria uma democracia: o evento começa em um espaço privado e se espalha para a rua; todos são respeitados e acolhidos; ao ler um poema, cantar ou fazer uma denúncia, todos são aplaudidos e, por mais que de lá já tenham surgido algumas "celebridades" e por lá passem "famosos", todos são anônimos e iguais naquele espaço. A grande maioria desses anônimos tem boas histórias a serem compartilhadas. Afinal, se cada ser humano encerra um universo em si mesmo, não poderia haver nada mais natural. Conheça um pouco da vida de Sérgio Vaz, um ilustre anônimo que luta contra a mediocridade e se faz ser ouvido, a pleno pulmões.

Sérgio Vaz no Itaú Cultural

"Tenho 43 anos. Nasci em Ladainha, Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha. Vim em 1968 para São Paulo. Meu pai era agricultor e veio para cá na época do milagre econômico. Estudei até o colegial. Sou semi-analfabeto-didata (risos). Comecei a trabalhar com 13 anos. O bar [Zé Batidão, onde acontece o Sarau da Cooperifa] era do meu pai. Só que era um empório. As pessoas faziam compras lá. Trabalhava sábado, domingo e feriado. Pai-patrão você sabe como é, né? (risos).

Fui servir o Exército e, quando sai, queria estudar. Fiz um pouco de desenho para publicidade e parei. Botei na cabeça que queria curtir a vida. Um Zé-ruela com 20 anos de idade achando que sabia tudo da vida. Até porque, sou de um lugar onde a gente acha que estudar não serve pra nada - a periferia. As pessoas achavam que ir pro SENAI [escola de formação técnica] era do caralho. Coloquei na cabeça que escola não levava a nada. Tentei voltar algumas vezes, mas não me adaptava mais.

Eu queria ser jogador de futebol. Era meu sonho. Ainda quero, mas agora tá difícil né? Se bem que tem o Romário aí pra provar o contrário (risos). Curtia black music e passei a me interessar por MPB, música de protesto. E achava que poesia era coisa de viado. Estávamos na ditadura, e eu não tinha com quem discutir, jogava futebol de várzea, sabe? Ia discutir com quem? 'Pô, já leu Pantaleão e As Visitadoras do Mario Vargas Llosa?' O cara ia olhar com aquela cara pra mim né? (risos). Me desinteressei da black music por conta das letras. O ritmo fazia sentido para mim, mas o resto não. Queria letra de protesto. Na periferia é ruim por causa disso: você tem um lance dentro de você, mas é tido como 'esquisito'. Saí do Exército e queria entrar no PCB - porque só no Exército fui descobrir que vivíamos numa ditadura -, e fazer música popular. Daí montei um quarteto na quebrada. Participávamos de festivais estudantis etc. Nessa época, passei a escrever com um intuito: criar letras para músicas. O pessoal que chamei para o grupo falava, 'Pô, o Serjão convidou a gente, mas não canta nem toca nada. Vamos falar pra ele fazer as letras'. E eu 'Caralho, as letras. Legal!' (risos). Comecei a pensar nas coisas de estrofe. Porque até então eu escrevia carta para mina de amigo... Não passava pela minha cabeça a possibilidade de ser poeta.

Durou pouco o período de compositor. Era louco, porque eu queria ser o Chico Buarque, o outro só falava de amor, queria ser o Djavan; o outro era Sá & Guarabyra, só falava de boi na estrada, e tinha o que queria ser o Zé Ramalho, falar de poeira cósmica, das galáxias - não tinha como dar certo (risos). E na hora de fazer as letras, a vaidade imperava, né? Começava 'Meu sonho está nas cartucheiras que estão nas fronteiras' e depois 'O boi na estrada não quis andar, não quis andar', e o Djavan 'Meu amor me deixou nesta manhã de sol' e, por fim, 'Nessa poeira cósmica, a Via Láctea vai nos guiar', e quando acabava a letra era aquele Frankenstein (mais risos). Foi nossa Primavera de Praga. E foi uma definição na minha vida, me descobri como 'de esquerda', queria fazer poesia política.

Meus amigos iam para os bailes e eu queria ler, ir a reuniões políticas. Meu pai falava 'olha lá hein, fica esperto' e minha mãe, semi-analfabeta, falava 'pára de ler, aquele mendigo era assim...' (risos). De uns dez anos para cá, descobri o que queria fazer: minha poesia é a política. O rap salvou minha poesia. Quando a ditadura acabou, o pessoal falava que não tinha mais sentido poesia política, virou aquela gozolândia. Eu pensava 'pô, o racismo ainda existe, o povo continua pobre'. Mas assimilei o golpe e fui escrever sobre as galáxias (risos). Mas não era meu estilo - ainda gostava de Neruda, Ferreira Gullar, Mercedes Sosa, Victor Jara... Não queria me soltar desses caras (risos).

Não me interessava por rap. Gostava de MPB, teatro. Só a partir de 1993 me interessei pelo rap. Quando eu vi o Racionais pensei 'pô, a ditadura acabou, todo mundo foi sambar e esses moleques falando não confio na polícia, raça do caralho'. Saquei que pertencia a outro lugar, a outra turma. Achava que para ter cultura tinha que estar no centro da cidade e acabei assimilando a coisa de 'ser do centro'. O que não é ruim - ruim era chegar no bairro e não ver nada. Mas isso foi alimentando a vontade de fazer algo parecido com o que eu via no centro."

Essa história toda finalmente teve um clímax com a criação da Cooperativa Cultural da Cooperifa (Cooperifa) em 2000, no Taboão da Serra. Tudo começou quando Sérgio reuniu inicialmente, num domingo, amigos próximos que compartilhavam de sua inquietação e resolveu fazer um evento dentro de uma fábrica abandonada, reunindo expressões culturais diversas, como música, capoeira e poesia. Dessa reunião inicial surgiu um nome e idéia para algo maior. "Um jornalista perguntou como era o nome do evento e, na verdade, não tinha nome. O [rapper] Big Richard falava de cooperativa e sempre falava a palavra 'perifa', daí veio o nome na minha cabeça."

O sarau, propriamente dito, só surgiu após o proprietário da fábrica reclamar o espaço. Foram para um bar no centro do Taboão da Serra, basicamente para beber e ler poesia. Não deu certo - o dono do bar achava que o evento não era adequado para uma quinta-feira. "Mudamos para as quartas-feiras, porque era um dia morto e colocamos o nome de Sarau da Cooperifa, ainda que nem soubéssemos direito o que era um sarau. Era outubro de 2001. O primeiro sarau tinha dezessete pessoas. Mas divulga ali, divulga aqui, foi chegando

o pessoal, o Mano Brown, o GOG, o Afro-X, o Marcelo Rubens Paiva e de repente tinha cem pessoas", sintetiza Vaz. A partir daí, Sérgio passou a pedir microfone nos intervalos de shows de rap, fez o projeto *Poesia Contra a Violência*. Começou inclusive a aparecer nos cartazes de show, como uma atração. Iniciava-se uma trajetória de sucesso, entendido obviamente como a oportunidade de ser reconhecido pela comunidade na qual está inserido. "Tenho mentalidade de gente pequena: adoro ser conhecido pelo pessoal do meu bairro, ser reconhecido onde vivo. Eu sou muito fechado, fico preso só àquele entorno." Para quem diz ter mentalidade miúda, até que Sérgio Vaz foi longe.

Como o Sarau chegou ao Bar do Zé Batidão?

Foi em março de 2003, quando o cara vendeu o bar no Taboão. A gente já tava indo lá de segunda-feira. E eu havia lançado meu livro em 1988 no bar dele, que era em outro lugar. Pra você ter uma idéia, no lançamento, tinha frango com maionese (risos). E o bar já havia sido do meu pai. E já tinha feito eventos lá, levado o Lobão, feito um evento que era samba e poesia. Mas quando chegamos, tínhamos uma base montada – foi só trazer a comunidade. O mérito da Cooperifa foi fazer com que pessoas que nunca tivessem escrito poesia começassem a escrever. Agora tem vários saraus, mas todos usufruem o que a Cooperifa construiu, tanto que são quase sempre os mesmos poetas. Para a poesia isso não é interessante, porque não expande. Por isso estou fazendo saraus e oficinas poéticas no EJA (Escola de Jovens e Adultos), para formar outros escritores.

E criou vários escritores na Cooperifa.

Sim, Allan da Rosa, Elizandra, Fuzzil, Dughetto, que já vinha no sarau do Taboão.

Vai muita gente do centro expandido lá?

Tem cerca de 40% do público. E muita gente foi lá porque viu na televisão, inclusive gente do próprio bairro. Porque o cara chega em casa umas seis ou sete da noite e entra direto, vê aquela muvuca ali na frente do bar mas não se interessa. Várias pessoas foram por causa de matéria na televisão. O louco é que o lugar virou uma referência geográfica.

▸▸ 30 de Abril . Poesia no Ar

▸▸ Semana de Arte Moderna da periferia

▸▸ Joelhaço no Dia da Mulher

Essa agitação literária periférica obviamente não se inicia com as atividades da Cooperifa. Autores representativos dessa geração, como Alessandro Buzo e Ferréz, já tinham carreira. Ferréz, por exemplo, lançou vários livros, como o fenômeno de vendas Capão Pecado, teve livros publicados em vários países e deu visibilidade nacional a essa efervescência literária criando o projeto Literatura Marginal – edições especiais da revista Caros Amigos, da qual é colaborador. O autor é um dos grandes fenômenos literários do mercado editorial brasileiro nos últimos quinze anos. Atualmente, Ferréz organiza eventos literários na sua quebrada, e é responsável pela 1daSul, marca onipresente nas periferias, cujo logo adorna bonés de manos e minas – inclusive no centro da cidade.

Allan da Rosa, junto a mais outros parceiros, criou a ousada Edições Toró. "O Allan foi muito feliz. Porque o povo quer ler, e ele quer ler o livro do amigo, sabe? E os intelectuais deviam agradecer a gente, porque em um dado momento esses leitores vão chegar a outros autores", diz Vaz. Com edições semi-profissionais e projetos gráficos especiais para cada edição, alcançaram uma marca que faz inveja a muita editora comercial por aí: em pouco mais de um ano, lançaram cerca de doze livros, contemplando gêneros como novela, teatro, poesia, crônicas e ensaio fotográfico. Coisa de gente grande e que confirma o vigor dessa produção. Outro fato sintomático do crescimento desta geração literária foi a criação da coleção Literatura Periférica pela Editora Global. Até o fechamento desta edição, haviam sido publicados três livros: Guerreira, de Alessandro Buzo, 85 Letras e Um Disparo, de Sacolinha, e Colecionador de Pedras, último dos cinco livros publicados por Sérgio Vaz – o primeiro lançado comercialmente.

Como Sérgio Vaz diz, os saraus na periferia viraram moda. É possível notar, pela Agenda da Periferia (publicação da ONG Ação Educativa), projeto encabeçado por Eleílson Leite, apoiador do Sarau da Cooperifa e de outras ações na periferia a existência de cerca de vinte saraus espalhados pela cidade.

Aniversário de 6 anos da Cooperifa

Quem são os pilares da Cooperifa?
Marco Pezão, Rose Dórea, o Márcio Batista... A maioria eram meus amigos. Eu chamava eles e se não viessem, ficava de mal, porque sou ditador pra caramba, meio Hugo Chávez, fazia chantagem emocional, aquele dramalhão. 'Se fosse festa no Centro você ia', chorava, daí o cara ia. Lembro de uma frase do Prestes de quando apoiou o Getúlio, 'Minha ideologia está acima de minhas tragédias pessoais'. Eu também acho que o sarau é maior que minha vaidade. Quando o Brown foi a primeira vez, depois ficava chantageando ele. Com o GOG também. O povo fugia de mim (risos).

Quando o Mano Brown foi no Roda Viva e falou que não lia você ficou triste de alguma forma?
De jeito nenhum. O certo era ele não ir, para mim. É lógico que ele lê, ninguém faz o que ele faz sem ler. Ele ajudou muito a gente. Quando ele ia, se tinha cinqüenta pessoas, subia para cem pessoas.

Você fala no conceito de artistas-cidadãos. O que é isso?
Quando começamos a Cooperifa, tinha-se aquela idéia de ONG. Mas a gente não tá ensinando ninguém a ser escritor. O lance era levar cidadania por meio da literatura, cada um que faça o que quiser da vida dele. Se virar artista, que vire artista-cidadão, que esteja a serviço da comunidade. Nosso trabalho representa uma comunidade, o preto, o branco pobre, a macumba, o evangélico... Já tem muita gente fazendo arte pela arte. Daí querem nos culpar quando fazemos denúncia, protesto. Gosto do Jorge Furtado – meu sonho é conhecer esse cara! Ele fez o curta *Ilha das Flores*, que ensina um monte de coisa sem ser chato, gosto da idéia do "distraídos venceremos" [frase do poeta Paulo Leminski].

O Sarau tem datas especiais, festivas.
Tem o Dia da Mulher, em que acontece o Joelhaço [os homens se ajoelham para as mulheres e pedem perdão], o Dia da Consciência Negra, o Dia das Mães, o Aniversário da Cooperifa, o aniversário de São Paulo, a entrega do Prêmio da Cooperifa, dia 30 de Abril tem o Poesia no Ar, quando colocamos 500 balões de gás com poesias amarradas. Eu gosto dessa coisa da celebração. Acho que a periferia precisa aprender a gozar. Fazer filho a gente já sabe, faz um monte e faz bem (risos).

Segundo a pesquisa O Observador Brasil 2008, feita pela financeira francesa Cetelem com o instituto de pesquisas Ipsos Public Affairs, publicada recentemente, em 2007 a classe C (brasileiros com renda média familiar de R$ 1.062) passou a ser a maior parcela da população. E esse número se avolumou sobretudo com o ingresso de cidadãos das classes D e E. Sob uma perspectiva sociológica, é possível atribuir o boom dos saraus periféricos a isto: se a população passa a ter uma renda maior, pode consumir bens "supérfluos", como arte. Dica para estudiosos de plantão.

Outro fator, certamente, é a felicidade por viver em espaços onde todos são ouvidos e podem construir narrativas que nem sempre estão condicionadas a estereótipos. É a periferia deglutindo a própria periferia - primeiro alimenta-se dos paradigmas culturais "da ponte pra lá" para depois se alimentar da sua própria produção. Antropofagia ao quadrado. E o curioso é que o Sarau se constituiu como um espaço autônomo em relação ao poder público. Sem cimento nem dinheiro do Estado - apenas a palavra empenhada.

O Sarau da Cooperifa produziu, em parceria com o Itaú Cultural, um CD com leituras de poetas do Sarau e uma antologia em livro chamada Rastilho de Pólvora (a segunda já está a caminho), A Semana de Arte Moderna da Periferia, e será assunto de um documentário da DGT Filmes ainda este ano. Curioso é que, em um ambiente de carência total, surgem soluções criativas e livres para o mundo moderno, como assinalou o geógrafo Milton Santos, um dos maiores humanistas que este país conheceu. Desde que conheci o Sarau e Sérgio Vaz, sempre vi nele um grande humanista, acima de tudo. A conversa entre nós, que aconteceu nas dependências de um espaço cultural em Taboão da Serra, cidade onde reside o poeta, caminhava para o fim quando, num dos raros momentos em que o sorriso no rosto dá lugar a uma expressão taxativa, disse:

"Na verdade não quero libertar ninguém. Até o medíocre tem liberdade de ser medíocre. A gente possibilita oportunidades para ele ser melhor, mas cada um escolhe o que quer. A minha idéia é que o ser humano não presta e é nivelado por baixo. Por isso, sou a favor da igualdade, de dar oportunidade de escolha às pessoas."

A gente precisa ter prazer. Precisa ler para ter prazer, não é só para ter senso crítico. A gente tem que ter tempo para tomar cerveja, pra jogar bola domingo, ir no estádio, porque isso te dá felicidade.

Qual foi o momento mais marcante para você?

Um dia teve um esquete teatral lá e um senhor chegou no dia e perguntou o que ia acontecer ali. Falei que ia ter teatro. O cara ficou achando que a gente ia levar o lugar físico, o prédio de um teatro para lá (risos). Expliquei para ele o que seria e ele falou 'Pô, nunca vi teatro. Espera dez minutos para chamar minha mulher'. Um senhor de cerca de 60 anos. E pensei 'puta, quero ver o que é isso'. Ele chegou com a esposa dele, encostou na parede e eu não vi a peça, fiquei vendo a reação deles. E ele ria meio contido, que nem macho [imita um tipo meio canastrão], 'he he he, esses moleques'. Fui falar com ele depois e ele falou 'Sabia que podia ter morrido sem nunca ver teatro?' A maioria dos jovens que vão lá nunca viram teatro. Então já valeu o teatro estar ali. Aquilo me marcou. Imagina a quantidade de jovens que morreram e estão lá do lado, no cemitério, que nunca viram uma peça de teatro, nunca leram uma poesia?

Como foi a Semana de Arte Moderna da Periferia?

Fazia uns três anos que eu falava em fazer uma "semana de arte moderna da periferia". Aí falavam "não, vamos fazer 'semana de arte' só". Mas seria mais uma festinha da periferia, do gueto, mais um ponto de macumba na senzala, não iria ninguém. Tem que se apropriar de um bagulho deles, que eles respeitam, que é sagrado, e *dessacralizar* em praça pública. Daí, quando reunimos os grupos para organizar o evento, vieram questionar o nome e eu falei que não abria mão dele. É como eu falei, sou ditador. Eu queria isso, porque a Regina Casé não pediu autorização para fazer um programa chamado *Central da Periferia*. Não é antropofagia [lema modernista]? Vamos comer aquilo que eles nos deram a vida inteira e vomitar.

E o evento aconteceu só na Zona Sul?

Apenas na Zona Sul, até porque a gente não tinha grana, resumimos o que acontecia aqui. A gente não tinha dinheiro; só a arrogância em fazer um evento desses. O dinheiro apareceu uma semana antes. Eu saí com a cuia, fui na Ação Educativa, na Editora Global, no Itaú Cultural, no SESC.

Fachada do Bar Zé do Batidão

"Segure na mão de quem está na frente e puxe a mão de quem estiver atrás." Essa frase, que faz parte de um poema do Sérgio Vaz, simboliza a maneira com que a Cooperifa planta o progresso na quebrada. O Sérgio desenvolveu um jeito cabuloso de fazer com que as pessoas que tão na quebrada se sintam humanos, protagonistas, e não vítimas.

Na Cooperifa não têm vítima, lá tem artistas, pensadores e articuladores, que também são responsáveis de alguma maneira pela melhoria da quebrada, o papel de vítima não cabe lá não. É a semente da auto-estima, que ele planta e cobra na prática também, no comportamento, no respeito que ele exige que se tenha durante o Sarau."

Tatiana Ivanovici
produtora e assessora de imprensa

Quais escritores você recomendaria para quem quer conhecer essa nova produção?
Eu recomendaria o Sacolinha. Eu gosto de poesia, ele gosta de literatura, conhece as editoras, sabe o que cada uma faz, tem interesse pela coisa toda.

É engraçado você falar que o ser humano não presta, porque você é um humanista, afinal.
Sim. Mas eu prefiro trabalhar com essa margem. Pra não me decepcionar. Essa idéia é o lance de me sentir desempregado, de achar que não preciso das coisas. É por isso que as pessoas se surpreendem, porque sou sempre simpático, mas na hora de falar "não", sou firme. "Não" é "não"! Meu jeito é esse: sorriso no rosto e punhos cerrados. Posso falar que eu represento o Sarau da Cooperifa, mas não a periferia. Já tive luz cortada por conta disso, telefone cortado, quase perdi a mulher (risos). Tenho autoridade para falar daquilo. Eu vivo em função daquilo. Agora o Sarau tem vários pais e eu gosto disso, mas só quem pode bater é quem botou no mundo. (risos) Mas pode ajudar a educar, a cuidar, porque o filho tá bonito e tá crescendo. ◂

Saiba Mais
www.colecionadordepedras.blogspot.com
www.globaleditora.com.br
www.ferrez.blogspot.com
www.suburbanoconvicto.blogger.com.br

Em www.maissoma.com mais fotos da Cooperifa, mais entrevistas e um apanhado da efervescente produção literária periférica.

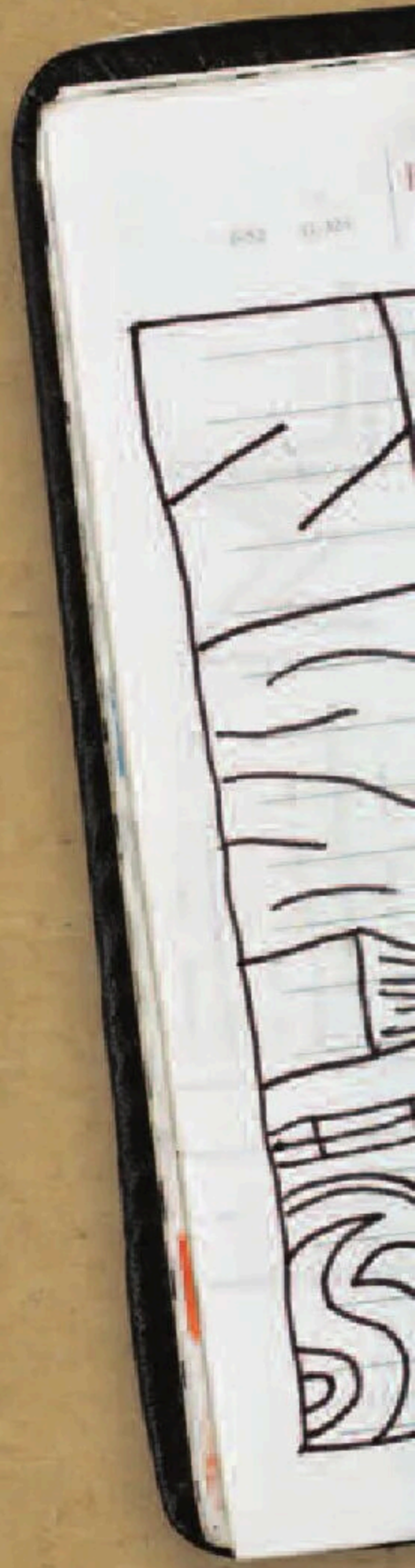
"SKETCHBOOKS"

» Os cadernos de desenho são como uma extensão do corpo de um artista. Ao lado de um lápis, caneta ou qualquer coisa que deixe uma marca, esses cadernos acompanham o artista por onde ele estiver e, em um simples esboço ou rascunho, materializa idéias em seu estado mais bruto e espontâneo.

Por ser um objeto pessoal, os cadernos de desenho normalmente ficam restritos à pessoas muito próximas dos artistas. Assim, desenhos e histórias acabam esquecidos, guardados no fundo de uma gaveta ou armário.

A +Soma convidou os artistas **Emerson Pingarilho**, **Herbert Baglione**, **Pacolli**, **MZK** e **Tinho** para compartilharem uma história ou lembrança através de uma imagem escolhida em um de seus cadernos.

Veja no que deu. »



SKETCHBOOKS CONTA COM O APOIO DA NIKE QUE, ASSIM COMO A +SOMA, NASCEU DA TÍPICA ENERGIA E PAIXÃO QUE MOTIVA JOVENS NO MUNDO TODO À CORRER ATRÁS DE SEUS SONHOS E FAZER ACONTECER. UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO, QUE CELEBRA A ARTE TRAZENDO A CADA EDIÇÃO NOVOS ARTISTAS E IDÉIAS QUE INSPIRAM.

MZK

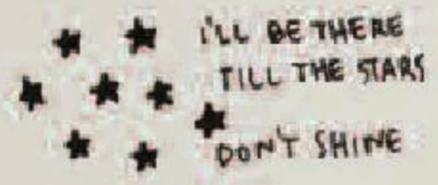
"Apesar de não conseguir completar meus cadernos de rascunho,
eles servem para guardar idéias para pinturas e histórias.
O que é muito útil, pois as idéias guardadas apenas na cabeça,
tem grande chance de desaparecer rapidamente."

Herbert Baglione

"Virtú contro a fuore prenderà l'arme i e fia il combatter corto;
Ché l'antico valore nelli italici cor è ancor morto."

Walter "Tinho" Nomura

"Esse caderno me acompanhou durante o tempo em que eu estava em Berlin, antes da Copa do Mundo comecar.
Nele tem um adesivo da Air France, Companhia aérea que me levou e um papel registrado com o pedido de uma cerveja a € 2,20.
A menina desenhada foi inspirada na música Little Trouble Girl do Sonic Youth e o casal foi um desenho de observacão
que eu fiz enquanto tomava a cerveja e conversava com o meu amigo Titi."

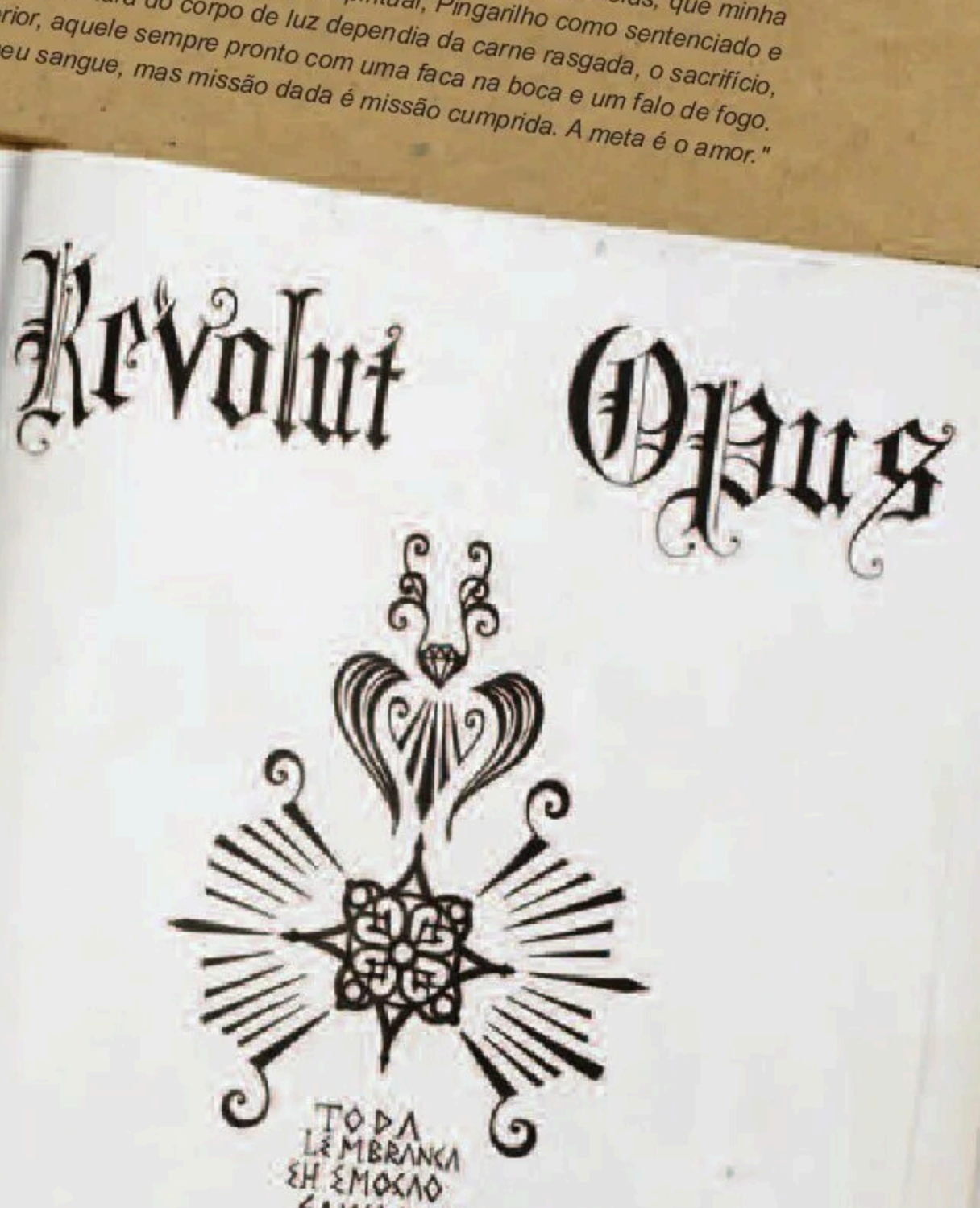


Pacolli

"Meus caderninhos são como diários e tem um monte de fases diferentes.
Esse aqui me acompanhou durante uma viagem, e pelo jeito eu estava escutando bastante Bon Jovi na época."

Emerson Pingarilho

"Quando comecei esse livro da vida tinha certas coisas em mente que perturbavam já como idéias, que minha completa transformação dependeria de um grande sofrimento fisico e espiritual, Pingarilho como sentenciado e executor do próprio devir. A abertura do corpo de luz dependia da carne rasgada, o sacrifício, a destruição do meu demônio interior, aquele sempre pronto com uma faca na boca e um falo de fogo. No meio do livro já sentia vontade de morrer, de jorrar meu sangue, mas missão dada é missão cumprida. A meta é o amor."



ATARAXIA

VENI

VIDI

VICI

DON PENDLETON

Entrevista por Tiago Moraes
Imagens cedidas pelo artista

Don é um dos artistas mais influentes e respeitados do skate mundial atual. Ao longo de quase uma década, foi o responsável por toda identidade visual dos produtos da Alien Workshop, uma das mais inovadoras e autênticas marcas de skate da década de 1990. Nos últimos anos, empresta seu traço marcante para a Element Skateboards, em inúmeros produtos e projetos, além de desenvolver paralelamente seus trabalhos pessoais em pinturas, desenhos e na Darkroom, marca de roupas que criou e lançou recentemente.

No momento em que você lê esta entrevista, está sendo lançado nos Estados Unidos um documentário sobre ele, primeiro capítulo do novo projeto do Studio 411 e da revista online Mumble, intilulado *Little Giants*.

Conheça um pouco mais do trabalho desse artista que só não é mais conhecido ainda por conta do temperamento um tanto avesso à exposição, introspectivo e nada afeito à badalação do mundo das artes e vernissages.

Você é uma artista que anda de skate ou um skatista que também faz arte?
Sou um pouco dos dois. Atualmente, mais artista do que skatista, mas isso só mudou à medida que fui ficando mais velho.

O que é mais fácil para você, andar de skate ou desenhar?
Ambos são divertidos e fáceis, se você se dedicar. Andar de skate exige um pouco mais do corpo, então eu diria que andar de skate é mais difícil.

Como e quando você teve o seu primeiro contato com o skate? E com a arte?
Fui para Virginia Beach em 1985 e vi pessoas andando em skates modernos. Comecei a juntar um dinheiro para comprar um e comecei a andar no inverno daquele ano. Com a arte, foi algo que surgiu para passar o tempo quando criança. Tenho muitas lembranças de quando era criança, desenhando com giz de cera em cadernos. Comecei a levar arte mais a sério quando entrei no colegial.

Você cresceu em Ohio, certo? Como era a cena de skate na época em que você estava começando?
Na verdade, cresci em West Virginia, que fica um pouco a leste de Ohio. Simplesmente não existia cena de skate por lá naquela época. Quando fiquei um pouco mais velho, nas grandes cidades existiam algumas pequenas skateshops e essa cena foi crescendo. Devo ter conhecido no máximo uns quinze skatistas quando criança. Depois que entrei na faculdade a coisa toda cresceu muito e ficou ainda mais popular.

Você chegou a pensar em se tornar skatista profissional em algum momento?
Isso foi algo com o qual eu sempre sonhei, mas fui muito realista. Até tive alguns patrocínios e participei de campeonatos, demonstrações e coisas do tipo, mas sabia que para ser profissional teria que ser melhor do que eu era, além de ter que me mudar para a Califórnia. Assim, abandonei essa idéia de vez no terceiro ano de faculdade.

Além de aprender como dar um ollie, um flip, entre outras manobras, o que mais você aprendeu com o skate que você vai carregar para toda a sua vida?
A idéia de que a prática leva à perfeição, e a convicção de manter o foco e se comprometer com as coisas. A idéia de se machucar, se recuperar e ir lá tentar de novo. Acho que eu levei quase um mês para aprender a dar um flip da forma correta. Então isso te ensina a ser persistente e ter paciência, coisas que eu ainda aproveito na minha vida até hoje.

O seu trabalho começou a ganhar mais notoriedade no final da década de 1990, época em que você trabalhava na Alien Workshop, uma das poucas marcas de skate fora da Califórnia a ganhar o mundo. Esse foi o seu primeiro emprego? Você tinha liberdade para desenhar o que queria, ou te diziam o que desenhar?
Eu sempre trabalhei, desde que entrei na faculdade. Trabalhei em uma loja de skate por vários anos, em alguns jornais fazendo arte, layouts e edição, e até em alguns bares como atendente. Trabalhar na AWS foi o meu primeiro trabalho em tempo integral no universo do skate.

Eu sempre tive liberdade total para fazer o que quisesse. Eu acho que é por isso que funcionou tão bem por tanto tempo. Não tinha muita cobrança, exceto cumprir com prazos e tentar fazer com que as imagens funcionassem. Eu fiz muitas coisas lá, os desenhos eram só uma pequena parte do meu trabalho.

Eu lembro que uma coisa que sempre marcou a Alien positivamente foram aquelas séries de shapes que você fazia: cinco ou seis shapes com a mesma estética mas diferentes cores, animais e criaturas. De onde você tirava tanta coisa boa?

Era apenas o resultado de horas e horas de rabiscos e brainstorming de idéias. Em algumas séries eu rascunhava um personagem e depois falava, "Ok, agora preciso de mais cinco personagens do mesmo estilo e terei uma série completa". Daí fazia mais desenhos e tentava imaginar como fazer para unir todos eles. Eu considerava que tinha criado uma boa série quando inventava personagens consistentes o bastante para se parecerem uns com os outros, mas diferentes suficientes para que agradassem skatistas de diferentes estilos.

Nos últimos anos você tem trabalhado para a Element Skateboards em tempo integral. Qual é o seu papel por lá? Você continua trabalhando exclusivamente para eles ou tem feito outras coisas?

Trabalhei para a Element, mas não me mudei para a California, fiz tudo aqui do meu estúdio, em Ohio. Ainda trabalho com eles, mas agora como freelancer. Antes acabava me envolvendo em todo tipo de coisa, como embalagens, camisetas, etiquetas, tags, eu me envolvia em quase tudo que a Element lançava. Desde que virei freelancer, agora só faço meus desenhos e é isso. E acho que prefiro assim, posso focar nos desenhos e não fico amarrado em outros projetos que podem não ser tão divertidos ou que não me dão tanta liberdade para criar.

Você estudou arte? Acha que estudar arte é importante?

Eu frequentei uma universidade convencional, mas acabei estudando um pouco de arte. Gosto da idéia de estudar a vida de artistas, mas acho que estudar arte é uma perda de tempo. Você tem dez professores diferentes tentando te ensinar diferentes abordagens e tentando tirar o seu estilo de você. Você desenha algo e eles dizem, "Não é assim que se faz, faz deste jeito..." E assim eles efetivamente anulam o seu estilo e a sua criatividade para que você se encaixe no modelo que é mais prático e comercial. Honestamente, estudar arte não acrescentou nada na minha carreira - a não ser ensinar a cumprir prazos e outras coisas chatas do tipo.

Eu li em uma entrevista recente que a música é uma de suas maiores inspirações. O que você tem ouvido ultimamente, e quais suas bandas favoritas de todos os tempos?

Recentemente tenho ouvido muito Radiohead, tanto o novo como os antigos. Gosto muito de Joy Division. Quanto à banda favorita de todos os tempos, acho que provavelmente é The Smiths. Eu gosto de bandas com letras inteligentes e que conseguem criar um som único. Acho a maioria dessas novas bandas cópias baratas de bandas que vieram antes delas.

Há muitos skatistas que acabam se tornando também artistas ou músicos. Por que acha que isso acontece? Consegue enxergar alguma conexão entre skate, arte e música?

As três têm um apelo forte para pessoas criativas. Há muito espaço nessas atividades para que você faça da sua maneira, e uma coisa acaba levando à outra, como outra forma de experimentação e diversão. A criatividade que você desenvolve no desenho pode ser aplicada ao skate e depois na música, também. Pessoalmente, me encanta a idéia de fazer algo que não existia antes, o senso de dever cumprido por fazer algo de forma diferente. Eu toco guitarra e eu não toco simplesmente da maneira que qualquer pessoa tocaria - tento incorporar o meu estilo e dar uma abordagem totalmente diferente.

De onde veio o seu estilo de desenhar? Que artistas te inspiram?

Quando trabalhava em um jornal, tinha que desenhar ilustrações com rapidez, porque os prazos eram muito curtos. Às vezes, tinha apenas

Séries de decks para Alien Workshop

quarenta minutos para fazer algo, muitas vezes até menos. Aí, comecei a usar o computador na mesma época em que comecei a trabalhar com o papel, e descobri que desenhar no computador era mais rápido. Assim, desenvolvi o meu estilo de desenhar rápido. Tenho dificuldades para me concentrar por muito tempo, então gosto de mergulhar no que estou fazendo, terminar, e partir para o próximo. Acho que é por isso que meus desenhos têm esse caráter simples e bem minimalista – tudo está ligado à velocidade com que eu trabalho.

De onde surgem os temas e personagens que você cria?

Eu me inspiro muito na natureza: insetos, animais, criaturas, monstros, pesadelos e coisas do tipo. Nunca gostei de simplesmente olhar para algo e desenhar. Sempre preferi desenhar coisas que saíam da minha cabeça e dar vida a elas. Essa é uma das coisas divertidas da arte, conceber uma coisa e trazê-la à vida, dar forma, cores, olhos etc. Na minha opinião, é a melhor parte.

Qual o lado positivo e o lado negativo de ser artista?

A melhor coisa em ser artista é fazer o que você ama e dedicar tempo e esforço para criar algo do zero, que seja integralmente seu. É um sentimento incrível. As coisas ruins de ser um artista: nem sempre você consegue trabalho, nem sempre você tem dinheiro, pessoas copiam o seu estilo e a sua arte para outras empresas e trabalhos. No geral, o lado positivo acaba sempre ganhando, mas não é fácil lidar com esse tipo de coisa quando você está começando. Não é uma vida fácil, mas é uma forma divertida de se viver.

Ouvi dizer que você gosta de trabalhar à noite...

Eu sempre fui um pouco "coruja", de ficar acordado a noite inteira. Tem aquela coisa de trabalhar sabendo que o telefone não vai tocar, que não vai chegar nenhum e-mail e ninguém vai bater na sua porta. São nessas horas de isolamento que realmente consigo me concentrar no que estou fazendo e curtir o momento. Não gosto de ser interrompido quando estou no meio de um projeto, por isso prefiro trabalhar tarde da noite e não ter que lidar com esse tipo de coisa.

O que você acha de todo esse hype em cima da assim chamada "street art"? Existem alguns artistas super criativos, com estilos e técnicas únicas, mas também há um monte de "embalos", gente que apenas reproduz estéticas pré-fabricadas. Aonde isso vai parar?

Acredito que essas pessoas vão se cansar rapidamente e passar para a próxima modinha do momento. A arte e o streetwear se tornarão apenas outra moda, depois de um tempo. Isso acabou atraindo para o skate pessoas que talvez nunca tivessem nenhum interesse, gente que está sempre atrás do hype. Mas sempre permanece quem é verdadeiro, os outros seguem em frente quando isso deixa de ser legal.

Quando comecei a andar de skate na minha cidade, as pessoas jogavam pedras em mim! E hoje andar de skate é considerado a coisa mais legal para se fazer. Eu fico feliz por termos chegado a um ponto em que somos respeitados, mas, por outro lado, isso atraiu muita gente interessada em dinheiro, em fama ou coisas do tipo. Então espero que essas pessoas sigam em frente quando alguma outra coisa como discotecar ou colecionar tênis se tornar mais popular.

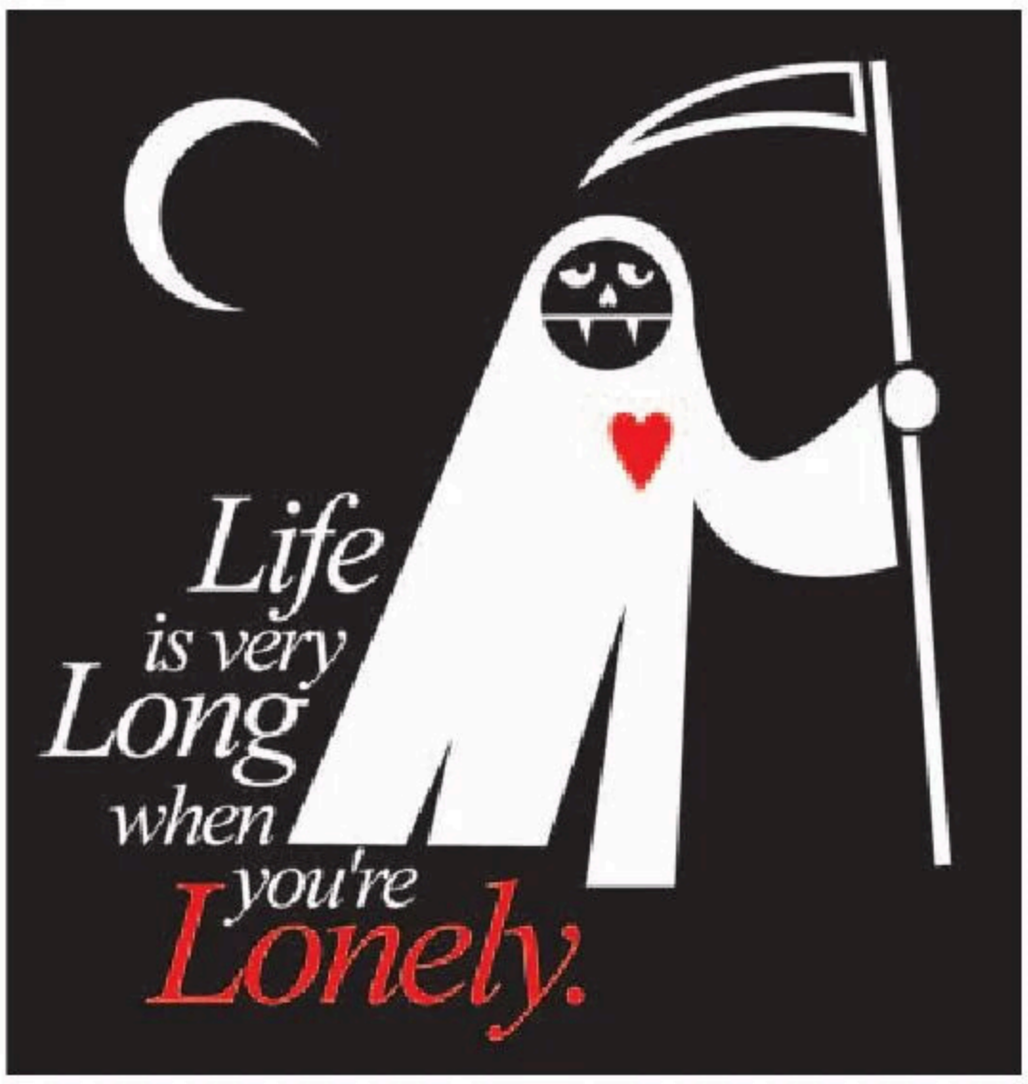
Houve um tempo em que dizer que você era skatista ou artista era motivo de piada, ninguém levava a sério. Hoje ser skatista é o máximo, há milhões de pessoas assistindo o X-Games ou esses reality shows com skatistas na MTV, e ser artista também é bacana. E mais: agora se ganha dinheiro com isso. Você sente falta de alguma coisa do passado? Acha que algo mudou para melhor?

Eu sinto falta da irmandade dos velhos tempos. Se você encontrava um skatista na rua, ele automaticamente se tornava seu amigo. Era como uma irmandade mesmo, um dava força para o outro, um apresentava para o outro os picos que conhecia, você podia chegar sozinho em uma cidade e começar a andar numa boa com os locais. Hoje em dia, as pessoas se dividem nesses grupinhos, brigam entre si, e não são mais amigáveis. Quando tudo era menor, você sabia que as pessoas realmente amavam aquilo. Como disse, fico orgulhoso de ver a popularidade do skate, mas sinto falta dos tempos em que as pessoas eram mais unidas e amigáveis umas com as outras.

Na arte, tinha menos coisas em jogo e você podia desenhar o que quisesse. Hoje em dia, existe um monte de empresas à caça de dinheiro, e elas ficam te dizendo o que você pode desenhar, o que é legal, o que está na moda, o que vai vender mais etc. O skate sempre foi um berço de criatividade porque as pessoas não costumavam ligar para esse tipo de coisa. Quando você coloca esse tipo de pressão e define metas de vendas ambiciosas, acaba matando a criatividade por medo de correr riscos como empresa.

A sua abordagem em relação a seus trabalhos comerciais é diferente da forma como você trata projetos não comerciais?

Não. Meu estilo de desenhar é igual ao meu estilo no skate. Ninguém nunca entendeu isso, mas é assim que é. Sabe como cada skatista tem o seu estilo, e é isso que os diferencia? É o mesmo na arte! Se alguém vem até mim e me pede para mudar o que fiz, não rola. É ridículo. Já teve gente que me pediu: "tente fazer não parecer que foi você que fez". O quê? É como me pedir para arrancar o meu coração e dar um flip por cima dele ou algo do gênero. O meu estilo é tão parte de mim quanto o meu braço ou minha perna. É isso que tenho a oferecer, e não acho que eu gostaria de mudar isso um dia - mesmo se eu pudesse. Coisas que eu fiz no computador tendem a ser diferentes das que eu fiz à mão, mas todos os meus desenhos carregam a mesma abordagem, o mesmo estilo.



Você tem participado de muitas exposições? Tem vendido muito?

Eu tento não participar de muitas exposições, não gosto muito desse tipo de encontro social. Sempre tive problemas de ansiedade, e aberturas de exposições me estressam muito. A maioria das obras que fiz recentemente está em cadernos e é para projetos comerciais. Não tenho muito tempo para pintar. E como no momento não tenho um estúdio adequado para isso, quando eu pinto tenho que arrastar todos os móveis da sala e fica uma bagunça por mais de um mês. Mas tenho planos de fazer algumas exposições este ano e me centrar mais na pintura. Isso para mim é mais uma questão de controlar melhor minha ansiedade, e gerenciar melhor o meu tempo entre projetos comerciais e não-comerciais.

Quando você desenha uma série de shapes de skate, fica preocupado se vai vender ou não? Você considera esse tipo de coisa antes de começar a criar algo?

Eu costumava não levar isso em conta. Quase consigo lembrar o dia exato em que tudo mudou. Trabalhava na AWS (Alien Workshop) e as vendas estavam fracas. Já fazia um bom tempo que a marca não lançava um vídeo novo, o time de skatistas que patrocinávamos não estava saindo muito em revistas e filmes, e eu percebi que o que fazia os produtos venderem ou não era a arte. Isso virou um problema na minha cabeça, e nunca mais consegui voltar ao normal. Por mais que eu tente ignorar, essa assombração sempre me persegue. Mas tento não pensar a respeito, ignorar, não me preocupar. Não ligo se vai vender ou não, desde que os skatistas aprovem e sintam a minha arte. Felizmente, na maioria das vezes eles vendem - acho que eu saberia se eles não vendessem. Mas é uma tarefa difícil - às vezes perco muito tempo tentando bloquear esse tipo de pensamento.

Eu li em uma entrevista que você tem um problema grave de saúde, alguma coisa relacionada ao seu coração. O que aconteceu?

Isso foi em 2001. Meus batimentos cardíacos sempre foram irregulares e uma noite eles dispararam. Fui diagnosticado como tendo fibrilação no átrio, o que gera uma arritmia. Não é algo fatal, mas na época achei que minha vida tivesse acabado. Não foi fácil superar isso, mas hoje está tudo sobre controle. Felizmente.

Sempre te perguntam sobre o seu período gótico. Isso é sério ou é uma piada interna? Explique um pouco a respeito e fale como isso se reflete em seu trabalho.

Uau! Tenho que admitir que essa história foi uma piada. Meu amigo Bob Kronbauer e eu pirávamos nessa história de góticos, a música...Teve um período na minha vida em que eu realmente gostei muito de The Cure, do Robert Smith, mas nunca fui gótico. Comecei a fazer umas festas em casa chamadas GothFest, e as pessoas iam com sombras nos olhos e coisas do gênero, mas era tudo uma piada. Cresci me sentindo um excluído e talvez esse tenha sido o meu único período gótico.

Séries de decks para Element Skateboards

Fale sobre o documentário que trata de você e seu trabalho, e que está para sair. Quem foi o produtor, há quanto tempo você vem filmando e como ele será lançado?

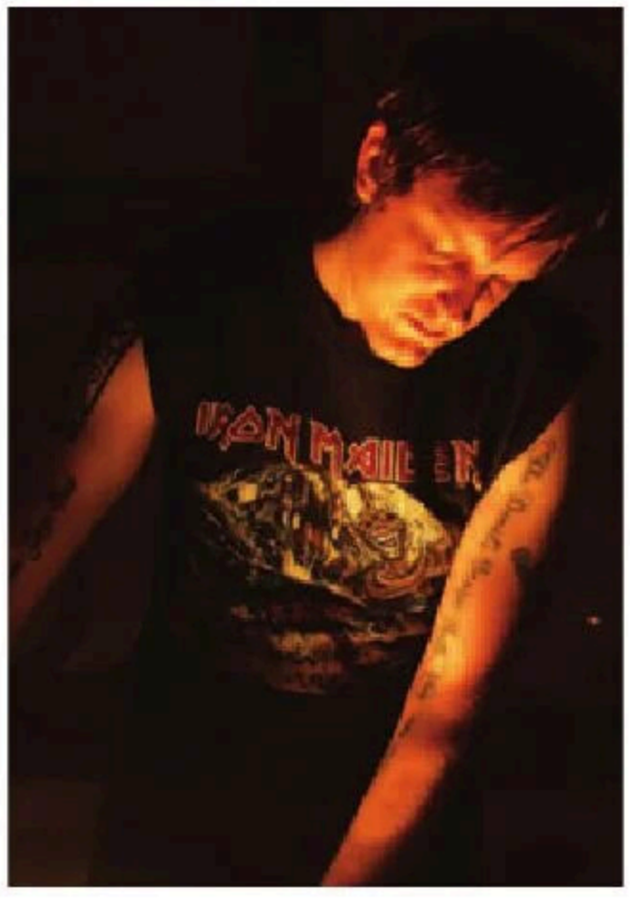
Será o primeiro lançamento do projeto *Little Giants*. Bob Kronbauer é o editor e ele irá lançar dois documentários por ano retratando artistas. Eu fui o escolhido para a primeira edição. Ele passou algumas semanas em casa e também entrevistou alguns skatistas e artistas (Steve Berra, Craig Metzger, Michael Leon e um monte de outras pessoas). É um tipo de biografia sobre minha vida e meu trabalho. Você pode assistir ao trailer no site www.mumblemagazine.com. Ao que tudo indica, será lançado e estará disponível na 411 Video Magazine na mesma época em que essa revista sair. Procurem nas lojas ou online.

Quando você não está desenhando ou pintando, o que você mais gosta de fazer?

Tocar guitarra, ler, andar de skate quando o tempo está bom, também gosto de escrever... Qualquer coisa que seja criativa e produtiva. Durante o inverno, às vezes fico o dia inteiro na frente da TV, mas estou tentando superar isso. Sempre tem algum projeto no qual estou trabalhando e sempre acabo me ocupando com algo.

O que você conhece da cena de arte e skate brasileira?

Eu conheço um pouco da cena do skate, mas quase nada sobre os artistas. Eu lembro de uma época em que todos os skatistas que apareciam e estavam detonando vinham do Brasil. Provavelmente o Bob (Burnquist) foi o primeiro skatista brasileiro que eu conheci, e depois vieram outros. É muito louco ver skatistas de diferentes partes do mundo, porque eles trazem estilos e manobras diferentes, e eu adoro analisar esse aspecto, essa diversidade.



O que podemos esperar de você num futuro próximo?

Espero ainda mais do mesmo. Só quero continuar a desenhar para skate, me manter envolvido, me divertir e aproveitar os dias. Enquanto puder fazer isso, estarei bem. Gostaria de me empenhar um pouco mais na Darkroom, montar um time bacana e fazer dela uma marca legítima.

Gostaria de dizer mais alguma coisa para todos que apreciam o seu trabalho aqui no Brasil?

É fascinante que uma criança de West Virginia - um pequeno estado no nordeste dos EUA - que só queria andar de skate e desenhar imagens engraçadas, tenha conseguido alcançar o que alcancei. Ter conseguido viajar o mundo, trabalhar com alguns dos melhores skatistas de todos os tempos, conhecer alguns de meus ídolos de infância, tudo isso é uma loucura! Todos os dias eu faço questão de me lembrar como sou sortudo. Fico perplexo de saber que uma criança olha para uma parede de shapes em uma loja de skate, e por algum motivo escolhe um shape que eu desenhei.

Sempre digo às pessoas para que façam aquilo que realmente amam, dêem o melhor de si no que deve ser feito. Não importa de onde você é ou onde você está, se você realmente ama o que faz, tudo vai valer a pena no fim.

Saiba Mais
www.elephont.com

Veja o trailler do documentário
www.mumblemagazine.com/littlegiants

Ensaio . **Natureza**

As fotos foram realizadas em 2007
na cidade de São Paulo, nos Parques Trianon,
Burle Marx e Água Branca.

Edição . **Marina Buendia**

Fotografia . **Cia de Foto**

» Conheça
www.ciadefoto.com.br

SIBA O MESTRE

Por Arthur Dantas . Colaborou na entrevista Luciano Valério

Um dos fenômenos da indústria musical nos anos 1990 foi a revalorização de elementos regionais, algo que atingiu proporções planetárias. No Brasil, Recife foi o epicentro dessa tendência e teve no mangue beat sua expressão maior, com grupos como **Chico Science e Nação Zumbi**, **Mundo Livre S.A** e **Mestre Ambrósio** – representantes da primeira fase do movimento – alcançando projeção nacional. A idéia, grosso modo, era explorar uma estética pop antenada com o que acontecia no mundo, reinterpretada segundo elementos da música regional brasileira. A maior parte desses grupos acabou transferindo sua base para São Paulo. Com Sérgio Roberto Velloso de Oliveira, 39 anos, o Siba, ex-integrante do Mestre Ambrósio, a necessidade de revisitar suas raízes in loco, para participar de uma vida cultural riquíssima, porém desconhecida ou mistificada, foi imperiosa. Assim, ele deixou São Paulo e voltou para Pernambuco. Tudo em nome de um processo criativo que não conhece barreiras ou dogmas.

Siba, hoje um mestre de maracatu inserido na exuberante tradição da Zona da Mata pernambucana, é filho da primeira geração urbana de sua família, que tem raízes no Agreste e cultiva esse passado. "Boa parte da família é do interior e a gente cultiva esse lado. Tem a história com meu avô, que fazia festas para reunir a família em seu aniversário, o que fazem até hoje, mesmo depois de sua morte." Dessa herança, nasceu o gosto pela música – ainda que ele seja o primeiro músico profissional da família. "Tinha muita música nas festas da família. Meu pai gostava de cantoria de viola, Luiz Gonzaga, gostava muito de poesia popular – o que acabou despertando meu interesse por embolada, cantoria e coco", relembra Siba.

Muito em função de sua ligação com o interior e com o pai, Siba sentiu a necessidade de explorar suas raízes mais a fundo. Reuniu alguns músicos experimentados da Zona da Mata, com quem vinha mantendo relação desde sua volta à região, e formou então a Fuloresta. Com o grupo, lançou os álbuns *Fuloresta do Samba*, em 2002, e *Toda Vez Que eu Dou Um Passo o Mundo Sai do Lugar*, certamente um dos melhores lançamentos do ano passado. Seu depoimento sobre Biu Roque, 77 anos, integrante da Fuloresta e lendário músico pernambucano, diz muito sobre suas motivações artísticas.

"[Biu Roque] canta coco desde os 8 anos com a mãe – ela cantando e ele acompanhando, batendo o gongo. Com 12 anos sustentava a família tocando forró. Ele sempre foi músico e participou de um grupo de cavalo-marinho muito importante para a região. E, para mim, teve uma importância muito grande porque não foi só um professor na música, mas na vida também. Ele é a base da Fuloresta e eu procurei músicos que tivessem uma história como a dele."

Acompanhe o bate-papo com um dos mais interessantes artistas brasileiros contemporâneos, que fala sobre os desafios de maracatu, poesia popular, suas motivações artísticas e influências. ▸▸

Em uma entrevista você falou sobre seu forte interesse por poesia popular, mas não exatamente pelo cordel.

O cordel é uma das ramificações da poesia rimada do Nordeste, bem característico da Península Ibérica e que se desenvolveu aqui de diversas formas. Mas o principal elemento da poesia popular nordestina é a cantoria de viola, que se desenvolveu muito. Pra se tornar um cantador, tem que se dedicar muito, porque o nível técnico que se exige é muito grande, há uma variação muito grande de formas e técnicas, é preciso ter boa memória, se exercitar por muitos anos. E tem vários estilos que bebem da cantoria: o maracatu de baque solto, a ciranda, o coco – e são diversos tipos de coco. O cordel é uma ramificação. Eu sou mais ligado à tradição da poesia cantada. Me envolvi com os ritmos da Mata Norte, como o maracatu de baque solto e a ciranda, que foram bem importantes para minha formação. Para mim, uma das coisas mais importantes é poder acompanhar a produção dessa região. Agora sou mestre de maracatu e participo dessa tradição. Isso tudo é a base de meu trabalho, do meu dia-a-dia.

Você mora em Nazaré da Mata atualmente?

Rapaz, atualmente não sei onde tô morando (risos). Tenho minha base lá, para desenvolver esse trabalho com a Fuloresta, mas hoje eles funcionam sem mim.

Eles se apresentam sozinhos, como Fuloresta?

Não. Mas eles se mantêm funcionando sem a minha presença. Tenho meu quartel-general lá, mas fico muito tempo em Recife e hoje São Paulo é minha segunda casa.

E por que você se estabeleceu especificamente em Nazaré da Mata?

Eu tenho uma relação profunda com a Mata Norte desde 1990, antes até do meu trabalho com o Mestre Ambrósio. O grupo meio que começou em função dessa relação, das coisas que estava aprendendo lá, cavalo-marinho etc. A rabeca, um dos instrumentos que mais marcaram meu trabalho, aprendi a tocar por lá. Em paralelo ao Mestre Ambrósio, me exercitei muito nos estilos de poesia, música e dança da Mata Norte. A Fuloresta foi um sonho que eu acalentei até me sentir mais ou menos pronto para realizá-lo, em 2001. E Nazaré da Mata é uma cidade central na região, tem papel importante na tradição do maracatu de baque solto e tem uma infra-estrutura razoável.

Como alguém se torna mestre de maracatu?

O mestre é quem canta o maracatu. Para isso, é preciso conhecer algumas técnicas de poesia, métrica, rima e oração, que são mais ou menos comuns em todo o Nordeste, e dominar todos os estilos de maracatu. Ninguém te dá esse título. Mas, a partir do momento em que você alcança certa coordenação e domina os estilos, você pode virar mestre. Pra mim, o essencial são as "sambadas". Sambada é o encontro de dois grupos para a disputa de rimas, que dura a noite inteira. Você passa a ser respeitado como mestre quando assume este tipo de responsabilidade.

Imagino que haja alguma semelhança com os encontros de congada em Minas Gerais.

Realmente o maracatu se parece muito com as congadas em alguns aspectos. Por ser um cortejo, ter as mesmas origens. Mas na sambada o confronto é bem real. Você está lá com seu grupo de mais de cem pessoas e chega outro grupo, existem algumas regras que não são objetivas, tem um jeito de chegar, de sair, um jeito de dizer "Boa noite", tudo isso em rima... É uma longa história, são vários os procedimentos. Aquilo dura a noite inteira, um canta pro outro cantador, depois para o público, perto das duas começa a disputa mesmo, as duas torcidas ali no mesmo lugar, tem que saber o que se diz, porque tem gente armada de facão, cacete.

Você já participou de várias? Como foi a primeira vez?

Já participei de algumas. A primeira foi meio de impulso, ainda não dominava totalmente

Mas sai um vencedor de fato?

Cada um sai dizendo que ganhou (risos). A não ser quando um lado tenha se saído muito mal, o mestre tenha gaguejado, daí o povo vai falar que você apanhou. No início dei duas sambadas muito ruins, mas os outros mestres não era lá grandes coisas (risos). Depois de um tempo, levando a coisa mais a sério, como projeto artístico, passei a enfrentar os melhores mestres da região. Isso me deu certa respeitabilidade.

No último álbum, achei que a ciranda é o ritmo que vai costurando os demais.

Gostaria de abrir parênteses aqui. É até irônico que haja, aparentemente, algum estilo se destacando, mas esse disco não tem nenhum maracatu de baque solto, e é ele o cerne do disco. Tudo parte dali. No maracatu é onde se exige mais do poeta. Isso que eu chamo de tradição: não é uma série de regras, é um ambiente. É como formar uma banda de rock hoje – você tem que conhecer o que veio antes e o que tá acontecendo no momento, senão você fica perdido no espaço. É uma produção muito calcada na criação de texto – primeiro vem a rima, depois a música. Tudo vem do maracatu e da Fuloresta, que é um grupo de músicos de rua que se apresenta mais fora da região, até pela questão financeira. Assim, nos apresentamos mais para um público pouco afeito à tradição do maracatu. E a coisa tá

Siba e a Fuloresta

cada vez mais musical. No início a turma subia no palco e nem sabia o que ia tocar. E eu nunca tive intenção de ser didático com a Fuloresta ou ficar preso a alguma regra. No fim da história é tudo música, ritmo, melodia e pronto.

Acho que essa tua liberdade criativa acaba por conferir certa vocação pop ao teu trabalho.

Apesar de ser um mestre de maracatu ou cantar ciranda, tenho outra formação, o que me possibilita coisas que meus parceiros do interior não fazem, porque não têm interesse, não querem, enfim. Quando voltei para Pernambuco, há seis anos, formei a Fuloresta e me propus o desafio de fazer algo fechado naquela estética de lá. Seria muito mais fácil pra mim chegar lá e colocar uma rabeca, fazer algo que já vinha fazendo. Mas queria explorar algo que estava exercitando, em um ritmo mais lento, porque estava em São Paulo há um tempo e voltei para dedicar minha vida àquilo.

Essa tua busca está atrelada a entender uma tradição e a essa idéia de desafio?

Meu compromisso mesmo é com meu processo criativo. Em algum momento da minha vida passei a entender o sentido da arte no processo criativo, e não no resultado final. O Mestre Ambrósio foi fruto de um momento de processo criativo coletivo. E, em algum momento, tive a necessidade de explorar um processo radicalmente meu. Meu compromisso é com o que me mantenha criativo. E isso pode mudar de acordo com as coisas que eu vivo, escuto ou leio.

Qual a situação concreta da música da Zona da Mata pernambucana? Quando visitei Recife e região, senti uma ligação forte dos jovens com os ritmos regionais - o que não vejo muito em outras regiões do país. Sua geração, conhecida como mangue beat, teve algum papel para aquecer essa relação da juventude com os ritmos locais?

Nos anos 1980, isso que chamamos de cultura popular era muito desvalorizado e marginal em Pernambuco. Tinha um preconceito muito grande, e houve um processo na década seguinte, no qual essa minha geração urbana teve uma função. Mas não fomos os únicos responsáveis. Tivemos alguma importância a partir do momento que fizemos releituras e passamos a valorizar essas tradições como fundamentais. Mas tem a ver com outras coisas: o momento do país, as identidades locais em todo mundo passaram a ser percebidas - já vinha acontecendo na África, e Recife foi a ponta de lança por aqui. A gente estava sintonizado a isso, o que até então era impensável. Houve também uma articulação popular por parte de quem fazia maracatu, ciranda etc., o poder público lenta e tardiamente ajudou nisso. É um processo complexo. Hoje todo mundo gosta de maracatu, ciranda, coco e tal. Agora, as pessoas não têm intimidade com esses ritmos. Quando falo isso fora de Recife, as pessoas se assustam. Mas a cultura popular ainda ocupa um espaço muito marginal na vida das pessoas. Ninguém sabe dizer o nome de dois mestres de maracatu ou diferenciar um tipo de maracatu de outro. No interior de Pernambuco, a história é outra - as pessoas sabem diferenciar os tipos de rima, os estilos.

A recepção é tão diferente.

Lógico, é uma diferença radical. No interior as pessoas vão pra te ver cantar, no sentido que elas querem ver o que você tem pra dizer. Se eu canto três, quatro temas no interior eles reclamam: querem ver dez ou mais temas, pra ver se sou bom (risos). Em Recife, se canto mais de três temas o pessoal se cansa, acha chato. Quer conversar, dançar, tomar uma.

O poder público teve um papel forte também, não?

Acaba sendo um mediador. Para o bem e para o mal. A cultura popular no Brasil, em termos de subsistência material, é toda baseada no poder público. Isso vem desde Getúlio Vargas. É algo que está tão arraigado que nem pensamos sobre como isso influenciou a nossa identidade. A cabeça de quem faz maracatu está muita ligada a um meio de sobrevivência atrelado ao poder público. Seria muito difícil sobreviver do mercado, realmente.

Por que a demora do disco anterior para o novo?

Foi um processo de maturação meu, foram quatro anos em que pratiquei intensamente poesia de rua, para desenvolver uma linguagem de texto direta, com conteúdo que qualquer pessoa possa entender. Mas era o que eu queria indo para lá.

Essa pesquisa foi mais forte no interim entre um disco e outro?

Sim. Mas essa pesquisa é prática. Quando você coloca essa palavra "pesquisa" em relação à cultura popular há um senso comum sobre a pessoa pegar a coisa pronta. Minha pesquisa é igual à de Zé Galdino, Barrachinha, os grandes mestres da região: lendo um livro, vendo TV, conversando, procurar conhecer o que o pessoal no passado fez.

Como foi chegar n'OSGEMEOS, que fizeram cenários para seu show e a arte do último disco?

É uma história interessante, porque não foi nada intencional. Quem apresentou meu trabalho pra eles foi o Rodrigo Brandão, do Mamelo Sound System. Depois Jorge Du Peixe deu o primeiro CD pra eles. E eles gostaram muito daquilo e preparam uma exposição na Fortes Villaça ouvindo o disco. A gente não se conhecia e eu não tinha nenhuma ligação com o mundo do graffiti. E eu imaginando que eles eram moleques. Quando conheci, fiquei bem impressionado com o que eles faziam. Realmente há uma coisa onírica, um clima meio de interior no trabalho deles que lembra o Nordeste.

É O QUE ME MOVE COMO ARTISTA TODO RESTO É ACESSÓRIO...É O QUE ME MOVE E BUSCAR PASSAR ISSO DE ALGUMA MANEIRA...É O QUE ME MOVE UM JEITO DIFERENTE DE OLHAR AS COISAS...É

Show do Siba e a Fuloresta . Cenário por OSGEMEOS

Foto gentimente cedida por Ignacio Aronovich . Lost Art

O que ligou eles à gente não é tanto o imaginário, mas a coisa de ser uma cultura de rua, tirando todos os estereótipos. A poesia da Mata Norte trata do que acontece na rua, fala do momento que está acontecendo, assim como o graffiti.

Escutando o disco, vejo uma grande maestria entre os arranjos e a forma como as músicas se expressam. É um sentimento meio ancestral, que nos leva a coisas que nem conhecemos. Acho que isso se dá muito em razão da criação e da relação com o pessoal da Fuloresta. Como foi o convívio entre vocês?

A criação é um processo mais pessoal. Assim que surge um esqueleto das músicas, há o processo coletivo de achar um jeito para tocar aquilo, que se dá na interpretação. Essa força que você enxerga é algo que vem antes da gente, é algo difícil de explicar. O material novo, estou compondo com um parceiro, porque tenho viajado muito. Quando Biu Roque e Cosme Antônio colocam a voz, vem de um jeito que eu não consigo imaginar sozinho.

O que te deixa com a pulga atrás da orelha para criar? O que te move atualmente?

Volto para a história do processo criativo em si. Eu acho que uma função importante da arte é possibilitar a quem escuta ter acesso a uma percepção diferente das coisas. Não é mudar a cabeça das pessoas, no sentido de fazê-las tomarem uma atitude política. É ajudá-las a enxergar algo por um ângulo completamente novo. Este é o ponto central: buscar um jeito diferente de olhar as coisas. E é isso que me move. E buscar passar isso de alguma maneira é o que me move como artista. Todo resto é acessório.

Que outros músicos se expressam dessa forma, para você?

A lista é muito grande. Há artistas formadores para mim: Luiz Gonzaga e Quinteto Violado eram coisas que tocavam em casa e formaram minha percepção, e cantoria de viola é a referência mais importante para mim.
Alguns poetas foram especialmente importantes, como Ivanildo Villa Nova. Não só pela música, mas pela trajetória dele, que revolucionou uma tradição. Em um certo momento teve o rock dos anos 1960 e 70: Jimi Hendrix, bandas como Cream, Deep Purple, Black Sabbath e Led Zeppellin; jazz dos anos 50 e 60. Numa outra fase, a música urbana africana - não só como experiência estética, mas pelo modelo de procedimento, de como eles souberam remodelar diversas tradições e se tornaram referencial de modernidade. Tem a literatura, como Guimarães Rosa. É uma lista muito grande.

Discografia

Toda Vez Que eu Dou Um Passo o Mundo Sai do Lugar . 2007
Fuloresta do Samba . 2002

Saiba Mais

www.myspace.com/sibaeafuloresta
www.ambulantediscos.com.br

Sobre Posições

Liz usa vestido Têca, meias Wolford e sapatos Bottero.

Augusto veste camiseta V.Rom sob moletom Ellus, calça saruel Osklen e tênis Volcom.

Augusto veste camisa Stereo, shorts Ivan Aguilar, casaco Quiksilver e tênis Volcom.

Liz usa vestido Cavalera, tricot Graça Ottoni e botas Luiza Barcelos.
Ao lado Liz usa vestido 2nd Floor e botas Bottero.

Vestido Cantão e botas Osklen.

Sobre Posições

Por André Sader

Sobreposições, camadas, subesferas, subtextos.
Entendimentos outros que não os superficiais.
O que está escondido, é revelado. E o que é revelado,
é novamente velado, portanto escondido mais uma vez.
A roupa esconde teu corpo, a nudez esconde a tua
integração social.

Com que grupo privas?
E teus músculos, o que eles escondem?
E tua banha, o que revela?
Tua pele de pêssego o que diz?
Teu tênis mostra teu estilo ou esconde tuas frieras?
Teu salto-alto revela tua fragilidade ou esconde teu verdadeiro alinhamento?

Reza a antropológica lenda que índios acostumados a
viverem nus, tem dificuldade de reconhecerem alguém
vestido, pois o corpo seria o referencial de cognição.

Brincamos aqui com a possibilidade de termos as duas
percepções – vestidos e nus, presentes e velados,
pudicamente indecentes.

Fotógrafo . André de Toledo Sader
Assistente de fotografia . Márcio Silva
Edição de moda/styling . Helena Sasseron
Produção de moda . Fergs Heinzelmann
Make . Jorge Menezes
Modelos . Liz Zortea e Augusto César . Ten Model
Agradecimento . Chácara Roda D'Água e a Ten Model

Liz usa vestido Cavalera.
Augusto veste macacão de tricot Osklen.

A música inconformada de Kiko Dinucci

Por Arthur Dantas

A trajetória musical do compositor é algo curioso. O paulistano Cristiano "Kiko" Dinucci, 30 anos, foi criado no CECAP, conjunto habitacional de Guarulhos, na Grande São Paulo, onde vive até hoje. Ali conheceu o heavy metal, mais tarde o hardcore e, nessa fase, foi o primeiro guitarrista do Personal Choice, banda fundamental do straight edge nacional. Ovelha negra no rebanho do rock independente paulistano dos anos 1990, encontrou nessas experiências subsídios para definir o que não queria na música.

Há cerca de três anos, comanda as noites de quarta-feira no pequenino Ó do Borogodó, reduto de samba e choro na Vila Madalena, em São Paulo. Dinucci é acompanhado pelo Bando Afromacarrônico, inicialmente um grupo de "samba paulistano", que aos poucos assimilou elementos caribenhos, jongo, samba rural, o carimbo paraense. "Hoje, não sei mais dizer o que a gente toca", define Kiko, como é conhecido na noite.

Numa de suas apresentações, era possível ver na platéia um famoso músico paulistano, um casal de australianos prestes a se separar (em função de uma crise de ciúmes causada pela sensualidade tropical), uma morena belíssima em trajes generosos, playboys caricatos e exibicionistas, um trabalhador da construção civil em trajes surrados, universitários em busca de "brasilidade", cheirados e bebuns de diversos calibres. Loiros, pardos, negros, orientais, migrantes e estrangeiros - São Paulo e África se entrelaçando pelas mãos de Kiko e seu Bando. O retrato exato da cidade, ecoando um de seus refrões : "porque a Paulicéia ainda pode sambar".

Como surgiu o interesse por música?

A primeira influência foram os discos dos pais. Lembro de ouvir Beth Carvalho, Alcione, Agepê, Benito Di Paula, música caipira, que meu pai gostava muito. Mais tarde, minha irmã virou adolescente e começou a escutar rock – Ira!, Ultraje a Rigor etc. –, e começamos a garimpar coisas mais específicas como Ramones. No ginásio, comecei a ouvir metal. Não lembro muito bem por que, mas alguma coisa daquela estética me agradava. Eu não tinha muitos amigos nessa época. Andava de skate e tinha a galerinha que andava também, mas durou pouco porque o skate deu uma "quebrada" no início dos anos 1990. Aqui era bem estranho alguém usar cabelo comprido, camiseta de flanela. Meu único amigo era a música. Eu era bem marginalizado, tinha até uma galera que corria atrás de mim pra me bater (risos).

Mas, ao mesmo tempo em que a música me levou pra margem, me trouxe respeito também – comecei a me respeitar e o pessoal que corria atrás de mim, quando me viu tocando, também passou a me respeitar.

Com quantos anos você formou sua primeira banda?

Com treze. A banda se chamava Necrophobic, nome de uma música do Slayer. Tocava cover. Era magrinho e cabeludo, bem criança. Lembro que as capas de discos do Sepultura foram um grande incentivo, porque eles eram bem moleques também. A gente tocava trash metal, como Hellhammer, Sepultura... Slayer a gente não tocava porque não tinha técnica (risos). Depois teve uma transição pro punk, porque vi que os defeitos no metal eram qualidades no punk. No punk, o acorde torto e desafinado é o que define a coisa. Minha primeira noção estética importante foi a idéia de trabalhar com o defeito.

E o que te chamou a atenção no punk?

Um pouco de tudo. O grunge estava estourando. Tinha essas bandas mais pós-punks como Sonic Youth e Pixies que eu já escutava, e fui atrás de umas coisas mais clássicas como Minor Threat e Bad Brains.

Mas dentro do punk você foi para o hardcore, com o Personal Choice.

Essas bandas traziam um rompimento com o metal, pra mim. Naquela época, já escutava coisas mais pós-punk, como Fugazi, mas precisei tocar hardcore tradicional para romper com o metal. Depois, em bandas como o Electric Sickness, explorei mais o pós-punk, e comecei a entender aquelas guitarras do Sonic Youth. Eles trabalhavam as harmonias como nenhuma banda de rock fazia – dissonâncias, acordes diminutos aumentados. Quando comecei a ouvir João Gilberto, vi que tinha muito a ver com Sonic Youth. A visão de arranjo deles me abriu o olho para o jazz, o samba, a MPB etc. Quando dei conta, já não tocava mais rock.

Essa trajetória musical tem muito a ver com ruptura de modelos, não? E o samba? Com o que você rompeu pra chegar na fase atual?

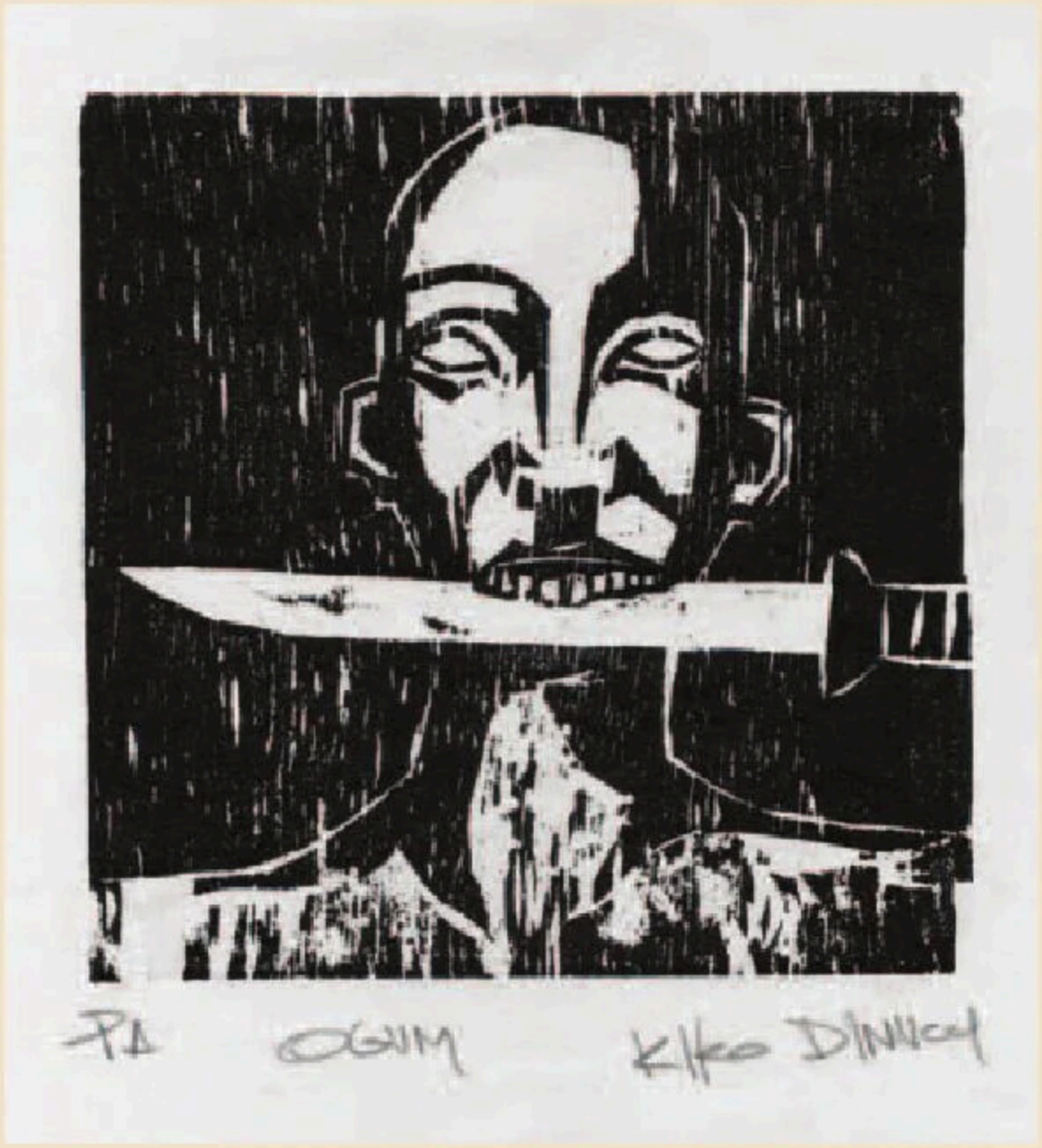
Estou sempre rompendo com o samba – embora me considere um sambista. Pra dar continuidade a algo, tem que haver ruptura. O Noel Rosa teve que romper com o samba e, assim, rompeu com toda uma época – Sinhô, Heitor dos Prazeres etc. Geraldo Pereira, com o samba sincopado, rompeu também. Minha vida musical é romper, não gosto de seguir um caminho só. Rompo até comigo mesmo. Não vou me repetir porque uma fórmula funcionou. Vários artistas dão certo em função da repetição. Quando comecei a tocar samba, rolava um *boom* de retorno ao samba, Quinteto Branco e Preto, Samba da Vela, toda aquela onda da garotada fazendo samba. Eu não conseguia me enquadrar. Estou sempre pensando em algo que está fora.

Quais elementos dessa tradição do samba você respeita, e com os quais você rompe?

Dos anos 1990 pra frente, houve a síndrome da mistura. Os artistas falavam "eu misturo isso com aquilo e aquilo outro", mas não dava em nada. Eu sempre tive muito cuidado com esse lance. Tenho o samba como base, e isso me dá segurança pra trabalhar com outros elementos. Os discos do Paulinho da Viola dos anos 1970 têm baixo, bateria, cordas, cravo. O Villa-Lobos também misturava bem: ele cresceu tocando com os chorões do Rio de Janeiro, e no momento em que misturou com a música erudita, fez de igual pra igual. Não sei até que ponto eu respeito ou desrespeito o samba. Às vezes fico até frustrado, porque faço uma valsa e chamam de samba, faço um bolero e chamam de samba. E é uma mistura espontânea, reflexo das minhas influências. Samba é o que ouço menos hoje em dia, porque dominei a métrica com o tempo.

Foi um processo difícil sair do rock para o samba?

No meio do samba não teve choque nenhum, mas no rock teve. Lembro de uma banda em que eu tocava... Falei que não agüentava mais cantar



em inglês, uma língua que eu nem entendia. Os caras não queriam cantar em português, daí peguei um dicionário de quibundo e compus uma música nessa língua. Eles não gostaram (risos). Dava pra ver a cara de bunda deles. Comecei a achar os roqueiros muito reacionários. Fiquei uns cinco anos tocando sozinho em casa, compondo e engavetando músicas.

Quando você começou a tocar samba?

Quando passei a freqüentar o Mutirão do Samba, na Zona Norte. Aprendi vendo os outros tocarem. Falavam "faz um mi menor" e eu "mas não sei a música", sabe? Tinha que aprender na orelhada. Era um puta exercício musical, aquela coisa do choro. Isso pra mim foi uma escola, abriu um leque musical muito amplo.

Você tem três projetos no momento: o Bando Afromacarrônico, o Duo Moviola e a parceria com a cantora Juçara Marçal. Tanto no Afromacarrônico como com a Juçara, há um cruzamento entre a musicalidade africana e o samba propriamente dito. O que te levou a isso?

Quem gosta de música sempre quer saber o que veio antes: se gosta de Beatles, acaba querendo conhecer o que influenciou eles. E a cultura brasileira é impregnada de elementos africanos. O samba nasce dessa coisa afro religiosa, dos cantos sacros, embora muitos escondam isso. Na busca por essas raízes, comecei a ir em terreiro, em loja de candomblé comprar CD.

Teu interesse pelo candomblé é intelectual ou se tornou algo orgânico?

Começou como algo intelectual, mas hoje eu sou adepto. Mas não dá pra entender a música se você não entende a dança. Não dá pra entender a dança sem entender os orixás, e assim por diante. Quando comecei a me envolver com isso, vivia uma fase difícil, e isso também funcionou como uma válvula de escape religiosa. Tem um monte de "batuqueiro do samba" que fica com medo quando ouve falar de candomblé. O [álbum] *Afro Sambas*, do Baden Powell e do Vinícius de Moraes, foi marginalizado na época. E eles nem trabalharam a fundo todos os ritmos, foi algo inaugural. O próprio [estilo] partido-alto era tabu: quando a visita ia embora, começava o partido-alto no quintal, que é mais maloqueiro, espontâneo, com dança mais picante.

O *Padê*, disco com a Juçara Marçal, tem uma pesquisa desses ritmos né? Você posicionaria ele na tradição do *Afro Sambas*?

Qualquer coisa que você fizer em música referente à cultura dos orixás terá alguma relação com o *Afro Sambas*. E tem gente trabalhando nessa linha, como o Wilson Moreira e o Nei Lopes. Conheci a Juçara e 80% das

A verve roqueira de Kiko é notada de forma sutil mas contundente em sua música – há uma eletricidade em algumas de suas composições que remetem diretamente à energia punk. Em uma composição recente, uma introdução de violão lembra o melhor do Black Sabatth. Idiossincrasias pontuais que definem muito de sua musicalidade. E há o caráter percussivo latente: "Meu violão sempre tem uma percussão muito nítida. Quando componho, parto de idéias rítmicas".

O músico Kiko Dinucci ainda encontra tempo para escrever histórias em quadrinhos, trabalhar com gravuras, desenhos e pinturas relacionadas ao samba e às diversas expressões da cultura popular e afro-brasileira. Também realizou o documentário Dança das Cabaças - Exu no Brasil, no qual fez uma investigação poética sobre a divindade africana. "Minha arte preferida é o cinema. A música aparece como válvula de escape. Resolvi unir meu interesse por Exu com o cinema. Eu tinha uma curiosidade enorme por esse personagem macunaímico e misterioso, e já estava impregnado pela visão cristã, que coloca Exu como o demônio. Pintou um edital de cultura da prefeitura de Guarulhos e mandei um projeto. Passou em segundo lugar, um resultado bem Exu (risos). Foi pouco dinheiro para fazer um média metragem sobre um tema tão amplo. Foi tudo bem artesanal – sair na rua e filmar sem autorização, um lance bem [na linha do cineasta] John Cassavetes, meio apaixonada e meio ingênua". O conjunto de sua obra adere a uma tradição cultural em que o popular e a marginalidade se encontram, assim como a música de Itamar Assumpção ou a literatura de João Antônio, termômetros mais do que exatos da experiência de viver numa megalópole como São Paulo.

Douglas Germano e Júlio Cesar (Afromacarrônico) e Kiko Dinucci

pessoas que eu conheço pelo Nei Mesquita. Ele me apresentava pra todo mundo e me fazia tocar violão. A Juçara toca com A Barca e um grupo vocal de mulheres chamado Vésper, bem vanguardista. Ela falou que queria tocar samba, Paulinho da Viola, Batatinha etc. Toquei uma música do Batatinha pra ela, na casa de uns amigos, e comecei a solar uma frase de blues, dentro daquela rítmica de samba. A música *Imitação do Batatinha*, que está no CD, é o resultado dessa brincadeira. A Juçara é uma grande pesquisadora e já tinha contato com o universo afro religioso, muito em função do [estilo] Tambor do Maranhão. Paralelo a isso, fiz [o filme] *A Dança das Cabaças*. Compus alguns temas curtos para a trilha, ela ouviu e falou que queria cantar. E assim nasceu a parceria e o interesse por coisas africanas. Agora estamos montando um trabalho chamado Meta meta, bem mais africano só que sem tambor. Bem harmônico e livre, bem jazzístico. Um pouco inspirado no John Coltrane e no Charlie Mingus.

Há uma similaridade entre tua trajetória e o próprio desenvolvimento do free jazz nos Estados Unidos.

Um pouco. É louco, porque em um primeiro momento o Coltrane foi achar a coisa africana no spiritual. Eu fui entender muito do blues por meio do candomblé, porque nos cantos religiosos tem muito de melodia blue note.

O que seria essa melodia blue note?

É uma escala específica, como a nossa escala menor ou a maior. A música brasileira é muito maluca, porque o samba não tem muita influência da tradição dos orixás que vem da Nigéria, do Benim - é mais ligado a Angola, Moçambique, Congo... os grupos bantos. A música brasileira não tem muito de nagô, iorubá. E essa tradição tem muito a ver com o blues americano. Comecei a entender esses jazzistas mais radicais pelo candomblé. A música americana talvez esteja mais ligada a essa coisa afro religiosa do que a brasileira. Tem um tipo de candomblé que chamam de Angola-Congo, que é o candomblé banto. É a mesma coisa, mas com língua, cantos e ritmos diferentes. Tem um ritmo ali, o cabula, que é exatamente como o samba. A marcação do surdo e do tantã é igual. É por isso que devemos explorar essa herança nagô. Quando o Baden Powell trabalhou com essa herança, disseram que era jazz, por causa da blue note, das escalas pentatônicas. Na verdade é por causa da semelhança entre a tradição nigeriana e o jazz. A [cantora paulistana] Fabiana Cozza tem trabalhado com essa herança, por exemplo. A Clara Nunes trabalhou um pouco também.

O Aframacarrônico tem a herança do samba paulistano, meio italianado, e a música africana propriamente dita.

Falar de samba paulistano é difícil. O pessoal conhece Adoniran Barbosa, que é o ícone, Paulo Vanzolini, Geraldo Filme. O Adoniran e o Vanzolini têm essa coisa mais urbana, de imigrante italiano, um pouco do samba carioca radiofônico adaptado à realidade daqui, por meio de crônicas. Já o Geraldo Filme tem o batuque do interior, da moda de viola, do negro que veio das lavouras de café trabalhar em São Paulo e fundou as escolas de samba. E tem os compositores de escola de samba propriamente ditas, como o Toniquinho Batuqueiro, Zeca da Casa Verde... Gente que não gravou disco. O Germano Mathias já mistura a coisa da malandragem, do samba de breque, sincopado. Hoje tem o Eduardo Gudin, que é um compositor ímpar e que trabalha com bossa nova etc. E acabam-se as referências. Teve a questão da repressão

“É difícil você achar um cara como o Paulinho da Viola, que quebrou tabus também. Um amigo diz que, desde o maxixe, o lundu, cada compositor que quebrou as regras foi passando o bastão a outros. João da Baiana, Donga, Sinhô passaram para o Noel Rosa, que passou ao Wilson Batista, que passou a Geraldo Pereira, que passou a Cartola... Tem uma evolução. Aí chegamos à geração atual, que pegou o bastão e jogou lá no João da Baiana de novo (risos). Pelo medo de criar, o samba virou uma coisa que não é: quem resolve criar está pecando.”

Kiko Dinucci

também, porque a polícia dava borrachada em quem tocava samba. Tanto que a maioria gravou e estourou primeiro no Rio. Germano Mathias e Paulo Vanzolini gravaram lá, o Vassourinha, Blecaute... O que acaba diferenciando o samba de São Paulo do carioca é a coisa literária. O samba carioca é mais metafórico e aqui é mais crônica de dia-a-dia. Uma coisa mais oral, falada em português errado. Dá pra ver essa influência em compositores modernos, como Maurício Pereira, Luiz Tatit, Premeditando o Breque, Itamar Assumpção – que apesar de não ser paulista fez carreira aqui.

E você tá inserido nessa linhagem?

Sim. No começo eu fazia samba carioca também. Mas comecei a assumir algo mais próximo de mim: paulistano não fala “estou com dor nas pernas”. É “nas perna”, “nas costa”. E aqui tem uma nova geração que canta com sotaque carioca, se veste de malandro, sapato bicolor etc. E não se ouve muito Vanzolini nessas rodas, por exemplo. Até porque ele é branco, intelectualizado, tem um sotaque caipira. Os compositores contemporâneos assimilaram melhor o samba paulistano do que o pessoal que é do samba mesmo.

Você faz muita parceria com o Douglas Germano, não?

Sim. Quando montei o Bando Afromacarrônico, era um grupo para mostrar minhas composições. O Douglas é compositor há muito mais tempo do que eu, aprendi muito com ele. E no momento que ele entrou no grupo, começamos a compor juntos, a tocar composições só dele. O Duo Moviola surgiu no momento em que a gente passou a compor coisas que não cabiam no Afromacarrônico.

No Moviola é quase um cabaré...

É, tem um pouco a ver com Tom Waits. No Afromacarrônico a coisa rítmica é mais forte, então o pessoal dança e não presta muita atenção na letra. No Duo Moviola tem o elemento cênico, criamos personagens – é um lance meio cínico, porque Douglas e eu somos canastrões. A questão literária é mais forte também, muito em função de um “vazio instrumental”: as pessoas sentam e prestam atenção no que a gente tá falando. O Afromacarrônico é quase uma banda punk: muita sujeira, batida forte pro povo dançar.

2008 é o ano mais importante na sua carreira de músico, não?

Sim. Fiquei tanto tempo enfiando música na gaveta que peguei raiva de ficar parado. Uma vez falei para um cara que eu queria gravar um CD duplo e ele me chamou de pretensioso. E agora estou lançando dois CDs. Queria encontrar esse cara de novo (risos). Nunca vivenciei isso de forma tão intensa, de gravar e ver que o negócio existe, sabe? De certa forma, a música só passa a existir depois que é lançada, mesmo nesse panorama com a indústria musical virada de cabeça pra baixo.

Saiba Mais

www.myspace.com/afromacarronico
www.afromacarronico.blogspot.com
www.desmonta.com

Em www.maissoma.com Kiko Dinucci fala sobre blue note, e sobre a influência africana no samba.

Lado B do Reggae

Por Alexandre Charrro . Ilustrações Magrão

Rockers Control

Depois de alguns caminhos pelo bairro do Bonfiglioli em São Paulo, chegamos ao estúdio Minduca, onde o Rockers Control costuma ensaiar. Muitos cabos e diversos instrumentos, principalmente os percursivos, como caxixis, pandeiros, afochês, agogôs, surdos indígenas etc., tudo meio emaranhado, mas bem aconchegante e propício para o som que estava por vir.

Formado por Bruno Buarque (bateria), Mau (baixo), Yellow P (seleção e operação de efeitos), Massa Rock (teclado e voz), Décio 7 (percussão) e Cris Scabello (guitarra), o Rockers não se enquadra no perfil das bandas do reggae nacional - ainda que seja possível notar influências de estilos musicais brasileiros como o samba e o MPB, dos intrincados tambores africanos e dos dubs de reggae trabalhados em estúdio. Isso não significa que uma coisa seja melhor que outra, mas, neste caso, criar e interpretar um "reggae de lado B" rompe com muitas das barreiras desse estilo musical. As rítmicas, por exemplo: o ritmo está diretamente conectado àquilo que se constitui no sistema nervoso central da música: o tempo. Sendo assim, suas apresentações ao vivo atuais são, antes de tudo, uma arte do tempo.

Como eles mesmos dizem: "O lado B venceu". Quando começaram a tocar juntos, em 1996, eram os Afetos. Trabalhavam as músicas de maneira tradicional, arranjos mais fechados, refrões; começo, meio e fim, para simplificar. Mas muitos já não entendiam o trabalho deles porque, no meio das apresentações, imersos na viagem da execução musical, se abriam para o momento lado B, que eles chamavam de "Rockers Control". Um momento de improvisação influenciado pelo "fechar dos olhos e sentir a música", quando nada mais obedecia a um controle premeditado. E era nesse ápice mais especial e intenso das apresentações dos Afetos que suas músicas atingiam o âmago; uma experiência não em cantar o refrão junto com a banda, mas de sentir com eles o poder contido nos sons tocados pelo coração.

Eis que em 2002 Yellow P e Mau se juntam com Salvatore e Magrão para formar o Dubversão Sistema de Som, com o objetivo de disseminar de maneira itinerante a cultura dos Sistemas de Som jamaicanos e ingleses, principalmente das décadas de 1960 e 70, nas periferias, parques, centros culturais e clubs de São Paulo. Composto por um grande acervo de arquivos sonoros em raros LPs, potentes caixas acústicas e um amontoado de cabos e efeitos analógicos, os Sistemas de Som fazem dos espaços que ocupam uma arena de dança, audição e vivência. E é dentro desse universo que o Rockers Control começou suas apresentações. Nesse mesmo ano, o Dubversão promoveu o encontro que seria a primeira apresentação da banda nos termos atuais, utilizando todo o equipamento do próprio Sistema. O grupo se reuniu sob o nome Dubversão All Stars, num extinto e insalubre inferninho no centro de São Paulo, o Susi em Transe. Yellow P comandava a festa e soltava os dubs através dos poderosos alto falantes e, sem saber o que vinha pela frente, os músicos da banda improvisavam em cima das bases, somando-se ainda efeitos eletrônicos analógicos, como sirenes, delays, reverbs e sintetizadores. Dessa maneira, o grupo assume que cada música não possui tempo ou divisão impressos.

▸▸ Fotos da banda e cartaz da primeira apresentação do Dubversão All Star no Susi In Transe em 2003.

A Improvisação e o fluir pelo tempo

Algumas das mais interessantes manifestações criativas e culturais só vão sendo interpretadas - e, podemos dizer, compreendidas - com o passar do tempo. Até o século XIX, a improvisação era parte essencial da tradição musical do Ocidente. Na música barroca (séc. XVII), a arte de tocar um instrumento a partir de um baixo cifrado - que o músico preenchia de acordo com a inspiração do momento - lembra o jazz moderno, em que os músicos criam a partir de temas ou mudanças de acordes.

Na improvisação, ao contrário da produção musical atual e comercial, a inspiração, a estrutura técnica, a criação musical, a execução e a exibição perante uma platéia acontecem simultaneamente, num único momento, em que se fundem memória e intenção (que significa passado e futuro) e intuição (que indica o eterno do presente). "A gente respeita e vive o presente, tudo o que acontece pode mudar o percurso da música, então valorizamos e lidamos cada instante com diferentes formas e interpretações", diz Bruno Buarque.

Existe algo energizante e desafiador em estar frente a frente com o público - no caso do Rockers, em media 500 a 600 pessoas por apresentação - e criar e transformar uma peça musical que tem ao mesmo tempo o frescor do momento fugaz e - quando tudo funciona - a tensão e a existência autônoma de um organismo vivo. A tarefa do improvisador é fazer com que esses belos momentos de extemporização ("fora do tempo") se prolonguem, e para isso é preciso muito foco e entrega, como diz Massa Rock: "A gente absorve algumas coisas da filosofia reggae, um pouco da habilidade de estar no presente e se voltar para o interior, porque precisamos de muito foco para tocar por três horas seguidas."

Ao mesmo tempo em que há repetições, como nos mantras e no próprio dub, nenhum momento em uma música do Rockers se repete. "Mantra jazzístico dub reggae" seria um bom termo para definir do que isso se trata. Há mais de dez anos tocando juntos, a sincronia e a percepção entre eles impressiona; o vazio e os detalhes minimalistas são valorizados nessa livre execução e, além disso, o que também propicia um frescor para os temas é a operação dos efeitos eletrônicos analógicos sobre as músicas. Um movimento artístico musical com características opostas às simetrias convencionais em favor do inesperado, pode-se afirmar. "A gente sempre sai bem das apresentações, num estado mental e emocional muito bom!", diz Décio 7.

Fotos André Sader

▸▸ Ensaio da banda em 2008

Jacuípe Sessions

Depois de muito tempo deixando que as criações viessem, sem forçar as composições, no verão de 2005/06, foram convidados a inaugurar o recém-montado estúdio "Coaxo do Sapo", na Barra do Jacuípe, no litoral norte próximo a Salvador, Bahia. Nessa sessão de duas semanas, toda a estrutura do estúdio ficou à disposição exclusiva da banda, sem a pressão que geralmente acompanha uma gravação. "Nunca quisemos fazer parte de uma gravadora, o objetivo sempre foi ser independente e manter um selo de qualidade", diz Bruno Buarque.

O ato de registrar o som permite burlar sua característica mais primordial, a "evanescência". Assim, a música torna-se infinita. Entretanto, os músicos da banda e o técnico de som Gustavo Lenza pensaram em uma captação que transmitisse a experiência única das apresentações ao vivo do Rockers Control. Eles gravaram todos os instrumentos ao vivo, inclusive os efeitos analógicos, mixados em 24 canais. Foram mais de 60 músicas, com aproximadamente meia hora de duração cada. Selecionaram 12 faixas e retiraram trechos de aproximadamente 4 minutos de cada uma delas, para mixar e lançar, no próximo mês de junho, o Jacuípe Sessions pelo selo Traquitana de Cris Scabello, em parceria com o Dubversão. Porém, 50% do material gravado ainda nem foi decupado.

Registrado, o som adquire estabilidade - não uma estabilidade pétrea, mas aquela necessária à escuta criativa, trampolim para manipulações, multiplicações, variações etc. Por isso, grande parte desse material será distribuída a amigos e interessados em fazer versões das músicas, seguindo os conceitos do reggae jamaicano. É o som vivo, das mais variadas fontes, fixado pelas máquinas que poderão ser transformados por manipulações semi-artesanais ou digitais. ◂

O Angolano Pitshu está no Brasil há três anos, mas ainda carrega o sotaque do português de sua terra natal. Chegou ao país como refugiado, devido ao confuso processo social daquela região, que enfrenta inúmeros confrontos civis. Pitshu cantava kuduru e rap desde 1997, e, depois de uma passagem por Ottawa no Canadá, onde teve sua primeira experiência com o reggae, decidiu que esta seria sua praia. Sem perder suas raízes, cantando em diversos idiomas, como o francês e o português, mas principalmente nos dialetos africanos: lingala do Congo , suaíli do Congo Democrático, quicongo, quibundo e fiote da Angola, e zulu da África do Sul.

Pitshu fala sobre a relação dos jovens angolanos com a polícia: "Existem bairros em Angola onde a polícia matou todos os jovens. Meninos de 17, 18 anos... Estão todos mortos. Lá ninguém se sente a vontade na presença dos policiais, quando você vê um policial, parece que viu um leão, você quer fugir, porque ele vai arrumar alguma desculpa pra roubar o que você tem." Parece não ser tão diferente de algumas coisas que vemos no Brasil. Entretanto, suas letras falam de como lidar com o cotidiano e procuram transmitir principalmente mensagens espirituais e positivas às pessoas, não importa de onde elas sejam. Como "Bangama Kambo", que significa algo como "Andar na paz e saber estar" em lingala.

"Quando estou cantando, sinto um arrepio e meu pensamento viaja por vários lugares. Só minha carcaça fica, por isso digo 'Bon Voyage!' antes de começar as músicas."

"Nas festas do JAVA (onde costuma cantar), penso que as pessoas vão lá para libertarem suas mentes. Depois de uma semana de trabalho em São Paulo, nada melhor do que ouvir uma música que nos leva para outras dimensões." Além do Dubversão, também já cantou com o pessoal do Projeto Nave, Brother Culture, B. Negão e o Digital Dubs do Rio.

Produzido por Yellow P e Bigodon, Pitshu lança seu disco de estréia pelo selo do Dubversão, neste mês de maio, com o título em lingala "Basodá", que significa militar com sentido de consciência ativa. Além das produções de Yellow P e Bigodon, conta também com músicas gravadas pelos Rockers Control. ◂

Olie byloko yambwua yebakokima
"Se você come comida de cachorro, tem que saber correr!"

▸▸ Saiba Mais
www.dubversao.com.br
www.myspace.com/rockerscontrol
www.traquitana.wordpress.com

No site www.maissoma.com, você pode conferir um vídeo exclusivo e baixar duas versões inéditas de músicas do Rockers Control. Ouça, sinta e fique à vontade!

Trilha Sonora Para Livros Infantis

O hoje quarteto Constantina, de Belo Horizonte, surgiu a partir do esfacelamento de grupos como Ana e Retórica, por exemplo. O Retórica fez uma ligação direta entre Brasil e Canadá e deu sua própria versão à sonoridade dos grupos políticos/pós rock da gravadora Constellation. E é do Retórica em especial, segundo Bruno Nunes, que nasceu o embrião sonoro do Constantina: "*O Retórica era genial. Lembro da época que eles estavam gravando e montando as capas, tudo artesanal! Ensaiávamos no mesmo estúdio dos meninos do Retórica e era impossível não termos as mesmas referências, né?*"

O que já foi um sexteto, hoje se apresenta como quarteto e acaba de lançar seu terceiro trabalho em CD, *!Hola Amigos...!* - além de um disco virtual ao lado do duo de improvisação livre Colorir, de Florianópolis. Confira o papo rápido com Bruno Nunes, guitarrista e responsável pelas belíssimas artes dos discos do grupo:

O que chamou a atenção de vocês na estética dos grupos da Constellation?
Gosto de bandas como Do Make Say Think, que tem um som forte e ao mesmo tempo contemplativo. Sempre achei que o lugar onde estamos, moramos, influencia na música, nos meus desenhos. BH tem muitas montanhas, e em cinco minutos você pode sair da cidade de carro e chegar a lugares completamente isolados e montanhosos. Acho que o Canadá tem um pouco disso.

O que cada um faz na banda?
Antes era um sexteto. Hoje estão Dani, Léo [irmãos de Bruno], o André e eu. No último CD foram gravadas as músicas ainda com o Alex e o Glauco.

E essa predileção por bandas instrumentais? É curioso, nos últimos cinco anos houve um boom de bandas instrumentais no Brasil...
É verdade, mas vou te contar como começou: o Ana [primeira banda de Bruno] era para ter vocal. Fizemos alguns testes com um amigo nosso e não ficou muito bom. Ele resolveu sair fora e continuamos a ensaiar e a procurar outra pessoa. Desses ensaios saíram algumas músicas e ninguém apareceu para cantar. Falaram que estava muito bom e que não precisava de voz, aí embarcamos nessa onda.

E nos desenhos? O que te inspira? Tem uma delicadeza e essa coisa de animais antropomórficos, bem de universo infantil, de conto de fadas...
Com certeza é a literatura infantil. Toda semana passo em uma livraria para procurar livros.

Tem todo um universo de bons ilustradores de livros infantis que são meio desconhecidos do mundo adulto, né?
É verdade. O mais legal é ver publicações infantis de contos do Garcia Marquez. Acho que ajuda a quebrar um pouco do prconceito de achar que literatura infantil é só para crianças.

Tem uma canção com nome de personagem do Gabriel Garcia Márquez...
Sim, "Florentino Ariza"! Um dos dez melhores personagens criados na literatura!

Curioso, porque sempre vejo resenhas falando de grupos como Labirinto, Fossil (ambas bandas pós-rock) como trilha de filme. Vocês são mais da literatura, não?
Grandes bandas! Acho que literatura, filmes, tudo influencia e vira referência. Até mesmo viajar vira referência, tanto que o nome Constantina veio de uma viagem que o Léo fez para a Cidade do Cabo na África e viu um bairro lá com esse nome!

Eu pensei nessa conexão com literatura porque no texto do primeiro CD fala da Virgínia Woolf, tem essa música, "Flo-

Bate-papo com o grupo Constantina . Por Arthur Dantas . Ilustração Bruno Nunes

rentino Ariza"...
Sim, citação ao Ítalo Calvino!

Se um dia o Constantina fizer letras, do que elas falariam, como seriam?
Rapaz, não sei o que dizer sobre isso. Gosto muito de letristas como o Elliott Smith e também de algumas coisas do Yo La Tengo, por exemplo; talvez uma mistura deles. Talvez as letras falassem de coisas simples, do dia-a-dia, sem pretensões. Ou contar histórias, como os Beatles!

O que o Constantina quer ser quando crescer?
(Risos.) Muito boa essa. Às vezes acho que já crescemos. É até engraçado dizer, mas acho que o prazer de tocar é que faz com que continuemos com a banda... Não temos mais pretensões de viver de música, como eu tinha aos meus 15 anos. Todos da banda têm seu trabalho, família. E querendo ou não, estamos no lugar certo para o tipo de música que fazemos. Acho que já fizemos muito - quatro discos nas costas, tocamos em muitas cidades além de BH. É muito para uma banda cujos integrantes não podem se dedicar exclusivamente à música.

Para ver e ouvir
www.constantina.art.br
www.myspace.com/bandaconstantina

Confira o restante do bate-papo em
www.maissoma.com

Um bom encontro .

YEASAYER

. Por Rodrigo Brasil . Foto divulgação

Jason Foster começou no ramo musical há dez anos, quando criou o selo Monitor Records com um amigo em Baltimore (cidade no nordeste dos EUA). Juntos, lançaram discos de Battles, Cass McCombs e Oxes, entre outros. Apesar do grupo seleto de artistas, Jason sempre sentiu que algo não fluía bem com o selo e, depois de romper com seu parceiro, resolveu se deslocar para Los Angeles para mudar um pouco o ritmo de vida e se renovar.

Num dia qualquer em Los Angeles, um amigo lhe mandou um link para as demos de um quarteto do Brooklyn chamado Yeasayer. No endereço, baixou trechos de três músicas, com cerca de trinta segundos cada.

"Quando ouvi o som, me senti completamente nocauteado pela força da música e pela atmosfera que eles criaram. Eu saquei na hora que aquilo era o que eu estava procurando para refrescar e recarregar minhas energias em relação à música moderna."

Depois de alguns meses entre emails e ligações, Jason esquematizou um show para o grupo em Baltimore, e esse primeiro encontro em pessoa pareceu uma reunião de bons e velhos amigos de bar (dois membros da banda são de Baltimore e ambos têm amigos em comum).

A partir da decisão de trabalharem juntos, nasceu o selo WE ARE FREE, casa do disco de estréia do Yesayer, chamado All Hour Cymbals.

O místico e o moderno juntos, lado a lado.

Em termos sonoros, a banda traz influências da música gospel, africana e indiana, e faz citações a Thomas Mapfumo, músico do Zimbabwe, e à Missa Luba - conjunto de canções religiosas criadas por padres missionários belgas que resolveram juntar batuques e instrumentação africana às missas realizadas no Congo. À preocupação com harmonia e à presença de cantos advindos da música e rituais religiosos, são somados sintetizadores, samplers e diversas texturas eletrônicas, criando uma ótima combinação de sonoridades sintéticas e orgânicas.

"Nós gravamos muitos ensaios em fita, e depois procuramos pedaços para samplear e começamos a construir e reconstruir obsessivamente em cima do material gravado."

A influência do religioso e do esotérico não se limita somente ao nível da música. As emoções são apresentadas em seus extremos, e o gosto pelo melodrama fica explícito. No fim do dia, numa tentativa de fuga do cotidiano rumo ao lisérgico, podemos dizer que o Yeasayer cria uma espécie de Bollywood musical.

All Hour Cymbals.

Numa realidade não muito diferente da dos selos nacionais, Jason resolveu pegar suas economias e apostar na história. "Eu investi toda minha renda no selo e no Yeasayer, gastei todo o dinheiro que ganhei trabalhando com cinema e programas de TV."

Com verba limitada, a banda conseguiu apenas cinco dias de estúdio para gravar seu álbum de estréia.

"Nós passamos cinco dias em um estúdio em Baltimore gravando um pouco de bateria, baixo e guitarra. Depois passamos quatro meses fazendo overdubs em meu estúdio caseiro - basicamente um porão mofado com muita tranqueira musical. Passamos esse tempo todo experimentando, aprendendo e tentando chegar a algo que a gente achasse foda. Passamos dias colocando efeitos de diferentes formas, jogando samplers em PA antigos e torturamos nossos sintetizadores pra conseguir as sonoridades certas."

Todo esse esforço valeu a pena, pois mesmo com pouco tempo, dinheiro e estando juntos pela primeira vez em estúdio, o som do disco é impressionante, chegando a ser explosivo.

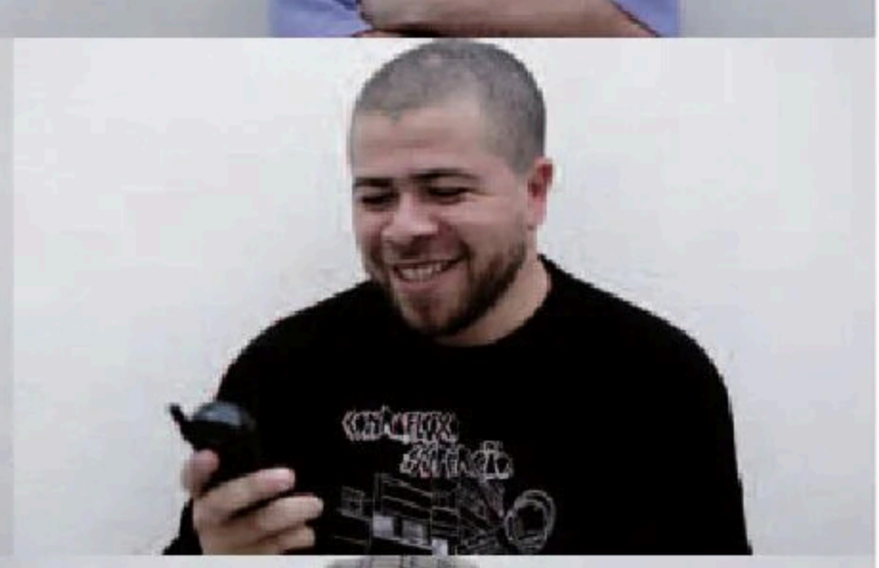
Próximas Estações.

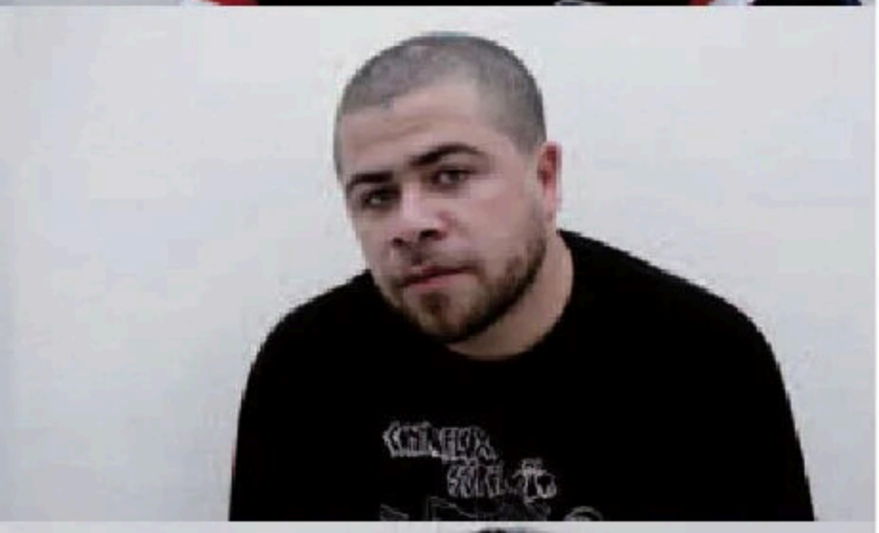
"Na próxima vez, podemos até trabalhar com um produtor, mas eu quero que o processo ainda seja baseado em experimentação. A pegada do próximo disco vai ser totalmente diferente, e provavelmente o mesmo vai acontecer com o som, senão não há razão em se fazer um disco novo. Além disso, estamos trabalhando em um musical. É sério!" ◂

▸▸ Para ver e ouvir

www.nowwearefree.com
www.yeasayer.net
http://www.myspace.com/yeasayer

FUJIFILM RAP100F 61291 AL BODI





CONTRA FLUXO

Por Tiago Moraes

No final do ano passado, quase aos 45 minutos do segundo tempo, eis que o grupo Contrafluxo surpreende a todos e nos presenteia com seu novo trabalho e, contrariando a lógica do Mercado atual, trata-se de um álbum duplo. Em época de choradeira generalizada e vacas magras da indústria fonográfica, o grupo resolveu fazer juz ao nome e conseguiu o improvável. Em tempo recorde, o disco caiu na boca do povo, ficando em quarto lugar entre os melhores discos independentes de 2007, em eleição realizada pelo site Trama Virtual, contando com os votos de influentes e importantes jornalistas e produtores musicais do país.

Em um bate-papo com Munhoz, um dos quatro MC's do grupo, falamos sobre o novo disco. **"O nome SuperAção vem das dificuldades que a gente enfrenta, e tem que superá-las no dia-a-dia. Esse disco é meio que um relato de uma passagem - começa mais indigesto, sombrio e pesado e do meio pro fim vai amaciando. É como numa travessia, onde o começo é mais complicado, mas no fim você colhe os frutos disso"**, conta o MC e produtor.

Sobre a produção do novo disco, além de contarem com três beatmakers no grupo eles ainda fizeram questão de botar em alerta produtores conhecidos e com uma relação mais próxima ao grupo sobre o fato de estarem abertos à contribuições. Dos parceiros Dário, Nave e Cabes de Curitiba, vieram a maioria das contribuições – além, é claro, do DJ Caique já tinha um histórico de ter produzido coisas bem bacanas para eles no passado.

A produção do disco chama a atenção pois apesar da participação de diversos produtores, a estética está coesa, com beats e timbres peculiares de grupos de hip-hop da década de 1990. Meus destaques vão para a épica "Contratempos", a bela "Alameda da Memória", a positividade de "Corrente do Bem" e a minha favorita desde a primeira audição, "Provações".

Ao questionar sobre como funcionava a dinâmica de composição das músicas, já que o grupo conta com meia dúzia de integrantes, Munhoz dispara **"É mais fácil na elaboração e mais difícil na logística. Tem sempre seis caras se alternando no papel de good cop e bad cop; cada um é o ditador da vez. Mas conseguimos criar uma dinâmica boa, deixar o ego de lado, saber receber críticas pesadas e lidar com isso como gente grande"**.

Mas o que faz o Contrafluxo ser diferente dos demais? "São pessoas com vivências diferentes, visões de mundo diferentes e que se juntaram por amor à música, ao rap em especial, e que acreditam que é possível fazer música que seja ao mesmo tempo honesta com o que acreditamos, e universal, acessível à pessoas de vivências diversas" afirma Munhoz.

E como se não bastasse as dezesseis músicas do primeiro disco, o segundo disco também não decepciona. Uma mixtape, com mais dezenove sons e participações de diversos MC's da cena: Rick, Jamés Ventura, Rodrigo Brandão e Max B.O entre outros.

Contrafluxo é Déjà Vu, Mascote, Munhoz e Ogi nos microfones, e DJ Big Edy e DJ Willian nos toca-discos.

» Para ver e ouvir
www.myspace.com/contrafluxo

PASSADO, PRESENTE E FUTURO DE PHILLIPPE DRUILLET

Por Joaquim Girotti
Imagens duvulgação

Philippe Druillet é um dos mais importantes quadrinistas franceses vivos, mas curiosamente sua carreira tem pouco destaque fora da França.

Junto com Moebius e Jean-Pierre Dionnet, Druillet fundou a revista *Metal Hurlant* em 1975. A publicação foi levada dois anos depois para os Estados Unidos com o nome de *Heavy Metal*, chegando inclusive a ter uma edição brasileira, que durou alguns anos.

Druillet é acima de tudo um artista multimídia. Fez séries de animação em 3D como *Nosferatu* e *Xcalibur*, videogames como *Ring*, baseado no ciclo dos anéis de Richard Wagner, e desenha móveis e objetos de decoração.

Seu álbum *La Nuit* foi musicado e transformado em uma ópera-rock pelo grupo Proton Burst. George Lucas pediu pessoalmente que Druillet fizesse a ilustração de um cartaz para *Star Wars*. E acima de tudo, Druillet publicou dezenas e dezenas de histórias em quadrinhos.

Meu primeiro contato com sua obra se deu em 1988. Eu tinha 11 anos e estava na escola, mais precisamente na quadra de futebol, no intervalo, lendo a descrição de uma de suas criações mais curiosas num dicionário de quadrinhos brasileiro dos anos 1970, *O Mundo dos Quadrinhos*, escrito por Ionaldo A. Cavalcanti.

A descrição é do personagem Vuzz

"Vuzz é, sem dúvida, a mais estranha de todas as histórias em quadrinhos (...) Druillet conta, com poucas palavras e muito desenho, a saga de um monstro a vagar entre vilas medievais e florestas fantasmagóricas, espalhando o terror. **Vuzz, de cuja espada sempre escorre o sangue de indefesos, ataca, estupra, destrói, para depois matar a fome com cadáveres.** É (...)"

publicado em capítulos pela revista Phenix

A descrição me causou uma impressão duradoura: uma mistura de repulsa pela idéia absolutamente vil, violenta, escatológica e niilista que eu havia acabado de ler, mas uma profunda curiosidade e vontade de conhecer algo mais.

Em um dia frio de janeiro de 2008, chego no ateliê de Philippe Druillet, hoje em dia um senhor de 63 anos. Ele abre a porta de ferro e me recebe com um sorriso caloroso, me mostra a mesa onde desenha; uma pintura desbotada em um cavalete, aguardando o retorno do artista; observo a boca incompleta da figura, que me passa uma expressão ressentida e melancólica, talvez porque eu tenha interrompido o trabalho de seu autor.

Por que a ficção científica e o fantástico?

Bem, o fantástico é a definição de uma história pessoal. Alguém como [o autor fundamental de literatura fantástica H.P.] Lovecraft é um exemplo típico disso - alguém que tem problemas pessoais e acaba criando um mundo para viver. Já a ficção científica é a história das sociedades. ***O que me interessa na ficção científica é que ela é a única forma de literatura - mesmo com as obras de Balzac, Zola e outros - que engloba em seu espírito o passado, o presente e o futuro.*** *As minhas histórias de Lone Sloane se passam no futuro, mas alguns aspectos delas poderiam estar no passado. Eu joguei Salammbô para o futuro, e Vuzz já é um personagem atemporal. E a ficção científica tem sua aceitação. O passado é a base para eu construir o futuro no meu trabalho.*

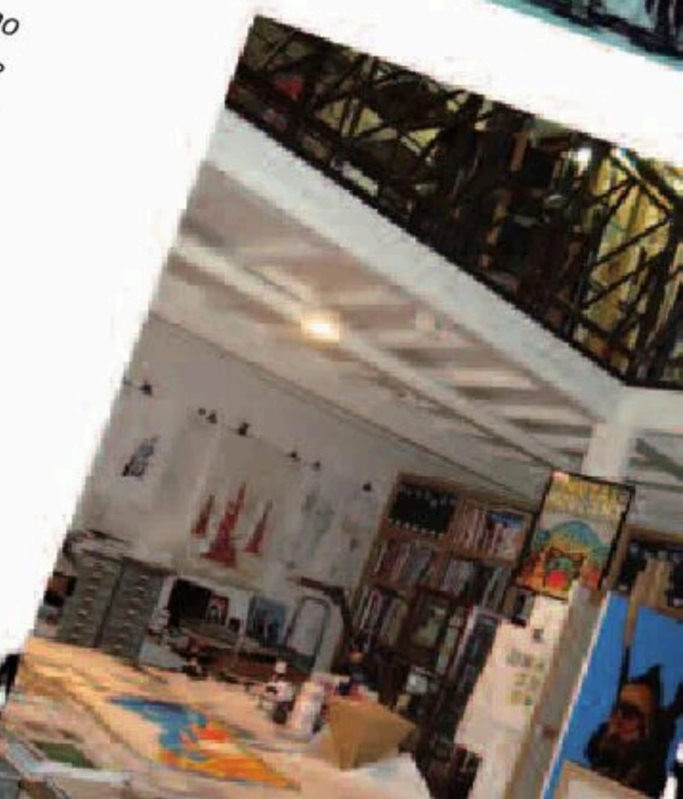
O passado representa, para mim, a aquisição do conhecimento. Mas meu trabalho olha para o futuro. No momento estou preparando um livro - não sei se ele vai virar um álbum - no qual abordo o fanatismo religioso. Portanto, mesmo na ficção científica, não escapamos da realidade, que usarei neste livro. A ficção científica é uma escolha estética e filosófica, que lhe permite falar sobre sua época e levá-lo ao futuro. Julio Verne foi precursor e exemplo disso. Não é um refúgio; é uma interpretação do mundo no qual você vive. Se eu conseguir terminar esse próximo álbum, que será sobre o fanatismo político e religioso, irei colocá-lo num contexto de ficção científica.

Estamos sempre presos à realidade. ***O papel do artista é prever o futuro de sua sociedade, estar à frente de sua época.*** *Escritores que utilizaram o fantástico, como Borges e H.G. Wells, são de uma modernidade total, tendo Wells escrito também textos políticos. Ele era um socialista ferrenho, muito articulado.*

...

Resolvo me despedir. Philippe Druillet é um homem forte e me dá um abraço caloroso. Agradeço a ele pela entrevista, ele sorri e me mostra a porta. Um último tchau e me viro para a direita, desaparecendo na noite enquanto ele fecha a porta de seu estúdio.

Saiba mais
www.druillet.com



METAL HURLANT
PRESENTA
LA NOCHE
PHILIPPE DRUILLET
RESTAURANT BALTAZAR

Revolution Mother

a nova empreitada de Mike Vallely

Por Marcelo Viegas . Foto Alexandre Vianna

Era uma vez um jovem skatista de 14 anos. O ano era 1984, e ele então assistia ao seu primeiro show de punk rock: Black Flag, época da turnê do intenso álbum "My War". A partir dali, soube que era isso que queria da vida. Mas quis o destino que, menos de dois anos depois, outro acontecimento virasse seu mundo de cabeça para baixo. Durante um campeonato de skate em Virginia Beach (principal cidade do estado da Virginia, costa leste dos EUA), seu desempenho chamou a atenção de Lance Mountain e Stacy Peralta. Então, ele recebeu o irrecusável convite de se juntar à Bones Brigade. Em 1988, começou a escrever seu nome na história do skate com uma memorável participação no vídeo Public Domain. Mike Vallely é o nome do garoto, uma das maiores lendas vivas do skate mundial.

E o punk rock nunca foi esquecido! Em 2001, Vallely montou uma banda chamada Mike V and The Rats. O tempo passou, e Vallely decidiu que era hora de mudar: assim, veio ao mundo o Revolution Mother, sua atual banda, que estreou em 2007, com o disco Glory Bound - uma guinada musical, mantendo a força do hardcore à Black Flag, mas se alinhando agora a bandas como Fu Manchu, Motörhead e Zeke.

Vallely esteve no Brasil em fevereiro, gravando novos programas para a terceira temporada da sua série Drive (produzida pela Fuel TV). Entre as gravações, ele falou sobre sua carreira musical e o seu atual estado de graça. "Vamos fazer seis shows com o Bad Religion mês que vem", contou, antes da primeira pergunta. Falou ainda sobre sua nova banda e sobre o show que fez cantando com o Black Flag: "Puta merda, estou no palco com Greg Ginn!"

Qual a principal diferença entre Mike V and The Rats e o Revolution Mother?

Quando montei o Mike V and The Rats a intenção era fazer um tipo de som específico, propositalmente direcionado ao hardcore tradicional, na pegada anos oitenta, com muita influência de Black Flag. Me juntei ao Jason Hampton (guitarrista) e foi tipo "vamos fazer uma banda de hardcore, como as coisas que crescemos ouvindo e que gostamos". Gravamos alguns sons, fizemos alguns shows, mas não era sério. Aí, a coisa começou a crescer; em vez de ser só mais um projeto, começou a se tornar algo maior. E nós também crescemos e não queríamos (tanto eu como o Jason) mais ficar presos a um tipo de som. Foi aí que decidimos mudar de nome, e começamos a procurar por uma cozinha (baixo e bateria), que estivesse disposta a ser parte disso. Foi assim que o Revolution Mother nasceu. O Mike V and The Rats começou como um projeto, e o Revolution Mother é a evolução natural desse projeto.

O Revolution Mother tem uma sonoridade mais pesada, até meio stoner.

Sim, com o Mike V and The Rats nós já estávamos flertando com isso, aceitando outras influências musicais. Não foi algo abrupto, do tipo "ok, vamos fazer stoner rock agora", ou "vamos fazer heavy rock". Nessa mesma época percebemos que o nome Mike V and The Rats não combinava mais conosco. Nós precisávamos de um nome mais "aberto", que não incluísse o meu próprio (risos).

Como surgiu esse nome?

É só um nome que soa bem pra caralho! (risos) Não tem nenhuma grande história por trás.

Em 2003, você foi convidado pelo Greg Ginn para participar do show de reunião do Black Flag. Você participou da primeira parte do show, cantando músicas do álbum *My War* (1984), o mesmo que apresentou o punk rock a você. Fale um pouco sobre essa experiência.

Ver o Black Flag pela primeira vez foi um dos momentos mais importantes de minha vida. Foi decisivo para eu ser quem eu sou. Não dava pra me imaginar tocando no Madison Square Garden, para uma platéia gigante. Mas quando vi o Black Flag, não importava que eles não tocassem no Madison Square Garden, não importava que não houvesse vinte mil pessoas na platéia, porque o show foi muito bom! E eu pensei "Eles estão apavorando e não estão no

Essa matéria é uma parceria inédita entre a **CemporcentoSKATE e a **+SOMA**, oferecendo o melhor de dois universos para os leitores de ambas as revistas.*

Madison Square Garden. Isso é pra gente!" Eu me senti fazendo parte de algo especial. Isso mexeu comigo, foi como se acendesse um fogo dentro de mim. Decidi naquela noite que queria prosseguir na música, da mesma forma que queria prosseguir no skate. Acontece que evoluí muito rápido no skate, e quando eu menos esperava já tinha patrocínio, estava na Powell Peralta, e isso ocupava todo o meu tempo. Por volta de 2000, comecei a me abrir para outras coisas, e decidi que era o momento para revisitar antigos sonhos. A música estava no topo da lista, claro.

E aí, alguns anos atrás: "Puta merda, estou no palco com Greg Ginn!" Cantando as mesmas canções, do mesmo disco que me afetou tão profundamente quando eu tinha 14 anos! Soa fácil quando eu falo, mas é algo pesado de se lidar. Muitos ficaram contra mim, afinal eu não fazia parte do Black Flag. O Greg Ginn me convidou e muitas pessoas me aconselharam a dizer "não". Mas eu só conseguia pensar que tinha sido convidado pelo próprio Greg Ginn. Mais do que isso: ele me achava a pessoa certa para cantar aquelas canções. Então não tive outra escolha e decidi encarar. E foi uma daquelas coisas que não parecem de verdade. "Isso é real? Está realmente acontecendo?" ◂

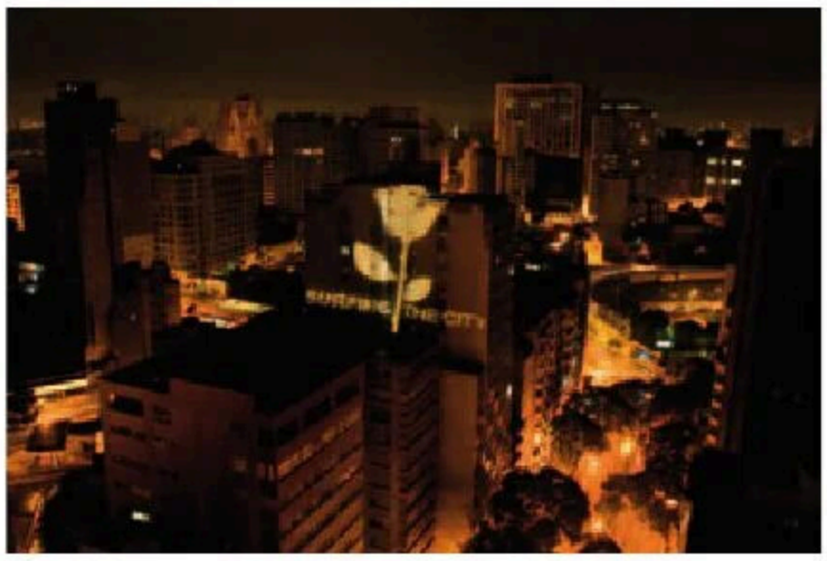
» Saiba Mais

www.mikevallely.com

www.revolutionmother.com

www.myspace.com/revolutionmother

+REVIEWS



Surfing the City . Osklen

Documentário dirigido por Oskar Metsavaht . 2008

A experiência de viajar pelo mundo e documentar as paisagens noturnas do universo essencialmente urbano de São Paulo, Nova Iorque e Tóquio, é o recorte para o curta Surfing The City, de Oskar Metsavaht. Embora documental, o filme transgride a linearidade seqüencial dos acontecimentos, observando a cultura particular de cada uma dessas cidades, retratada em seus menores detalhes. A câmera sempre subjetiva captura a multiplicidade de informações como metáforas poéticas desse cotidiano marcado por materialidades e ideologias. "Gosto das grandes cidades à noite. O dia nestas cidades é caótico, a intervenção urbana do homem na natureza, criando as cidades é um horror; à noite, quando a cidade se ilumina, surge a intervenção do homem através da arquitetura, das luzes, dos grandes prédios, das luzes na cidade, do movimento dos carros, da arte urbana, seus grafites, esculturas, praças. Aí reside o belo, não o da natureza, mas o da criação do homem", diz Oskar.

O diretor, manteve até então, seu olhar afastado dos grandes centros: "Comecei a fazer filmes em super 8, na adolescência. Depois, passei a dirigir documentários das expedições que fiz na Amazônia, Alasca, Caxemira. Hoje, com a minha inseparável Bolex 16mm, expresso o meu olhar em cada coleção que faço para a Osklen [marca na qual é responsável pela criação de moda]. Com ela posso expressar, em primeira pessoa, um olhar sobre minhas próprias criações, coleções, campanhas e expedições. Filmar é a minha assinatura em movimento"

O curta foi essencialmente captado em película, obtendo um registro onde a realidade austera das megalópoles transforma-se em poesia. Nesse processo de captação, a relação do olhar mediado pela câmera exige concentração e percepção apuradas, diferentes das capturadas digitalmente. "O filme é feito de material orgânico. É uma película com uma determinada densidade e profundidade, onde as nuances na captação das diferentes tonalidades e intensidades da luz encontram o seu lugar na película", completa. Além disso, existe a grande limitação da quantidade de material que é usado nesse tipo de captação, diferente de quando gravamos em fita.

O diretor, tem como ponto de partida em seus trabalhos, tanto como diretor de criação da Osklen como de cineasta, uma mesma preocupação: "Sou bastante imagético. Geralmente inicio o processo criativo de minhas coleções, com uma cena, uma história, um conceito que imagino a partir de algo que eu desejei ou vivi. (...) Os curtas, que faço com a minha câmera Bolex 16mm, são a minha oportunidade de expressar, compartilhar, com os outros aquela cena que imaginei lá no início do processo. É o meu olhar, o olhar do criador sobre a sua própria coleção, diferente de um making of." Você pode conferir o curta Surfing The City e uma entrevista exclusiva com Oskar Metsavaht no site www.maissoma.com. *Por Alexandre Charro*

Cartas a D. - Histórias de Amor . André Gorz

Cosac Naif . 2008

Uma história de amor, daquelas que merecem ser compartilhadas. Gorz, filósofo e jornalista austríaco, foi discípulo de Sartre e um dos intelectuais mais influentes na geração do Maio de 1968 francês. Além disso, foi fundamental na criação de uma esfera pública que discutisse os problemas ecológicos do planeta. Tudo isso aparece de forma marginal neste livro. O que interessa na obra, um acerto de contas com todo amor oferecido por sua mulher Dorine a ele, é mostrar, num tom confessional de última carta a sua esposa, o quão fundamental foi a cumplicidade, sobretudo amorosa, estabelecida entre ambos. E o tom, dada as circunstâncias, poderia ser trágico. Sua mulher, vítima de uma degeneração incurável, desfalecia diante de seus olhos. Após escrever esta longa carta, ambos decidiram tomar a maior das decisões românticas, estabelecida desde Romeu e Julieta: o suicídio. Ambos partiram no dia 22 de setembro de 2007. "Partiram juntos porque não seria possível para ele viver um segundo sequer sem a presença dela", como diz Ecléa Bosi na orelha da obra. Vôo literário para ser realizado em uma única e intensa leitura. Um dos grandes lançamentos deste ano. *Por Arthur Dantas*

OSGEMEOS . The Flower In The Garden Were Planted By My Grandparents

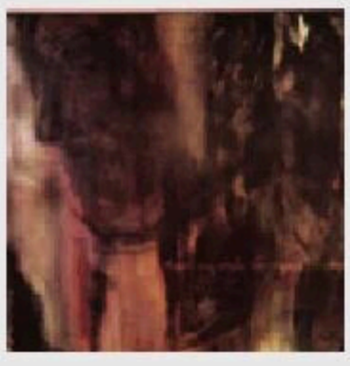
***Het Domein* . 2007**

O conceituado museu europeu de arte contemporânea, Het Domein, na Holanda, organizou no final do ano passado a exposição The Flowers in This Garden Were Planted By My Grandparents (As flores deste jardim foram plantadas pelos meus avós), dos irmãos Pandolfo e Gustavo, OsGemeos. Para a ocasião, o próprio museu lançou um livro da dupla. Além das imagens de trabalhos em exposições na Europa, o livro também mostra a expo em São Paulo, na Galeria Fortes Villaça em 2006, e os incríveis detalhes de palco do lendário show do Siba no Itaú Cultural. É o primeiro livro dos caras, com uma boa compilação dos trabalhos nos últimos anos. Mas não é de exposições que o livro trata, mas sim do fascinante mundo dos personagens retratados pela dupla, e seu diálogo com o mundo real. OsGemeos são brasileiros que pintam de forma sem igual, um cenário rico de brasilidade. Uma arte que nasceu do grafite das ruas do bairro do Cambuci, em São Paulo, não perdeu suas raízes e seus significados, e foi amadurecer com a experiência vivida em outras terras. Um texto de Renato da Silva e citações do próprio Siba Veloso, percorrem as páginas do livro e complementam a narrativa das cores, dos detalhes e das cabeças. Não é difícil encomendar o livro pela internet. Vale a pena. ◂ *Por Alexandre Vianna*

Vida Louca . Jaime Martín

***Conrad Editora* . 2008**

A premiada HQ Sangre de Barrio, aqui chamada oportunamente de Vida Louca, mostra que mesmo no primeiro mundo, mente vazia é oficina do demônio. Se nas periferias dos grandes centros brasileiros, a falta de perspectiva grita nos ouvidos da juventude a mensagem do crime como atalho para uma vida mais "digna", parece que na periferia de Barcelona dos anos 1980 não era muito diferente. Tire o rap, coloque rock espanhol com atitude casca grossa, à Slade e AC/DC, tire jaquetas estufadas e bonés e coloque jaqueta de couro e calça jeans velha. De resto, o que Jaime Martín narra com inteligência e beleza (Martín parte de um referencial naif à moda dos Archie Comics americanos e senta a mão num ambiente p&b pouco nuançado, rústico, que definiu muito da HQ underground espanhola) a história de Vicen, um aspirante a vida loka em um bairro barra-pesada, com poucas perspectivas de emprego, família desestruturada e uma bela garota que quer ajudá-lo. Mesmo assim, Vicen acaba sucumbindo aos tortuosos caminhos do crime. Banal, podem dizer. Mas vá lá: um Scorcese ou um Tarantino costumam extrair de situações prosaicas e violentas material para discutir a condição humana ou contar boas histórias, pura e simplesmente - Jaime Martín consegue um pouco de cada, o que não é pouca coisa. ◂ *Por Arthur Dantas*

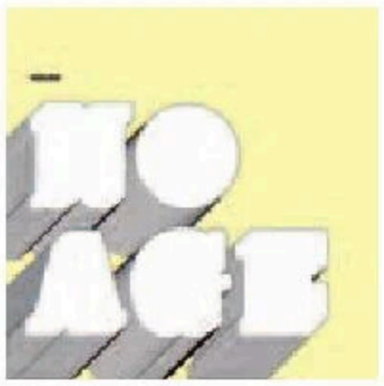


D.E.R . Quando A Esperança Desaba

***Cospe Fogo Discos* . 2008**

Em menos de vinte minutos, um tratado niilista e apocalíptico que só o grind core pode oferecer. Vá lá: se você é minimamente antenado com o tal do novo rock tão em voga por aí, já deve ter sentido a fedentina de um eterno retorno a bandas da década de 1980 (sempre muito superiores), um oba-oba infinito e frívolo, e a divulgação de um estilo de vida e estética no qual a juventude do planeta clama por slogans vazios e rezam segundo a cartilha da moda do momento. Certo? Pois é, o grind core é desde sempre a resposta desesperançada a tudo isso. Ninguém se orgulha numa festa descolada de ouvir grind core, ninguém escuta esse tipo de música se quer ser cool. Grind core é musica papo-reto. E violenta. E rápida. E suja. E pessimista. "O controle da maioria. A sociedade que não se transforma. A moral e os segmentos. O desfruto da vida contemporânea. A verdade, os padrões... O que eles realmente querem é induzir o modo de pensar o que as instituições querem que elas pensem (dois pontos uma solução)". Precisa ser mais direto? É isso que o D.E.R oferece: uma visão desapaixonada do que o mundo moderno pode nos oferecer, embaladas por letras sagazes, riffs que não devem nada a um Napalm Death, baixo e bateria mantendo o desconforto na melhor tradição de um Fear Of God, devidamente embalados numa produção esmerada e moderna. Num mundo irracional, eles dizem que "ainda há uma razão, mesmo que tudo se torne impossível e que não exista possibilidades". Minutos de sabedoria de fato! ◂ *Por Arthur Dantas*

+REVIEWS



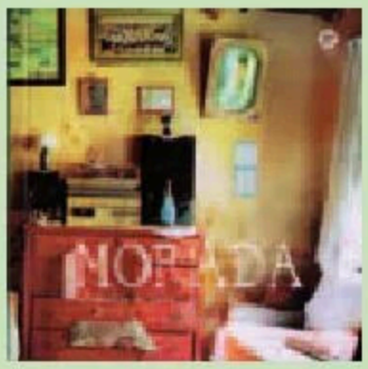
⏩ No Age . Nouns

Sub Pop . 2008

Um ano após lançar cinco EPs por cinco diferentes selos num mesmo dia, material que foi posteriormente editado e compilado na coletânea Weirdo Rippers, o duo de Los Angeles No Age lança seu primeiro disco propriamente dito, intitulado Nouns. O álbum abre com "Miner", e logo de cara nos deparamos com a massa sonora que Dean e Randy conseguem criar através do uso de samplers, lembrando por momentos o My Bloody Valentine. As faixas são curtas, somente duas passam da casa dos dois minutos, e o som está alinhado com o punk e hardcore dos anos 80.

Deixando o lado musical de lado, é legal falarmos sobre o modus operandi da banda. A dupla toca praticamente em qualquer lugar, passando por clubes All Ages e mercearias vegan. Envolvidos com a cena de arte de Los Angeles, junto com o disco você leva um livro de 68 páginas com fotos e artes. Uma ótima sacada para o tempo de vacas magras que a indústria fonográfica vem enfrentando.

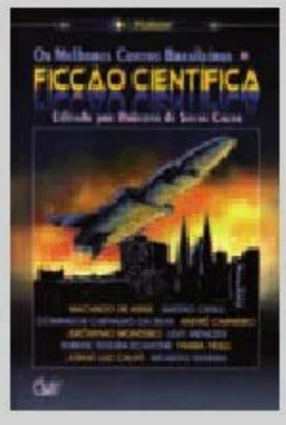
Deixando tudo de lado, esse é um disco que dá gosto de fazer propaganda. Afinal de contas, hoje em dia é difícil encontrar aquela música que dá vontade de ouvir no talo. Em uma palavra: fodaço. ◂ *Por Rodrigo Brasil*



⏩ Morada . Fotos de Guma e textos de Allan da Rosa

Edições Toró . 2007

Morada é um ensaio poético fotográfico, parceria de Allan da Rosa com o fotógrafo Guma. É uma reflexão forte sobre a questão da propriedade, do viver nas periferias, sem o tom alarmista ou de pessoas sujeitas ao sofrimento. Não: o que o livro mostra, ressaltados pela poesia contagiante e contaminada de africanidade de Allan, são os paralelos entre a moradia dos ancestrais, quilombos e senzalas, e a condição atual, de uma dignidade que brota do chão, do trabalho, do desarranjo de moradias precárias que se enchem de dignidade e afeto pela relação que as pessoas criam nesses espaços. "E como eu esparramasse,/braços se abrindo em ânsia de crescença/por dentro de uma parede./E como eu, pescoço travado querendo movimento/vagarosa cãibra no caibro/por dentro viga." Ou "O corpo um corguinho. O olhar, ponte bamba. O passo uma/enxurrada de pertences valiosos, rachados na correnteza das tretas./Em cactus de pau adiamos nossa sede". As imagens desses versos, fortaleza no equilíbrio bailarino de casas mal-constituídas, exemplificam e expandem a força dos retratos. Inspirador. ◂ *Por Arthur Dantas*

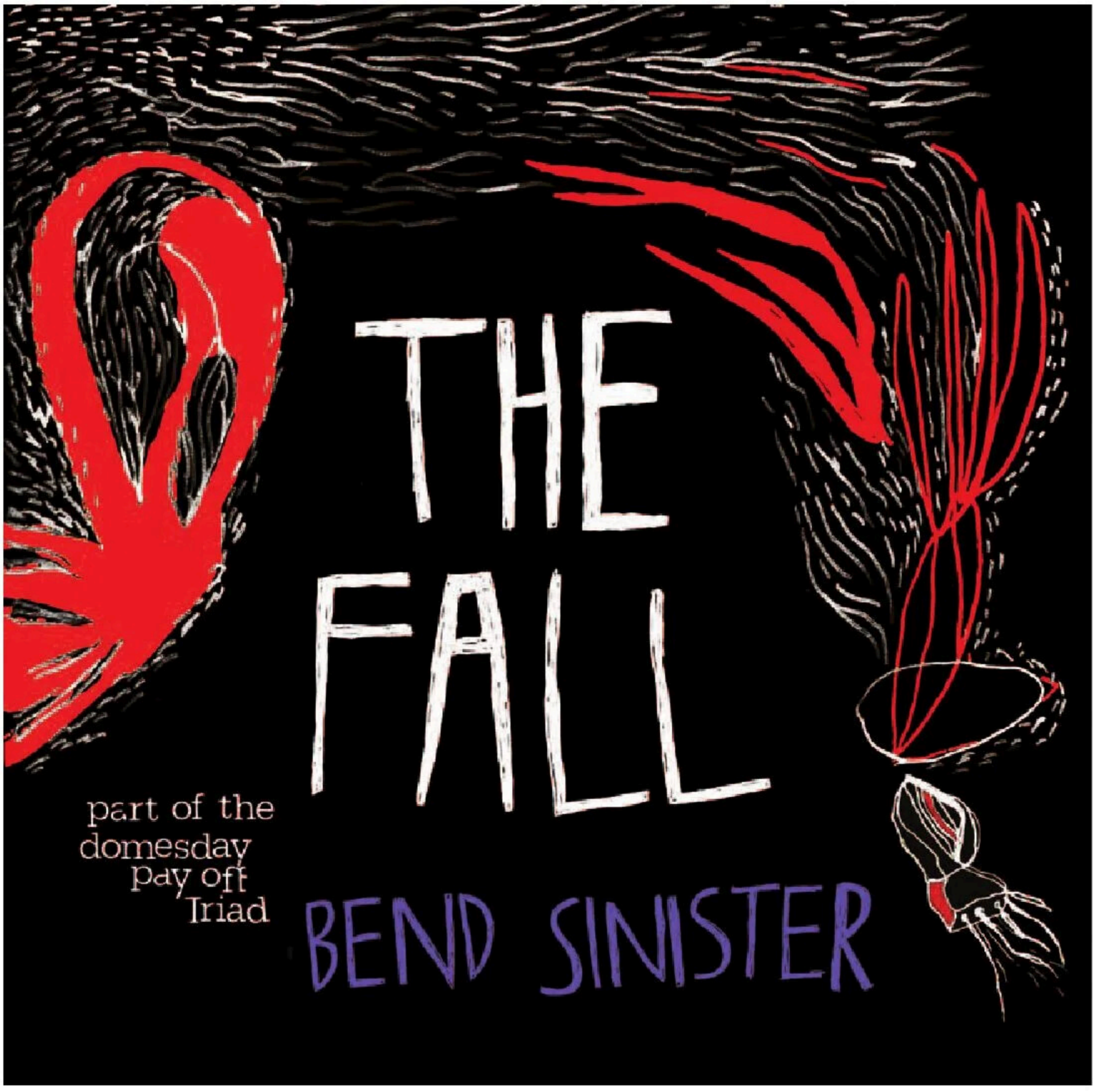


⏩ Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica

Devir Editora . 2008

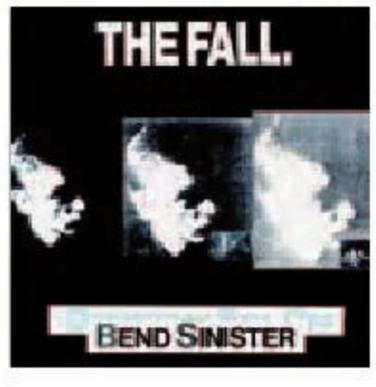
Ficção científica, definitivamente, nunca emplacou no Brasil. Nos Estados Unidos, Ray Bradbury, Kurt Vonnegut, Ursula Le Guin e Thomas Pynchon são escritores conceituados e têm um papel definitivo na literatura americana. No Brasil, ainda que de forma marginal, é um gênero vivo, com fases bem delineadas, lida entusiasticamente, amplamente divulgada, estudada e ligada a grandes questões do nosso país. O grande mérito desta coletânea organizada por Roberto de Sousa Causo - um dos maiores escritores e pesquisadores do gênero no país - é pontuar historicamente o gênero, com textos que vão de 1882 a 1997, ótimas introduções a cada autor e uma introdução geral informativa. São onze autores importantes para o gênero, do maior autor de nossas letras, Machado de Assis, até André Carneiro - um valor gigante a ser conhecido. A sci-fi nacional (como é conhecido o gênero entre os fãs) não busca tanto o caráter distópico tão comum a uma parcela significativa da produção no exterior, que vai de George Orwell a Vonnegut, e sim o seu filão que trata da inaptidão e inadequação individual, expressa sobretudo na experiência do contato entre humanos e alienígenas ou de pessoas que apresentam alterações psíquicas ou estranhos poderes. Os contos de Rubens T. Scavone (uma garota que se isola do mundo exterior e passa a produzir imagens mentais que ganham vida - até seu estranho desfecho) ou de Roberto Causo (em que um artista confronta o público com a idéia de mostrar dois tipos de "beleza" e a humanidade reencontrada entre as pessoas advinda da chegada de aliens ao planeta) são grandes exemplos dessa tendência. O esmero da edição e a qualidade dos contos selecionados dão ao livro a medida exata do brilho da "literatura de idéias do século XX" em nosso país. ◂ *Por Arthur Dantas*

+VERSÕES E SUBVERSÕES



Elisa Cardoso

Ele é feio, sujo, mal humorado, ranzinza. Ele é o rei dos chatos.
Mark E. Smith (líder do The Fall) é o cara. Eu adoro este disco.
Se pudesse escolher ser uma rocker, eu queria ser a Brix Smith em Bend Sinister.



Oficina de Zen-Shiatsu

Por **Gustavo Mini** . Ilustração Bruno Kurru

Uma pessoa deitada à minha frente no tatame. Uma pessoa: dois braços, duas pernas, uma cabeça, tronco e, destaco, uma mente. Cobrindo uma parte considerável do corpo, há músculos enrijecidos - não por musculação ou exercícios, mas pelo simples andar intenso dos dias. É assim com todos. De diferentes maneiras, todos usamos um pouco nosso corpo como depósito do que nos acontece. Como um armário, as coisas vão se empilhando. Como um armário, existe uma parte mais aparente (na qual algumas pessoas costumam dar uma ajeitada rápida) e outra mais profunda, cuja limpeza demanda, mais do que atenção, um bom motivo para ser mexida.

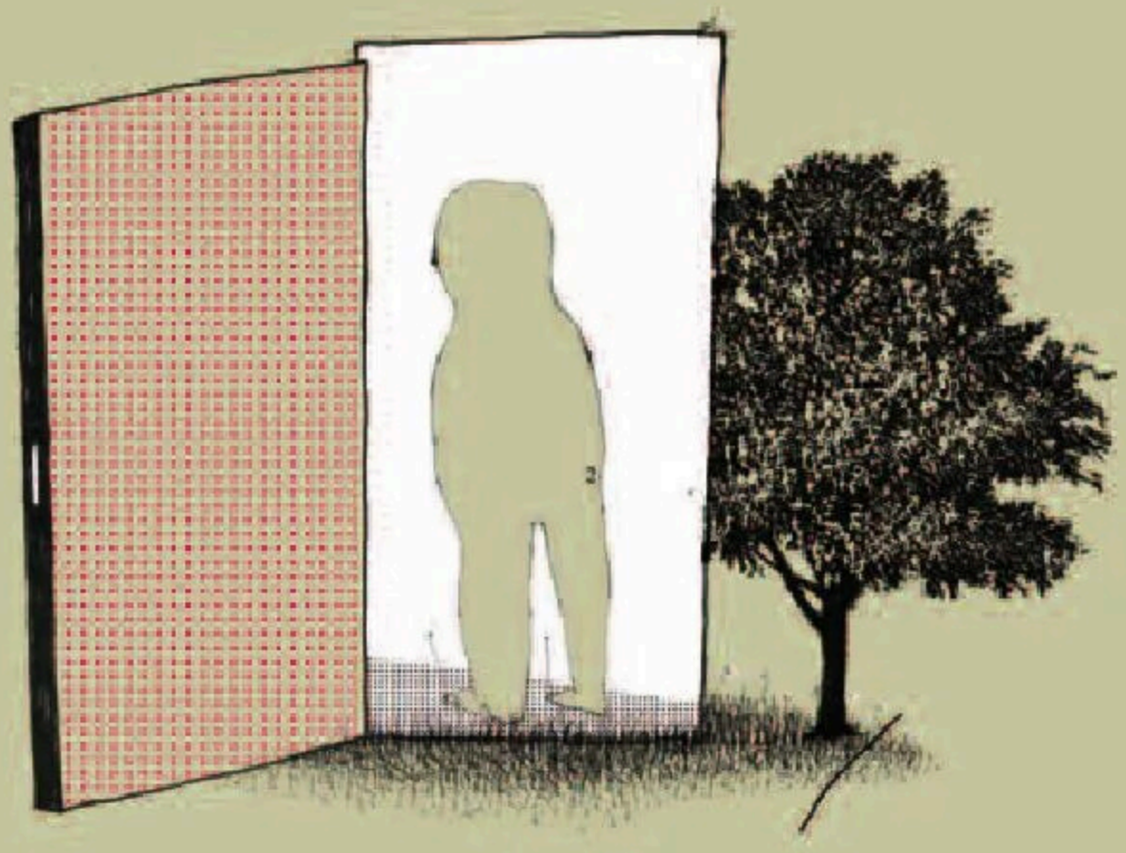
Dois polegares, trabalhando juntos, em dupla, são instrumentos eficientes no lidar com esse armário. Eu me curvo o mais atento que é possível naquele dia (às vezes não muito), junto os polegares e deixo que o peso do meu corpo chegue até os polegares. Eles pressionam o músculo endurecido enquanto respiramos: eu, a pessoa no tatame, meus polegares, seus músculos, meus pensamentos, seus ruídos. Damos todos uma boa respirada, caso eu consiga não cruzar a linha que determina quando termina a intenção e quando começa a invasão.

Quando aplico zen-shiatsu em alguém, também recebo. Sem o músculo doente, não haveria a possibilidade de promoção dos meus polegares. O refino da minha atenção (e da minha intenção) é, nesse caso, totalmente dependente do músculo duro empurrando meu dedo de volta. Sua resistência é causa de mudança em mim também. A força contrária viaja pelos meus polegares e toma conta de toda minha pessoa. A inspiração, a expiração, a inclinação e a consciência são convidadas a dançar. Sem precisar ir a uma festa, a dança me faz mais suave, mais alegre e mais ligado.

Não dá para dizer exatamente onde começa e onde termina o zen-shiatsu. E nem qualquer atividade. Com a música é a mesma coisa. Há uma intenção de tocar, cordas sendo manipuladas, som produzido, ouvidos recebendo o som e uma mente processando tudo. Nada disso sozinho constitui um show. O ouvido que bem recebe e o ouvido que mal recebe também são responsáveis pela experiência. Nada é mérito próprio, não há um elo ou uma figura singular que possa apreender o sucesso ou mesmo o fracasso. **São todos veículos fluídos.**

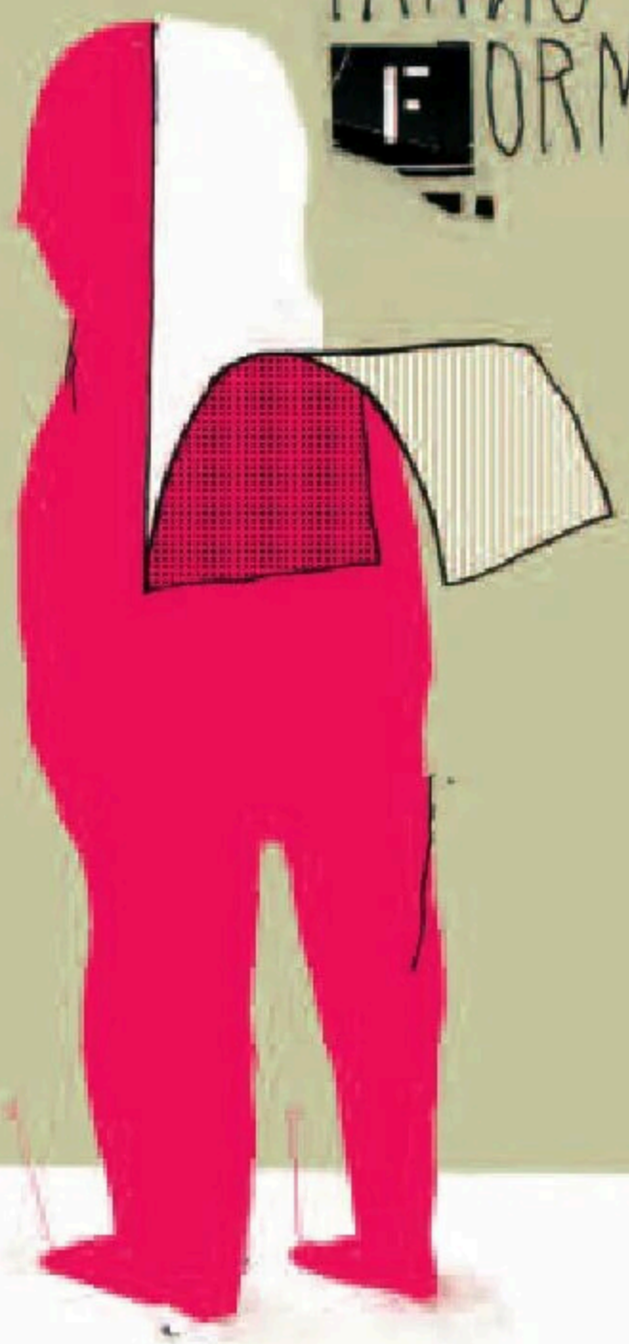
Da mesma forma, essa é uma compreensão inútil sob a forma de estalo ou epifania. Em outras palavras: é fácil absorvê-la em nossos elaborados esquemas intelectuais. Mas é um pouco mais trabalhoso integrá-la de forma prática ao dia-a-dia. Sem a repetição continuada por anos a fio, não haverá familiaridade com a idéia de que você co-escreve esta coluna comigo a cada palavra que lê. E tudo terminará apenas como um gancho para um final espertinho de texto.

Gustavo Mini é editor do blog Conector
www.conector.blogspot.com



FOCO NA TRANSFORMAÇÃO

EM



DE BRENO TAMURA:

DIAS de um FANTASMA SUICIDA Ep.5

TRILHA SONORA
AFGHAN WIGHS-BE SWEET

EM UMA LIGAÇÃO ERRADA ELES SE CONHECERAM...

BLAH BLAH BLAH BLAHBLAH BLAH BLAH

...NÃO MUITO DEPOIS ELE ACHOU QUE JÁ ERA HORA DE ALGO MAIS SÉRIO...

...E SE CASARAM.

NUMA CERTA NOITE, PARA "APIMENTAR" O CASAMENTO ELE SUGERIU ALGO NOVO...

AQUELA FOI A MELHOR NOITE DA VIDA DELA.

MESES SE PASSARAM E OUTRAS COISAS APAGARAM AQUELA NOITE

ANO PASSADO ELA LEMBROU.

QUE SUA VIDA NÃO TINHA MAIS ALEGRIA.

E A ÚNICA COISA QUE PASSAVA PELA SUA CABEÇA ERA...

...ELE DEVIA SER PUNIDO.

+ENDEREÇOS

2nd Floor .
Rua Oscar Freire . 990 . Jardins
São Paulo . SP
11 3061 2900
www.cavalera.com.br

Adidas
Rua Oscar Freire . 1057 . Jardins
São Paulo . SP
11 3062 2805
www.adidas.com

Alexandre Herchcovitch .
Rua Haddock Lobo . 1151 . Jardins
São Paulo . SP
11 3063 2888
www.alexandreherchcovitch.com.br

Bar do Zé Batidão
Rua Bartolomeu dos Santos . 797
Taboão da Serra .São paulo . SP

Bottero
51 3543 5400
www.bottero.com.br

Cantão .
www.cantao.com.br

Cavalera .
Alameda Lorena . 1682 . Jardins
São Paulo . SP
11 3083 5180
www.cavalera.com.br

Cia de Foto .
Rua Amaro Cavalheiro . 316/318 .
Pinheiros . São Paulo . SP
11 3034 6269
www.ciadefoto.com.br

Conrad Editora .
Rua Simão Dias da Fonseca . 93 .
Cambuci . São Paulo . SP
11 3346 6088
www.conradeditora.com.br

Cosac Naif
Rua General Jardim . 770 . Segundo Andar
Vila Buarque . São Paulo . SP
www.cosacnaif.com.br

Cospe Fogo Gravações .
www.cospefogo.com

Devir Livraria
Rua Teodureto Souto . 624 . 630
Cambuci . São Paulo . SP
www.devir.com

Edições Toró
Rua Afonso Vaz, 141 . Fundos
Pirajussara . São Paulo . SP
11 4786 4620

Editora Agir
Rua Nova Jerusalém . 345
Bonsucesso . Rio de Janeiro . RJ
21 3882 8200

Element .
Rua Oscar Freire . 909 . Jardins
São Paulo . SP
11 3081 2798
www.elementskateboards.com

Ellus .
Rua Oscar Freire . 990 . Jardins
São Paulo . SP
11 3082 3120
www.cavalera.com.br

Famiglia Baglione
www.baglione.blogspot.com

Graça Ottoni
31 3371 1518
www.gracaottoni.com.br

Ivan Aguilar
27 3345 8139
www.ivanaguilar.com.br

La Petite Chambre
www.myspace.com/lapetitechambre

Luiza Barcelos
31 2102 010
www.luizabarcelos.com.br

Nike .
www.nike.com

Osklen .
Rua Oscar Freire . 645 . Jardins
São Paulo . SP
11 3083 7977
www.osklen.com.br

Plastik .
Rua Dr. Melo Alves . 459 .
Cerqueira César . São Paulo . SP
11 3081 2056
www.plastiksp.com.br

Quilksilver
11 3366 9280
www.quilksilver.com

Sebo Móbile .
Praça Carlos Gomes . 117
São Paulo . SP
11 3242 6321

Subpop
www.subpop.com

Têca
Alameda Franca . 1342
São Paulo . SP
11 3085 4476
www.tecateca.com.br

Ten Model .
Rua Iguatemi . 448 . 1 andar
São Paulo . SP
11 3702 1313

Triton .
Rua Oscar Freire . 993 . Jardins
São Paulo . SP
11 3085 9089
www.triton.com.br

Volcom .
Alamenda Lorena . 1835
Jardins . São Paulo . SP
11 3083 1883
info@surfco.com.br

V-Rom .
Alameda Lorena . 1922 .
Jardins . São Paulo . SP
11 3063 5823
www.vrom.com.br

PURO MALTE, ÁGUA PURA, CEREAIS PUROS.
ENFIM, A CERVEJA É TÃO PURA
QUE A GENTE NEM SABE POR QUE
ACABOU LEVANDO ESSE NOME.

DEVASSA
Um tesão de cerveja

BEBA COM MODERAÇÃO.

SE VOCÊ NÃO EXPÕE SUAS IDÉIAS,
ELAS DESAPARECEM.

SOMA

NIKE SB

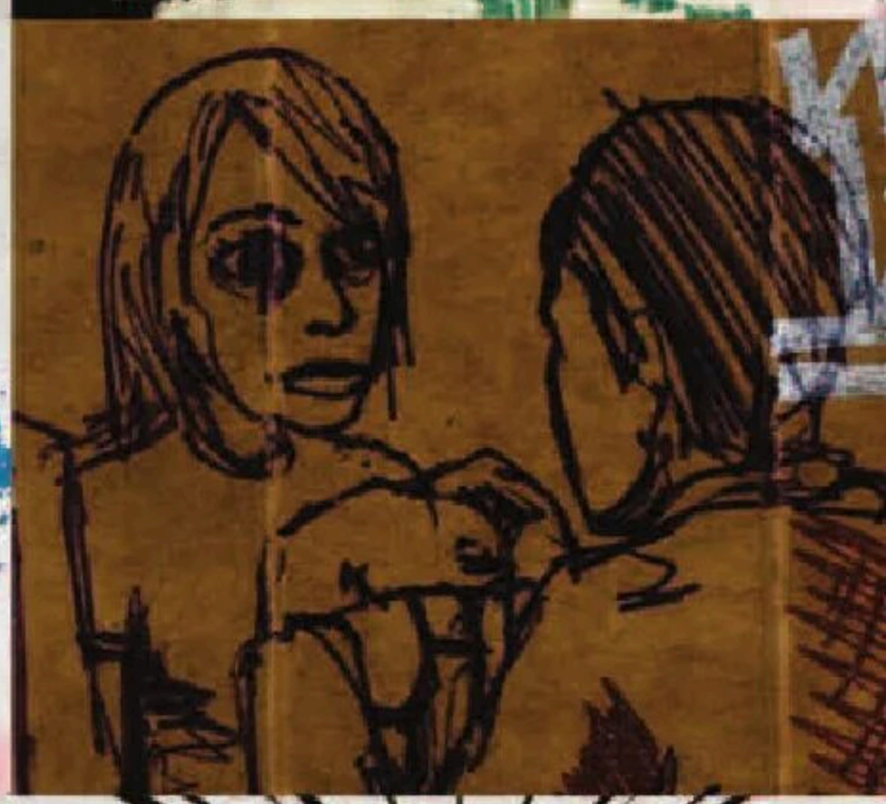
PAUL RODRIGUEZ

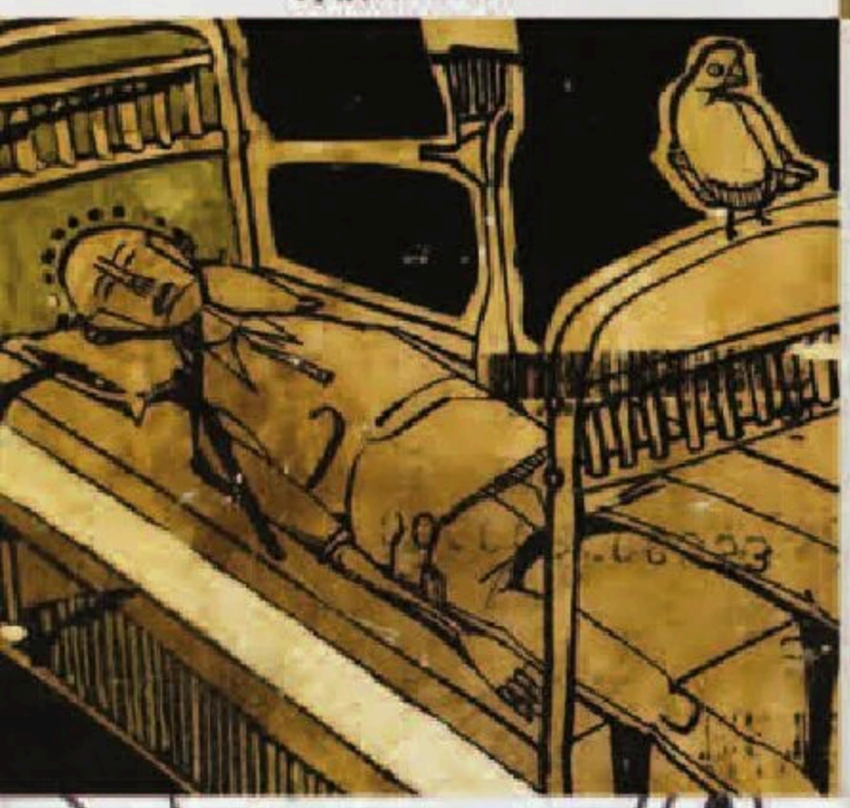
ZOOM AIR P-ROD II.

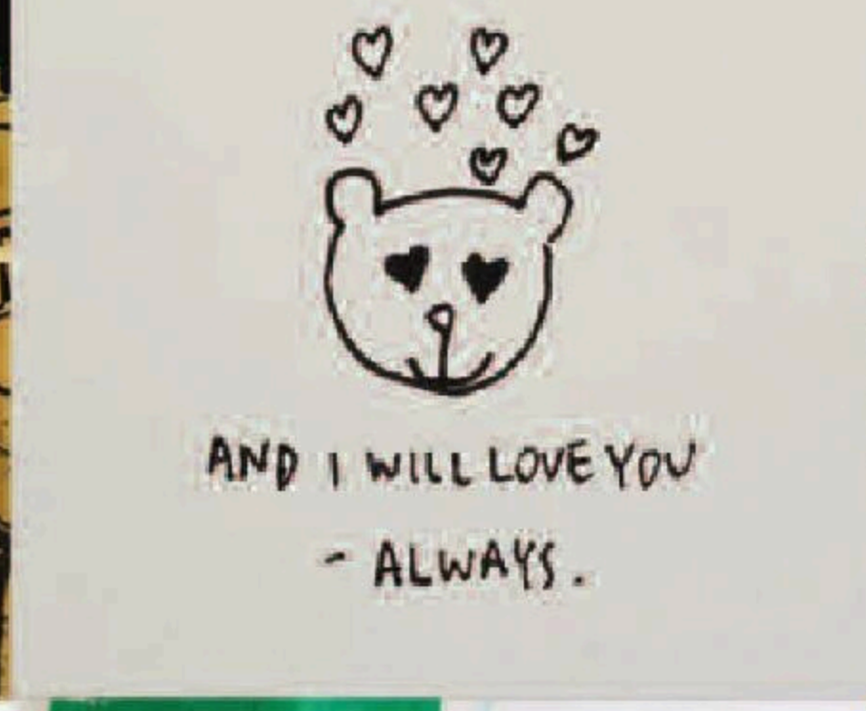
little
Trouble
girl

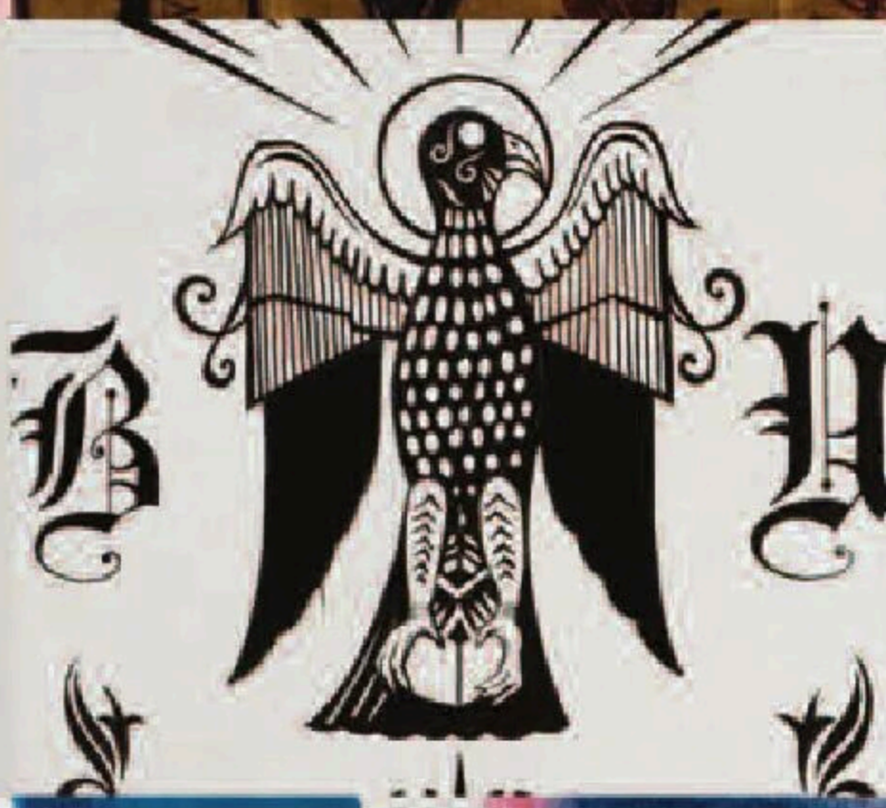
NOW I
CAN'T SING
A
LOVESONG
LIKE THE WAY
IT'S MEANT TO BE

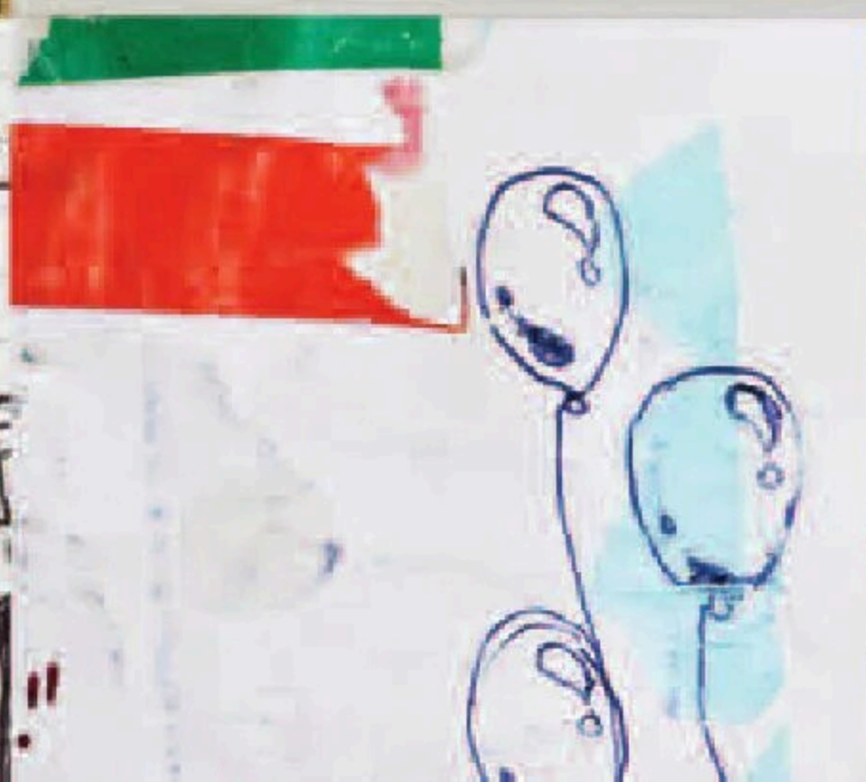
TODA
LEMBRANCA
EH EMOCAO
SANGRANDO






AND I WILL LOVE YOU
- ALWAYS.





+SOMA
"SKETCHBOOKS"
APOIO:
NIKE